

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO, ENSINO E LITERATURA: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA
MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (1973-1991)**

ALFREDO BEZERRA DOS SANTOS

SÃO CRISTÓVÃO

2022

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO, ENSINO E LITERATURA: A TRAJETÓRIA DA PROFESSORA
MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (1973-1991)**

ALFREDO BEZERRA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, sob a orientação da Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição.

**Área de Concentração: Educação
Linha de Pesquisa: História da Educação**

SÃO CRISTÓVÃO

2022

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237e Santos, Alfredo Bezerra dos
Educação, ensino e literatura : a trajetória da professora Maria da Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1973-1991) / Alfredo Bezerra dos Santos ; orientador Joaquim Tavares da Conceição. – São Cristóvão, SE, 2022.

143 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe, 2022.

1. Educação. 2. Professores – Vida intelectual. 3. Educação – Sergipe – História. 4. Literatura – Estudo e ensino. 5. Criação (Literária, artística, etc.) – Projetos. I. Universidade Federal de Sergipe. Colégio de Aplicação. II. Reis, Maria da Conceição Ouro (Professora). III. Conceição, Joaquim Tavares da, orient. IV. Título.

CDU 37.011.3-051(813.7)(091)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



ALFREDO BEZERRA DOS SANTOS

"Educação, ensino e literatura: A trajetória da professora Maria da Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1973-1991)"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 31.08.2022

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª João Paulo Gama Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. José Genivaldo Márires
Universidade Federal de Sergipe / UFS

Prof.ª Dr.ª Laisa Dias Santos
Universidade Tiradentes / UNIT

Prof. Dr. André Luiz Paulilo
Universidade de Campinas / UNICAMP

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o criador, por tudo e pela gentil oportunidade de vida a mim concedida.

Agradeço aos meus pais (*In Memoriam*) Alfredo e Cosma Bezerra, por gestos de carinho, companheirismo, direcionamentos éticos, desafios que enfrentaram para manutenção da família, e por tudo mais aqui não traduzido. Ela, a maior poesia que já encontrei, ele, na saudade, pois só o conheci pelas memórias de minha mãe.

Ao meu orientador, professor Joaquim Tavares da Conceição, pesquisador incansável, que muito conta para o desenvolvimento da pesquisa em História da Educação em Sergipe, para dizer o mínimo. Muito grato, professor, abraço.

Ao professor André Luiz Paulilo, pela cordialidade ao lidar com educadores e pesquisadores, pelas ressalvas críticas, pelas cuidadosas observações enunciadas, colocações e propostas que contribuíram imensamente com o entrosamento de conceitos, organização e desenvolvimento desta pesquisa.

Ao professor João Paulo Gama Oliveira, por importantes sugestões e observação que tornam esta pesquisa mais estruturada e a professora Laísa Dias Santos, pelos cordiais comentários que contribuíram com o andamento desta pesquisa.

Aos professores José Genivaldo Martires e Ricardo Costa dos Santos, colegas do Colégio de Aplicação. A ambos pelas valiosas observações desde o início destes estudos e ao primeiro também por preciosos direcionamentos, sugestões de inclusões, observações ponderadas, sugestões de leitura, pronunciamentos que muito contribuíram nesta pesquisa, além da colaboração efetiva por disponibilidade de materiais, enfim, muito gratos professores. Abraços.

Aos colegas do Colégio de Aplicação, em especial, a Marlucy Mary Gama Bispo, uma magnífica colega de trabalho, defensora da inclusão, pessoa honrada e de uma visão ímpar na melhoria educacional, que exprime os melhores ideais desejando o bem-estar humano; e Alessandra Pereira Gomes Machado, outra valiosa colega, que abraçou tarefas de ensino para nos ajudar nesta caminhada, obrigado a ambas.

As professoras Marilene Batista da Cruz Nascimento, Josefa Eliana Souza, Dinamara Garcia Feldens e Aldenise Cordeiro Santos, pelas contribuições nesta travessia de pesquisa.

A Maria Mônica Ouro Reis Veras, que se dispôs com elegância a separar um tempo de suas tarefas diárias para colaborar com a entrevista, permitindo conhecermos mais sobre a professora Conceição Ouro, mantendo diálogo e prestando informações que enriquecem a história do Colégio de Aplicação e a memória da cultura e do ensino. Não tenho como pagar toda a sua gentileza, fica a Sra. no rol das pessoas que realizam ações impagáveis no contexto desta pesquisa, muito grato.

A Luzia Cristina Barreto Oliveira, que gentilmente dedicou seu tempo a revelar dados imprescindíveis a esta pesquisa e ao professor Manoel Messias de Vasconcelos, cuja disposição em colaborar com suas reminiscências é indescritível.

A professora Therezinha Belém e deixo um especial abraço pela conversa enriquecedora na entrevista sobre a professora Conceição Ouro.

A Sílvia Laporte e Gustavo Laporte, pessoas tão gentis, dinâmicas, e cujo interesse em ajudar na tarefa da pesquisa não tenho como recompensar.

A Ana Beatriz Cardoso Braz Petta, que muito colaborou, importando o seu relato com entusiasmo e disposição, ilustrando fatos da época relacionados à professora Conceição Ouro e a História Sergipana, fico muitíssimo grato.

Ao Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS e a toda sua equipe. Um abraço especial aos colegas Patrícia, Andreza, Gabriela Cravo, Anne, Renilfran, e Paulo, linda equipe, compromissada.

A Academia Literária de Vida (ALV) e as suas memoráveis escritoras, que dão uma contribuição impagável a esta pesquisa, à memória da educação, à cultura e a literatura sergipana: Shirley Rocha, Sandra Natividade, Cléa Brandão. Cada uma de vocês foram tão amáveis, ainda me deixando saudades. E conforme diz o professor Messias, “Deus lhes pague”. Agradecimento em conjunto e em particular. (Por isso em dobro).

A escritora Shiley Rocha, fico imensamente grato pela conversa sobre a professora Conceição Ouro e pela ajuda com materiais que deram suporte ao desenvolvimento desta pesquisa. Muitos abraços.

A escritora Sandra Natividade pela agradável conversação sobre a professora Conceição Ouro, além da disposição em ajudar sem rodeios, e sempre no momento a que recorri, muito obrigado.

A escritora Cléa Maria Brandão de Santana, pelos diálogos estabelecidos retomando memórias de sua professora e companheira de ideais literários, Conceição Ouro, gratíssimo.

Aos colegas de classe, notáveis estudiosos, mestres e companheiros, em especial a Viviane Novaes de Souza, Guilherme Henrique da Silva, Ednício Domingos da Silva, Genelúcia Cruz Santana, Viviane Mota de Gois, José Fonseca da Silva, Giulia Pereira Santos.

A Débora Dacio, companheira de todas as horas que com tranquilidade e simpatia nos auxiliou em meio a esta jornada.

Afora os agradecimentos dedico este estudo a João Guilherme, Débora Menezes e Adonias Menezes, minhas altas realizações, que estão à frente de minhas aspirações. E também a saudosos ex-colegas do Colégio de Aplicação tais quais Adailton Novais, Vera Lúcia Martins, Sandra Maria Ribeiro, Hernany Donato, Maria Josefa Almeida. E aos estudantes ou leitores que por esta pesquisa se interessarem.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta compreensões historiográficas a respeito da trajetória da professora Maria da Conceição Ouro Reis (1973-1991), enfatizando sua produção literária e relação deste fato com seu magistério no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. O Colégio, neste contexto, será reconhecido como o lugar das experiências da referida professora e como o ambiente de maior projeção de suas ações no ensino, embora também ela registre participação docente em mais de um estabelecimento do meio educacional, como a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o Colégio Atheneu Sergipense e escolas particulares. Nesta pesquisa, a hipótese defendida é a de que as atividades didáticas da professora Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação foram marcadas pelo uso da literatura como recurso para incentivar a criação e práticas de escrita dos estudantes. O objetivo principal da pesquisa foi compreender aspectos da prática docente da professora Conceição Ouro no Colégio de Aplicação da UFS. Neste sentido, as seguintes etapas foram priorizadas como objetivos específicos: a) Analisar aspectos da formação e atividade docente da professora; b) Identificar a sua produção literária e a relação deste fato com a prática docente; c) Examinar projetos literários desenvolvidos por ela no Colégio de Aplicação; d) Investigar a influência literária em processos de escrita dos alunos do Colégio de Aplicação. O estudo segue apontamentos da história cultural, debatendo a história da educação do professorado a partir de um referencial determinado (narrativa de trajetória no magistério), com a contribuição da história oral. As fontes eleitas são livro de atas, livros didáticos, jornais, o acervo pessoal da professora e sua produção literária e pedagógica, entre outras. O levantamento documental foi realizado no acervo do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap), acervos digitais e acervos pessoais. Além das fontes escritas, empregou-se a metodologia da História Oral, foram utilizados relatos orais coletados por meio de entrevistas com ex-alunos da professora Conceição Ouro; ex-colegas professores, colegas de publicação, cuja escolha se dá porque tais indivíduos marcam relações de diálogo, de trabalho, de experiências na escola e na sociedade, representando, assim, a circulação da professora por diferentes espaços. Como resultado, evidencia-se que em sua iniciativa a professora interfere no quadro da educação, implantando a disciplina Literatura no Colégio de Aplicação, operando projetos de estudo em Língua Portuguesa, incentivando hábitos literários, levando o aluno a gestos autorais, deste modo, confirmando o pressuposto/hipótese de que o uso da literatura resultou no incentivo a práticas de escrita dos estudantes.

Palavras-chave: Conceição Ouro Reis. Colégio de Aplicação. História da Educação. Literatura. Trajetória docente.

ABSTRACT

This research presents historiographical understandings on the trajectory of the teacher Maria da Conceição Ouro Reis (1973 -1991), emphasizing her literary production and its relation to her teaching practice at the Laboratory School of the Federal University of Sergipe (UFS). The school, in this context, will be recognized both as the place of her experiences and as the environment where her teaching actions had greater projection, although there are records of her teaching participation in more than one educational institution, such as the Catholic Faculty of Philosophy of Sergipe, Atheneu Sergipense College, and private schools. This research defends the hypothesis that the use of literature as a resource to encourage students' creation and writing practices marks the didactic activities of the teacher Conceição Ouro Reis at the Laboratory School. The study sought to understand aspects of the teaching practice of Professor Conceição Ouro at the Laboratory School at UFS. In this sense, the following steps were prioritized as specific objectives: a) To analyze aspects of the teacher's training and teaching activity; b) To identify her literary production and its relation to her teaching practices; c) To examine literary projects she developed in the institution; d) To investigate the literary influence in her students' writing processes. The inquiry considers ideas from cultural history, debating the history of teacher education from a specific reference point (narrative of trajectory in the teaching profession), with the contribution of oral history. Sources underlying this work include proceedings book, textbooks, newspapers, the teacher's personal collection, along with her literary and pedagogical production, among others. Document gathering was carried out in the archive of the Center for Research, Documentation, and Memory of the Laboratory School (CEMDAP), as well as in digital and personal collections. In addition to written sources, the methodology of Oral History was used, oral reports were used. They were collected through interviews with former students of Conceição Ouro, ex-teacher colleagues, and publishing colleagues. The choice for those individuals is based on the understanding that they mark relationships of dialogue, work, and experiences both at school and in society, thus representing the teacher's circulation through different spaces. As a result, it is evident that, in her initiative, the teacher interferes in the education framework in several ways, namely: the implementation of the discipline of Literature in the Laboratory School; the development of Portuguese study projects; the encouragement of literary habits, leading students to authorial gestures. Therefore, the research confirms the assumption/hypothesis that the use of literature encouraged students' writing practices.

Keywords: Conceição Ouro Reis. Laboratory School. History of Education. Literature. Teaching trajectory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Professoras do Colégio de Aplicação da UFS – alunas da Prof. Ofenísia Freire no Colégio Atheneu Sergipense	25
Figura 2 – Fotografia da Prof. ^a Conceição Ouro Reis com 15 anos de idade	26
Figura 3 – Foto da professora Conceição Ouro na revista <i>Unica</i>	29
Figura 4 – Capa da Revista da Academia Literária de Vida (2012)	33
Figura 5 – Capa da Revista da Academia Literária de Vida (2015)	33
Figura 6 – Fotografia da Professora Conceição Ouro Reis (2020)	34
Figura 7 – Fotografia de professoras integrantes da Academia Literária de Vida (1994)	35
Figura 8 – “Edição Sergipe” do Jornal <i>A Tarde</i> – Publicação de estudo da prof. ^a Conceição Ouro intitulado Tobias Barreto	44
Figura 9 – Imagem do jornal <i>A Tarde</i> – Edição Sergipe, enfatizando entrevista da prof. ^a Conceição Ouro (1989)	48
Figura 10 – Fotografia da capa do livro <i>À sombra das acácias</i>	63
Figura 11 – Fotografia da capa do livro <i>A lagoa do fauno</i>	67
Figura 12 – Fotografia da capa do romance <i>Evelina</i>	70
Figura 13 – Imagem do convite de lançamento do livro <i>Evelina</i> (2014)	72
Figura 14 – Fotografia da capa do livro de contos <i>Os executores</i>	75
Figura 15 – Imagem da capa do <i>Projeto laboratório de criação literária</i> (1980)	78
Figura 16 – Imagem da capa do projeto <i>Laboratório de criação literária – poesia</i>	84
Figura 17 – Imagem da capa do projeto <i>Redigir bem ou a arte de comunicar-se</i> (1988)	93
Figura 18 – Imagem da página inicial do projeto <i>Monas – raízes profundas da criatividade</i>	101
Figura 19 – Imagem da capa do jornal <i>Genesis</i>	108
Figura 20 – Imagem da capa do jornal <i>Genesis</i>	109
Figura 21 – Imagens do jornal <i>Genesis</i>	110
Figura 22 – Imagens do jornal <i>Genesis</i>	111
Figura 23 – Imagem da capa do primeiro exemplar do jornal <i>Genesis</i>	114
Figura 24 – Imagens do jornal <i>Genesis</i>	115
Figura 25 – Imagem de página do jornal <i>Genesis</i> (1975)	116
Figura 26 – Imagem diagramática para representar os termos “Educação – Ensino Literatura”, ideais propagados no jornal <i>A Tarde</i> pela professora Conceição Ouro.....	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação das entrevistas utilizadas	20
Quadro 2 – Relação de professoras do Colégio de Aplicação da UFS, alunas da professora Conceição Ouro	27
Quadro 3 – Relação de professoras escritoras contemporâneas entre si no Colégio de Aplicação da UFS (décadas 1960-1990)	38
Quadro 4 – Textos literários e estudos publicados no jornal <i>Letras Sergipanas</i> por professoras do Colégio de Aplicação	40
Quadro 5 – Textos literários e estudos publicados por Conceição Ouro no jornal <i>A Tarde</i>	43
Quadro 6 – Publicações e/ou produções da professora Conceição Ouro mencionadas no jornal <i>A Tarde</i>	45
Quadro 7 – Textos sobre educação publicados no jornal <i>A Tarde</i> pela professora Conceição Ouro	47
Quadro 8 – Temas e objetivos das Unidades do <i>Projeto laboratório de criação literária</i>	80
Quadro 9 – “Parte prática” das Unidades do <i>Projeto laboratório de criação literária</i>	81
Quadro 10 – Relação de títulos das poesias publicadas pelos alunos no projeto <i>Laboratório de criação literária – poesia</i> (1980)	86
Quadro 11 – Notas e recomendações sobre a escrita apresentadas no projeto <i>Redigir bem ou arte de comunicar-se</i>	96
Quadro 12 – Relação de títulos de poesias e textos de diversos gêneros dos alunos do Colégio de Aplicação no jornal <i>Genesis</i> de 1975	114
Quadro 13 – Relação de títulos de textos de professores do Colégio de Aplicação, ou de Departamentos da UFS, professores convidados e personalidades da cultura sergipana que publicaram no jornal <i>Genesis</i>	117
Quadro 14 – Relação de títulos de poesias e de textos de diversos gêneros de alunas do Colégio de Aplicação no jornal <i>Genesis</i> de 1978	121

LISTA DE SIGLAS

ALV	Academia Literária de Vida
ASL	Academia Sergipana de Letras
ANNHIVIF	Associação Norte Nordeste das Histórias de Vida em Formação
BICEN	Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe
BIOgraph	Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cemdap	Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação
CES	Colégio Estadual de Sergipe
Cipa	Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)Biográfica
Codap	Colégio de Aplicação
EGBA	Empresa Gráfica da Bahia
FCFS	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GA	Ginásio de Aplicação
Gephed	Grupo de Pesquisa em História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas
Ierb	Instituto de Educação Rui Barbosa
MAC	Movimento de Apoio à Academia Sergipana de Letras
MCS	Movimento Cultural de Sergipe
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ASPECTOS DA FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA DOCENTE DA PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS	23
2.1 CONCEIÇÃO OURO REIS: PROFESSORA E ESCRITORA	23
2.2 UM QUARTETO DOCENTE DE LITERATURA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFS	37
2.3 A ESCRITA DA PROFESSORA CONCEIÇÃO OURO NA IMPRENSA: A COLUNA NO JORNAL <i>A TARDE</i>	41
3 CONCEIÇÃO OURO: A INTELLECTUALIDADE PELA CRIAÇÃO E PELO SABER	51
3.1 A QUESTÃO DA INTELLECTUALIDADE	51
3.2. CONCEITO LITERÁRIO E A FICÇÃO DE CONCEIÇÃO OURO	54
3.3 PRODUÇÃO LITERÁRIA DA PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS	61
4 A DIDÁTICA DOS PROJETOS: FOMENTANDO PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA	77
4.1 <i>PROJETO LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA</i>	77
4.2 <i>PROJETO LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA – POESIA</i>	83
4.3 <i>PROJETO REDIGIR BEM OU ARTE DE COMUNICAR-SE</i>	91
4.4 <i>PROJETO MONAS – RAÍZES PROFUNDAS DA CRIATIVIDADE</i>	101
4.5 O JORNAL <i>GENESIS</i> : DESENVOLVENDO A ESCRITA E A CRIATIVIDADE ARTÍSTICA	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
FONTES	131
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo compreender aspectos da atuação docente da professora Maria da Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, doravante Conceição Ouro, pondo em destaque sua atuação como professora e produtora de literatura. O estudo delimita como marco temporal o período compreendido entre os anos 1973, ocasião do ingresso da professora no quadro profissional do Colégio, e 1991, ano de sua aposentadoria neste ambiente educacional. O Colégio de Aplicação, nesse contexto, será reconhecido como o marco espacial, ou seja, o lugar das experiências da referida professora e como o ambiente de maior projeção de suas ações no ensino.

O objetivo principal da pesquisa é compreender aspectos da prática docente da professora Conceição Ouro no Colégio de Aplicação da UFS. Neste sentido, prioriza como objetivos específicos as seguintes metas: a) Analisar aspectos da formação e atividade docente da professora; b) Identificar a produção literária da professora e sua relação com a prática docente; c) Examinar projetos literários desenvolvidos pela professora no Colégio de Aplicação; d) Investigar a influência literária em processos de escrita dos alunos do Colégio de Aplicação.

Esta pesquisa desenvolveu-se durante o período da pandemia, momento referente à crise biológica que atingiu a sociedade precipitando milhões de mortes e impondo graves modificações sociais. O Boletim Epidemiológico Especial (BRASIL, 2022), por exemplo, enunciou quantidade de mortes por Covid: 5.484.782 no mundo, e no Brasil 619.937, até o dia 8 de janeiro de 2022 (BRASIL, 2022). A pandemia em função da Covid-19, e seu agente SARS-Cov-2, foi uma catástrofe que trouxe impactos brutais e duras consequências, ao suprimir vida de milhões de pessoas. Tudo na sociedade se afetou: arte, ciência, trabalho, saúde, família, educação. E no setor educacional, pesquisa foram alteradas ou interrompidas, escolas ou instituições de ensino inteiras foram fechadas ou funcionaram com algum desfalque. A educação teve que enfrentar radicais alterações e adiamentos, incluindo setores de trabalhos acadêmicos. Nesse cenário de desfavorecimento é que esta pesquisa foi tomando forma, procurando estabelecer sentidos, enquanto a sociedade, em geral, e as instituições de ensino procuraram reerguer sua habitual dinamicidade.

Apesar da situação há pouco descrita, este trabalho acadêmico persistiu e se desenvolveu no campo dos estudos de educação relacionados à história. Em vista disso, a pesquisa sobre a docente retoma a trajetória de vida da mencionada professora e observa procedimentos

priorizados pela professora para envolver o aluno, construindo pelo canal da literatura, o seu fazer pedagógico. E, ainda mais, inscreve-se no âmbito de pesquisas da área da História da Educação que valorizam a compreensão de trajetórias e práticas docentes. A este respeito podem ser indicadas pesquisas que abordam professoras e suas trajetórias docentes no Colégio de Aplicação da UFS, efetuadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS (MACIEL, 2016; MARTIRES, 2016; LOPES, 2020; SOUZA, 2017).

Esta pesquisa integra o projeto¹ “Identidade e responsabilidade histórica. Organização e preservação de documentos no Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação – UFS (Cemdap)²” que, entre outras finalidades, busca produzir compreensões historiográficas a respeito do Colégio de Aplicação e seus agentes educativos a partir da utilização como fontes de documentos do acervo do Cemdap. A pesquisa também partilha do conjunto de pesquisas desenvolvidas ou em desenvolvimento na esfera do Gephed/UFS³, especialmente a respeito de professoras intelectuais sergipanas e suas atuações em espaços de sociabilidade (LOPES, 2020; MARTIRES, 2020; SOUZA, 2017; SILVA, 2016 e sobre a forma escolar denominada “colégio de aplicação”⁴. De igual modo, são referências a trabalhos que enfocam, em diferentes perspectivas de análise, o Colégio de Aplicação da UFS e apresentam compreensões importantes para o desenvolvimento desta pesquisa (NUNES, 2008; MACIEL, 2016; MARTIRES, 2016; MARIZA, 2016; SILVA, 2016; SANTOS, 2020; ALMEIDA, 2021).

A escolha da pesquisa no cenário da escolarização se dá porque, primeiro, é na educação que atualmente se observa a atividade da minha prática profissional, e é aí, no Colégio de Aplicação da UFS, que se localiza o espaço no qual desenvolvo relações com a educação, por meio do ensino ou da pesquisa; e também porque nosso intuito é manter diálogo com o campo educacional nos fixando à questão do professorado da área de língua portuguesa da instituição em curso. E, neste contexto, voltar-se à narrativa de professores de língua portuguesa, analisando, no caso específico, o trabalho da professora Conceição Ouro, cujo exemplo tipifica trajetória de professor da referida disciplina.

¹ Projeto de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição, financiado por meio de recurso financeiro da Chamada Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021.

² O Cemdap, idealizado e coordenado pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição, está localizado na Ala B do prédio do Colégio de Aplicação da UFS. Teve sua criação aprovada pelo Conselho do Colégio de Aplicação em 2016, e tem como objetivo geral manter-se fixo à “Captação, organização, preservação, disponibilização e difusão do patrimônio histórico educativo do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe”. A respeito do Cemdap, consulte: CONCEIÇÃO; NOGUEIRA, 2018; CONCEIÇÃO, 2021, 2022.

³ O Grupo de Pesquisa em História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (Gephed), liderado pelo Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição.

⁴ O Colégio de Aplicação nasce como Ginásio de Aplicação, com ano de fundação em 1948, quando surgiu o Ginásio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1959, em Sergipe, foi implantado o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, hoje Colégio de Aplicação.

Na educação o lugar do professor não pode ser transferido a um segundo plano. Considerar a história de vida do professorado é perceber como o campo da educação, do qual ele fez ou faz parte, está sendo construído, com suas permanências e/ou transformações históricas. Daí a importância das investigações da História da Educação. Na concepção de Nunes e Carvalho (1993), a História da Educação é tanto uma especialidade da história quanto uma disciplina e, segundo as estudiosas, a história, por exemplo, que trata da educação, revela proximidade com a disciplina história, ao tempo em que oculta o seu lento processo de construção. Já para Lopes e Galvão (2005, p. 25-33), a disciplina História da Educação concretiza-se, no final do século XIX, não nos círculos de estudos acadêmicos de história nas universidades, mas nas escolas normais, nos cursos de formação de professores e, no Brasil, além das escolas normais, nos cursos de pedagogia das faculdades de filosofia. Assim, há elementos de base da sua fundação, mas também há outras contribuições resultantes de trabalhos desenvolvidos na academia, em diferentes perspectivas teóricas, no âmbito de associações de pesquisas educacionais e nos programas de pós-graduação em educação (VIDAL; FARIA FILHO, 2003).

Ser professor parece significar, ao mesmo tempo, conduzir-se entre saberes e compromissos da vida cotidiana com planos de atividades escolares, fazendo evoluir o lado profissional, atrelando-o à vida particular, na fusão entre vida e profissionalismo, pois é o que se percebe em trajetórias de vida de professores, por exemplo, como o da professora Conceição Ouro Reis, pela dedicação, pelo exemplo, o que bem pode ser expresso nos termos de António Nóvoa (2013), observando a conduta do profissional do ensino.

Ao tratar sobre a profissão docente, António Nóvoa, embora esteja centrado sobre o professor português no contexto de sua obra, anuncia razões aplicáveis a outros espaços, por exemplo, ao discutir a relação entre a pessoa/indivíduo e ofício do ensino, enfatizando, inclusive, a afirmação de Jennifer Nias na qual se admite que a função social/profissional e a função individual não se dissociam, pelo contrário, se complementam, e, retomando a questão do compromisso do professorado, no contexto destaca: “O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor” (NÓVOA, 2013, p. 15). Então, significa que professor e pessoa se entrelaçam, se unificam, com o que concorda Nóvoa, percebendo existir encontros entre dimensões pessoais e profissionais, na junção da identidade de ofício com a história de vida.

E, neste compasso, Nóvoa permanece alertando para estes laços de proximidade, de estreitamento de iniciativas em que vivenciar a profissão e vivenciar a vida interrompem fronteiras: “Os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais

são momentos em que cada um produz a ‘sua’ vida, o que no caso dos professores é também produzir a ‘sua’ profissão”. (NÓVOA, 1997, p. 26). O professor forma sua identidade a partir da significação social que sua prática alcança e da revisão de significados em meio a práticas culturais significativas, logo

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas (PIMENTA, 2005).

É preciso retomar aspectos formadores da história de vida da docente em foco ao se considerar o desenvolvimento do presente estudo, o que redundará em descrições de aspectos biográficos. A professora Conceição Ouro⁵ é natural de Aracaju, nascida em 13 de abril de 1929, filha de José de Ouro Júnior e Maria Mesquita Barreto, casada com José Campos Reis, com quem formando família teve dois filhos e quatro netos. Coursou Letras Neolatinas em 1953, na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, onde também concluiu o curso de especialização em francês e italiano. Prosseguindo seu senso de profissionalização, fez extensão em Psicologia, em 1954, ainda na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, e pós-graduação em Metodologia do Ensino na Universidade Federal de Sergipe, em 1973, além da formação em Psicanálise e Teoria Psicanalítica por esta mesma universidade em 1994 (REIS, 2016).

Um dos critérios levados em conta aqui, para a escolha da personalidade em estudo, é que a opção de compreender a trajetória docente da professora Conceição Ouro recai no âmbito e na necessidade de se perceber marcas deixadas, práticas de outras épocas, na segunda metade do século XX, memórias específicas de educação, do professorado. Outro critério é, por exemplo, o fato de esta pesquisa enveredar pela valorização de memórias do professorado de língua portuguesa. Tais medidas são o que se busca e o que se pretende pôr em evidência com a concretização da pesquisa.

A história do professorado, que se insere no centro das preocupações da História da Educação, onde assume forma científica, é narrada historicamente com o apoio de relato de trajetórias biográficas. Nos termos de Bastos (apud SILVEIRA, 2008), ao discutir o sujeito e a relação dele com a História e com a biografia, deve-se entendê-lo como um espelho social do homem que vai construindo a história a partir de suas realizações, além de considerar que

⁵ Maria da Conceição Ouro Reis faleceu no dia 06 de junho de 2021.

Do ponto de vista da apreensão da singularidade somos obrigados não só a problematizar a sua biografia, mas também a buscar novas fontes que, mesmo fragmentadas, podem fornecer pistas valiosas para uma revisão do significado do sujeito e de sua obra (BASTOS, 2002, p. 7 apud SILVEIRA, 2008, p. 41).

Como objeto de estudo, a professora Conceição Ouro importa pelo exercício no magistério e também pela convicção imperiosa de produzir literatura e a utilização dessa produção em suas atividades docentes. Desde a sua juventude, a professora tem se encaminhado no propósito de acentuar as letras, exercitando a prática literária, não só com a produção de poesias, mas também com a elaboração de crônicas, de romances e contos, afora todo um corpo de textos técnicos e científicos, como não deixa de assinalar a Academia Literária de Vida, um espaço de conservação da memória das letras e da produção da intelectualidade feminina sergipana, que sendo uma associação de interesses culturais focada em literatura, revela parte das ações profissionais e aptidões intelectuais da professora Conceição Ouro (ROCHA, 2020).

Uma gama de noções, conceitos ou procedimentos de pesquisa será articulada com a finalidade de compreender a trajetória docente da professora Conceição Ouro e, por conseguinte, o entendimento da prática professoral no contexto estudado. Deste modo, serão fundamentais os estudos a respeito da profissão docente (BOLIVAR, 2002), biografia (NÓVOA, FINGER, 2014), das noções de campo (BOURDIEU, 2003), ilusão biográfica (BOURDIEU, 2006; 2013) e campo literário (BOURDIEU, 2004).

Mesmo não sendo a finalidade da pesquisa a produção de biografia da professora estudada, o método ou a questão biográfica e pesquisas educacionais sobre as escritas de si, e autobiografia, contribuem para o alcance de objetivos descritos. Entende Ferrarotti (NÓVOA; FINGER, 2014), discutindo a autonomia do método biográfico, que a questão biográfica foi tomando corpo entre os estudos de sociologia, e, em dado momento, careceram de renovação metodológica e de “instrumentos heurísticos”. Assim, o método biográfico já na sociologia se fazia presente, para ele, contrariando a visão da objetividade e também permitindo ocupar posição alternativa entre as possibilidades de estudo: “A crítica à objetividade e à nomotetia⁶, que caracterizam a epistemologia sociológica, teve como consequência a valorização crescente de uma metodologia mais ou menos alternativa: o método biográfico.” (FERRAROTTI, 2014, p. 31).

Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011), as pesquisas educacionais sobre as escritas de si, autobiografia e biografia, nos processos de formação e profissionalização docente

⁶ Termo empregado por determinados ramos de ciência, como psicologia, filosofia, sociologia, antropologia, direito. Na sociologia, pode se referir a um caso generalizado que é contrastado com outro, que possua descrição completa.

expandem-se, no Brasil, a partir dos anos 1990, na sequência do que se pode denominar de “a virada biográfica em Educação”, pois os estudos da escrita de si, de processos de formação e de profissionalização “[...] expandem-se, no Brasil, a partir dos anos 1990, na sequência do que se pode denominar de ‘a virada biográfica em Educação’.” Os mesmos estudiosos (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011), partícipes do projeto “Pesquisa (auto) biográfica: docência, formação e profissionalização”, que investiga a trajetória de vida acadêmica no ensino superior a partir de escritas autobiográficas, relatam um aumento de estudos, no campo biográfico brasileiro, a partir dos anos 2000, observando um salto de 2%, em 1997, para 20,66%, em 2006, sobre estudos centrados em descritores como biografia e autobiografia.

Para os estudiosos, fica evidente a ideia de que ocorre, no Brasil, a partir dos anos 2000, o fortalecimento de pesquisas (auto)biográficas em educação. Além do mais, elenca movimentos que corroboram o crescimento da área de concentração desses estudos em nosso país, como os Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)Biográfica (Cipa), a criação da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph) e da Associação Norte-Nordeste das Histórias de Vida em Formação (Annhivif). Entretanto, essas pesquisas estão alicerçadas em dois focos específicos: “[...] por um lado, a reflexividade autobiográfica na promoção da transformação das representações de si, por outro, a possibilidade de inserção negociada na cultura [...]”, ambas derivadas “[...] de conceitos recentes em Educação”. (PASSEGGI, SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 380), e, neste sentido, os estudos biográficos parecem ganhar espaço na atualidade e indicar o lastro de sua ampliação em nosso país, marcados, por exemplo, pela diversidade e singularidade, pois

Na sua dimensão de campo de pesquisa, em consolidação e expansão no Brasil, a pesquisa (auto) biográfica tem se firmado, marcadamente, pela diversidade de entradas e modos singulares adotado nos programas de pós-graduação, em suas linhas e grupos de pesquisa. Essa diversidade vem ampliando princípios teórico-metodológicos para apreender dimensões de formação, condições de trabalho e formação, aspectos relacionados à história da profissão, tendo em vista as fertilidades que vinculam biografia e educação, especialmente no âmbito da formação docente. (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 382).

Na discussão do problema biográfico, entende Finger (2014) que os estudos desta área compreendem um método, fruto de considerações epistemológicas e teóricas, revelador de tomada de consciência relacionada à pessoa adulta. E quanto ao fato de conceber a biografia como um método, é taxativo e esclarecedor, apelando a vivências inscritas na história, história de vida tanto individuais quanto de grupo:

Todavia, parece-me que o termo ‘método biográfico’ se justifica pelo fato de esse método valorizar uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação a vivências e a experiências que tiveram lugar no decurso da sua história de vida. Para avaliar de maneira mais precisa a natureza desse outro tipo de saber, tive ocasião de pôr em prática o meu método biográfico, primeiro com uma pessoa e agora em grupos de formação. (FINGER, 2014, p. 116).

O estudioso ainda admite uma relação de tomada de consciência e do saber crítico e reflexivo entre os estudos de teor biográfico, permeados por um caráter metodológico. Em sua perspectiva, o estudo biográfico é procedimento viabilizador de tomada de consciência em relação à formação desses saberes, os quais

[...] têm um objetivo emancipador para a pessoa e para a sociedade, pois é por intermédio deles que a pessoa atribui um sentido às suas próprias vivências e experiências, assim como as informações que lhe vêm do exterior. Penso que na sociedade moderna esses processos de tomadas de consciência são mesmo constitutivos da pessoa. (FINGER, 2014, p. 117).

Na concepção de Bourdieu (2013), a produção biográfica não passa de uma ilusão, especialmente se forem negadas as posições ocupadas pelos agentes de um determinado campo, porque as ocupações sobre este campo e seus agentes são condições essenciais na formulação de realidades da superfície social: “[...] não podemos compreender uma trajetória [...] a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado [...]”. (BOURDIEU, 2013, p. 82).

Por fim, Bolívar (2002) destaca duas grandes linhas de conhecimento em que se pode estudar as vidas profissionais ou carreira de professores: a) relatos narrativos de vida profissional, nos quais o ciclo de vida nasce “[...] de eventos e lugares, onde os relatos biográfico-narrativos constituem os meios privilegiados de conhecimento/pesquisa”; e b) “busca de pautas comuns nas carreiras profissionais, que implica estudo de grupos de professores que permitam estabelecer sequências comuns [...]” (BOLIVAR, 2002, p. 18). Assim, no primeiro caso, indica-se a possibilidade de um estudo singular, isto é, de um estudo individualizado em que apenas um agente assume significados à parte de um grupo social diretamente a ele associado, e, no outro, um agente de ensino é visto como uma realidade pertencente a um grupo com a mesma identidade profissional. Nesta pesquisa, empregar-se-á a

primeira possibilidade, sem esquecer as contribuições metodológicas da segunda linha de investigação.

As noções de campo e de campo literário de Bourdieu (1983) parecem conceitos fundamentais com os quais é preciso lidar, primeiro porque um campo é um espaço de lutas, onde os agentes definirão suas relações, e isso inclui diversos agentes, como professores, e seus posicionamentos; e depois porque um campo mais específico, o campo literário, que também é arena de lutas, e possui regras próprias, dá margem em sua constituição a posicionamentos de agentes que de alguma forma possuem um determinado capital. Se o capital é artístico envolve literatos, poetas, editores, livrarias, impressoras, escritores, enfim, agentes típicos representantes da literatura. Na própria trajetória de Conceição Ouro, por exemplo, estes capitais são importantes, estão em jogo, primeiro em sua afirmação na área profissional, como mulher em conquista de espaço social, e depois a sua produção literária, que enfrenta a questão da circulação de obras e do ineditismo.

A teoria do campo em Bourdieu, porém, não deve ser isolada do conceito de *habitus* e nem do de capital, pois os agentes que compõem o campo nele se posicionam devido ao *habitus*, em que se estabelece uma gama de relações, e que é determinado histórica e socialmente, e ao capital que são capazes de acumular. O *habitus* pode ser entendido como um sistema de aquisição de práticas sociais:

[...] o *habitus*, sistema das disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objectivamente em conformidade com os interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para esse fim (BOURDIEU, 2003, p. 125).

Já a ideia de capital, que supera a ideia econômica, mas geralmente associada a ela, vai além dessa esfera, pois vai depender do campo do qual um determinado indivíduo participa. Por exemplo, se o campo é econômico, as riquezas acumuladas ou bens podem representar um capital financeiro; entretanto, se o campo é literário, a produção de obras e a recepção delas agora é que representam o capital; se o campo é científico, diplomas, bolsas de estudo, prêmios, pesquisas, honrarias, é que podem representar algum tipo de capital; mas se o campo é político, os postos ocupados, a reeleição, podem representar o capital. Assim, o capital é resultado das posições ocupadas e das conquistas acumuladas ou troféus alcançados pelos indivíduos. Além do mais, o capital pode ser compreendido como “[...] fundamento de poder e de autoridade que caracteriza um campo”. (BOURDIEU, 2003, p. 121).

Diferentes campos vão se integrando e constituindo o espaço social e diversas modalidades de campo vão ocupando tal espaço, por exemplo, há o campo cultural, o científico, o do poder, o econômico, o da alta costura, o religioso, o literário, entre outros. Mas se existem diferentes campos, há também diferenças de emprego de capital, por exemplo, não basta acumular um imenso capital econômico, condição para disputar com êxito os espaços nesse campo, para, a partir daí, dar por certo o sucesso na esfera intelectual do campo cultural. Esta é uma das constatações a que chega Bourdieu (2003). Isso também seria razão para lembrar a ineficiência, em geral, de um determinado capital fora de seu campo de atuação, pois cada campo está sujeito a regras próprias.

Segundo Bourdieu (p. 120, 2003): “A estrutura do campo é um estado da relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores”, o que significa dizer que a introdução de novo integrante em um determinado campo implica disputas, compreendendo concorrência de capitais e posicionamento ou reposicionamento do ocupante inserido na área de um determinado campo.

O campo, que é o um lugar de concorrência e de disputa de poder, abriga em torno de si algumas propriedades (BOURDIEU, 2003 p. 119-120), que ajudam a determinar seus fundamentos, por exemplo: em todo campo ocorre luta entre dominados e dominantes, assumindo assim, o campo, uma forma específica em cada caso: “[...] um campo pode contentar-se com acolher e consagrar um certo tipo de *habitus* já mais ou menos construído [...]”. Para que um campo funcione, serão necessários jogadores, dotados “[...] do *habitus* que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas em jogo, etc.”; para que um campo funcione, é necessário que haja “[...] paradas em jogo e pessoas prontas a jogar esse jogo, dotadas do *habitus* que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas em jogo, etc.”; todas as pessoas que estão contidas num campo têm em comum um certo número de interesses fundamentais.

Por outro lado, se um campo é literário, é preciso compreender que há toda uma rede de relações em jogo. Neste campo, além da especificidade literária, isso nem sempre é admitido por opositores de Bourdieu, embora para ele tal admissão seria uma das questões fundamentais ao se tratar do problema literário. E, na visão de Pereira (2015), para isso, em Bourdieu, é imperioso observar as condições em que as obras foram produzidas ou reproduzidas, ou melhor, notar os agentes que com a obra assumem uma relação direta, pois ele “[...] pontua que há especificidades nesse campo à medida que ele se reveste de uma espécie muito particular de capital: o capital simbólico”. (PEREIRA, 2015, p. 351)

De acordo com Speller (2017), a literatura é um dos pontos de destaque na obra bourdieusiana, ao contrário do que se possa admitir, e foi em seus estudos de literatura que Bourdieu apresentou pela primeira vez sua ideia de campo, um de seus conceitos fundamentais. Agora direcionando tudo ao campo literário, segundo Speller, Bourdieu repele a ideia de que os “criadores” literários são indivíduos únicos e talentosos, ao analisar as “[...] múltiplas determinações históricas e sociais que tornaram os escritores e suas obras o que são.” (SPELLER, 2017, p. 21).

Segundo Speller (2017), o campo literário se encontra dividido em dois grandes grupos, ou “subcampos”, operando com “dois princípios opostos e adversários”, observando-se o roteiro apresentado pelo próprio Speller, tomando como exemplo a própria literatura francesa. No primeiro polo, estariam os escritores de renome, seguindo-se o critério da vendagem de obras, os *best-sellers*; no segundo, estariam os literatos que só admitem o julgamento de seus pares, onde se fixariam os escritores entendidos como “puros” ou “autônomos”.

Para Bourdieu (2004), a noção de campo cultural, que inclui em seus domínios uma diversidade de campos, entre eles os campos artístico, literário e científico, extrapola as vagas referências aplicadas à literatura quando a ela se empregam termos como “contexto”, “meio”, “fundo social”, “social background”, por exemplo. Para ele, o campo literário se comporta diferentemente de outros campos porque ele assume um comportamento particular, que dizer, embora em tal campo se localizem seus dominantes e dominados, seus conservadores e suas vanguardas, fatores inerentes a outros campos, “[...] ainda é verdade que cada um desses fenômenos reveste-se de uma forma inteiramente específica no interior do campo literário” e, mesmo assim, segundo ele, por exemplo, a equivalência entre o campo político e o literário “[...] significa afirmar a existência de traços estruturalmente equivalentes – o que não quer dizer idênticos – em conjuntos diferentes.” (BOURDIEU, 2004, p. 169-170).

O campo literário assume uma característica particular, segundo Bourdieu (2004, p. 170-171), porque entre suas especificidades se destacam as seguintes características: a) o poder é representado pelo capital simbólico, o que significa um deslocamento de posições, pois o capital simbólico se torna capital de reconhecimento ou de consagração do agente; b) a derrota do centro dominante pode ocorrer: os dominados, mesmo não sendo o centro de destaque, podem renovar o campo com suas vanguardas, derrotando os dominantes, assumindo a dianteira, o centro do poder; c) a natureza do reconhecimento literário, que não é medido, por exemplo, pelo sucesso comercial de venda de obras, “nem pela simples consagração social”, pois de nada valeria ser membro de academias, conquistar prêmios ou alcançar distinção “pela simples notoriedade, que, mal adquirida, pode levar ao descrédito”.

Quanto à análise deste campo, o literário, este é um princípio que não se pode perder de vista, até nas instâncias próprias da literatura, a sua especificidade, visto que o campo literário não fica sem bases, independente das relações sociais, das relações de força, isolado e autossuficiente, e, apesar de sua singularidade, o campo literário não é de todo livre das sanções do campo de poder, pois “os campos de produção cultural ocupam uma posição dominada no campo do poder: este é um fato capital que as teorias comuns da arte e da literatura ignoram.” (BOURDIEU, 2004, p. 164).

E também, levando em conta os objetivos traçados, este estudo utilizará os procedimentos da pesquisa documental conjugados com a História Oral (MEIHY, SEAWRIGHT, 2020), visto que esta vertente histórica de estudos, além de seu aparato teórico-metodológico, adota a técnica da entrevista. E convém afirmar que a história oral alcança múltiplas facetas, pois ela é interdisciplinar, qualitativa, situada geográfica e historicamente, e, ainda mais, a questão da oralidade vai além das narrativas de vida, como compreende Lozano (2006 p. 16), para quem “fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado de vida e da experiência dos ‘outros’”. (LOZANO, 2006, p. 17).

Para entender melhor as características da história oral, cabe diferenciá-la daquilo que com ela se avizinha ou se aparenta, como alerta Meihy (2005, p. 20) ao delimitar o campo de alcance dessa história, descartando diversas modalidades de construções orais como produções representativas deste campo do saber. Por isso, fatos da oralidade, a exemplo de textos para serem lidos em público, declamações, falas em representações de peças teatrais, orações expressas a viva voz, não são listados por este estudioso entre exemplos constitutivos da história oral como produto científico, pois para ele não basta o registro sonoro para atender às peculiaridades acadêmicas da natureza deste empreendimento.

A temática desenvolvida versa sobre a investigação da trajetória de vida desta docente e, neste sentido, considera que o desconhecimento da história de vida da Prof.^a Conceição Ouro limita a compreensão do campo da história da educação docente da UFS.

A hipótese é a de que as atividades didáticas da professora Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação foram marcadas pelo uso da literatura como recurso para incentivar a criação e práticas de escrita dos estudantes.

Em termos metodológicos (GONSALVES, 2012), na formulação deste estudo, serão considerados elementos indicadores de tipos de pesquisa, assinalando-se escolhas quanto à estrutura metodológica. Assim, segundo a natureza dos dados explorados, a opção selecionada recaí sobre a pesquisa qualitativa, já que a centralidade por estatística não compreenderia o foco

deste estudo. E quanto às fontes de informação, o estudo consiste em uma pesquisa documental (SANTOS, 2015), por isso, requerendo do pesquisador inicialmente levantamentos realizados no Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS (Cemdap).

No acervo do Cemdap foram identificados documentos com informações e/ou produzidos pela professora Conceição Ouro: livros, projetos, jornal estudantil *Genesis*, alguns números do jornal *A Tarde*⁷, livros de atas, pasta funcional da professora Conceição Ouro. Também foram utilizadas entrevistas do “Banco de Histórias do Colégio de Aplicação: Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes e professores”, constante do acervo do Cemdap. Além da documentação do acervo do Cemdap, foram levantados materiais a respeito da produção literária e pedagógica da professora na Academia Literária de Vida e com os entrevistados/as.

Também foram realizadas entrevistas⁸ temáticas com ex-alunos e ex-professores ou colegas de academia, todos contemporâneos, e que vivenciaram a atuação da professora Conceição Ouro ao longo de suas atividades, totalizando, assim, dez entrevistados. Gustavo Laporte, embora não tenha sido aluno da professora Conceição Ouro no Colégio de Aplicação, contribui com relatos observando a importância dela na sua formação, incentivando atividades literárias. Além de entrevistas do *Banco de histórias do Colégio de Aplicação da UFS: Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes e professores*, do acervo do Cemdap. Assim, o quadro a seguir apresenta a relação das entrevistas realizadas.

Quadro 1 – Relação das entrevistas utilizadas

Entrevistas realizadas pelo autor		
Nº	Nome do entrevistado/a	Relação com a professora Conceição Ouro
1	Ana Beatriz Cardoso Braz Petta ⁹	Aluna Codap/UFS
2	Cléa Maria Brandão de Santana	Aluna / Professora do Codap/UFS / Academia Literária de Vida
3	Gustavo Laporte	Aluno no Colégio Atheneu
4	Luzia Cristina Barreto Oliveira	Aluna Codap/UFS / Professora do Codap/UFS
5	Manoel Messias de Vasconcelos	Professor do Codap/UFS
6	Maria Mônica Ouro Reis Veras	Aluna Codap/UFS / Filha
7	Sandra Maria Natividade	Academia Literária de Vida
8	Shirley Maria Santana Rocha	Academia Literária de Vida

⁷ São números do caderno *Edição Sergipe*, do jornal *A Tarde*, publicado em Salvador/BA, e que apresentam escritos da professora Conceição Ouro, fazem parte da ficha funcional da professora constante do acervo do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da UFS (Cemdap).

⁸ As restrições e dificuldades impostas pela pandemia da Covid-19, sobretudo no primeiro ano da pesquisa (2021), dificultou ou mesmo tornou impossível a realização de outras entrevistas planejadas.

⁹ Ana Beatriz Cardoso Braz Petta e Maria Mônica Ouro Reis Veras nesta listagem estão com os nomes atuais aqui nesta listagem, em outros momentos desta pesquisa pode haver referência a elas com o antigo nome da época de aluna do Colégio de Aplicação.

9	Sílvia Laporte	Aluna Codap/UFS
10	Therezinha Belém Carvalho Teles	Professora do Codap/UFS
Entrevistas do Banco de histórias do Colégio de Aplicação da UFS (Acervo do Cemdap)		
1	Martha Suzana Cabral Nunes	Aluna Codap/UFS
2	Paulo Roberto Dantas Brandão	Aluno Codap/UFS
3	Rozenilza Melo Freitas	Aluna Codap/UFS

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Sobre o quadro, algumas considerações serão notadas com a finalidade de se esclarecer sentidos que foram atribuídos, em primeiro lugar. A lista de entrevistados inclui docentes contemporâneos da professora Conceição Ouro, colegas escritoras da Academia Literária de Vida, alunas do Colégio de Aplicação. Entretanto, neste último caso, destaca-se que Cléa Brandão, professora de História do Codap e companheira de trabalho de Conceição Ouro, foi aluna desta última no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, e Luzia Oliveira, aluna da professora Conceição Ouro no Codap, também fora colega de ofício no mesmo estabelecimento, ensinando inglês no Colégio de Aplicação.

Em segundo lugar, pelo menos numericamente, a relação do alunado em questão suplanta a das outras categorias, pois além das duas aprendizes da professora já mencionadas, ainda se encontram nesta condição estudantes como Ana Beatriz Petta, Sílvia Laporte, Mônica Ouro, filha da professora, e Gustavo Laporte. Neste sentido, a relação de aprendizes, alunas e aluno da professora, entre todos no universo considerado, chegará a seis componentes, dos possíveis dez, nesta escala. Além do mais, já de antemão, um fato a constar é que Cléa Brandão estivera ao lado da professora Conceição Ouro pelo menos em três momentos importantes da trajetória desta última: como aluna, como colega de ensino no Colégio de Aplicação e como companheira de publicação na Academia Literária de Vida. Quanto ao mais, relatos a partir das relações acima expostas serão retomados no decorrer da dissertação.

Isso posto, entende-se que a proposta geral desta dissertação se apresenta dividida em cinco seções. A primeira, ou introdução, anteriormente já descrita, delinea a temática, objetivos, justificativa e metodologia do estudo em foco. A segunda seção destaca aspectos da história de vida da professora Conceição Ouro, da sua formação e atuação no Colégio de Aplicação, além da sua produção escrita no jornal *A Tarde*. Na terceira seção, procura-se evidenciar a temática da intelectualidade, da literatura e da produção literária da professora, que foi de fundamental importância na condução do perfil de ensino da professora e de suas práticas educativas.

Na quarta seção, intenta-se analisar a influência literária diante de processos de escrita dos alunos do Colégio de Aplicação, contando-se com experiências realizadas por meio de

projetos de ensino, como o *Projeto laboratório de criação literária* (REIS, 1980), o projeto “Redigir Bem ou a Arte de Comunicar-se” (REIS, 1988), o projeto *Laboratório de criação literária – poesia* (REIS, 1980), e, por fim, o projeto *Monas – raízes profundas da criatividade* (1990). Além do mais, o jornal *Genesis* comparece entre suas atividades que foram fundamentais na condução do ensino. Todos estes fatos, incluindo os projetos, formaram o eixo condutor da prática pedagógica da professora Conceição Ouro. Por fim, seguem ao desenvolvimento da dissertação as considerações finais.

2 ASPECTOS DA FORMAÇÃO E TRAJETÓRIA DOCENTE DA PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS

Nesta seção, três tópicos se desenvolvem envolvendo a trajetória da professora Conceição Ouro: a chegada dela ao quadro de professores permanentes do Colégio de Aplicação da UFS, em 1973; a sua produção literária ao lado de outras professoras do Codap e, por último, a sua inserção no jornal *A Tarde*, tudo compreendendo etapas vivenciadas em sua fértil relação com a escrita e a educação.

O que se pode antecipar a partir das atividades acima relacionadas é que a trajetória de vida da professora foi marcada, em primeiro lugar, pela sua relação com produções textuais sem deixar o ensino, ou melhor, a educação, em um plano secundário. E, em segundo lugar, o Colégio de Aplicação foi ambiente de destaque entre suas atividades, pelo menos por duas razões: uma para o fortalecimento de laços com colegas professoras literárias e outra para a intensificação de atividades literárias envolvendo seus alunos. No primeiro caso suas atividades renderam companheirismos de produções literárias, com as professoras Cléa Brandão, Lígia Pina e Carmelita Fontes, isso, ao publicarem no jornal *Letras Sergipanas*. E no segundo, os alunos foram instigados a escrever a partir de visão literária, conduzidos por projetos e pela criação de um jornal, o *Genesis*. Por fim, em sua participação na imprensa, no jornal *A Tarde*, por exemplo, a sua escrita não deixará de lado a educação, e nela o próprio Colégio de Aplicação, e não outro estabelecimento, assumiu a primazia entre assuntos educacionais. Em síntese é o que se reserva a discussões a partir dos tópicos seguintes, nesta seção 2.

2.1 CONCEIÇÃO OURO REIS: PROFESSORA E ESCRITORA

A professora Maria da Conceição Ouro Reis nasceu em Aracaju no dia 13 de abril de 1929. Filha de José de Ouro Júnior e Maria Mesquita Barreto Ouro, tivera dois filhos: Maria Mônica Ouro Reis e Domingos Sávio Ouro Reis. Coursou Letras Neolatinas em 1953, na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia, como também concluiu o curso de especialização em francês e italiano na mesma faculdade. Prosseguindo seu senso de profissionalização, fez pós-graduação em Metodologia do Ensino na Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 1973; e extensão em Psicologia, em 1954, ainda na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia. Também cursou especialização em Psicanálise e Teoria Psicanalítica pela UFS, em 1994 (REIS, 2016).

Como aluna, ela teve mestras influentes que deram contribuições ao longo de sua trajetória escolar, a contar com um mínimo de três destacadas professoras: Dona Bebê, no jardim de Infância Augusto Maynard¹⁰; Quintina Diniz, no Colégio Senhora Santana, onde estudou o primário; e Ofenísia Soares Freire¹¹, no Atheneu Sergipense, no qual se dedicou ao curso clássico, do antigo ensino secundário. Todas estas professoras eram influentes profissionais do ensino sergipano. Hermínia Caldas dá indício destas importantes mestras na base da educação da professora Conceição Ouro, a exemplo do que ressalta sobre a qualidade de uma destas educadoras:

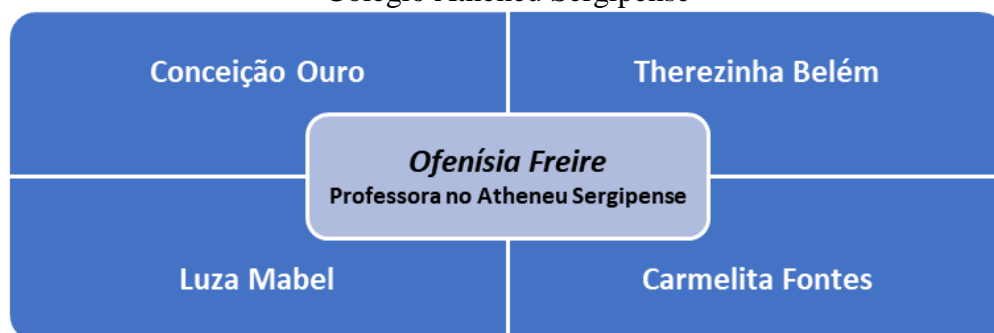
Começou a estudar no renomado Jardim da Infância Augusto Maynard e foi aluna de uma das maiores educadoras sergipanas Isabel Tiúba (Dona Bebê), período em que realizou a aprendizagem do ABC e que destinou às brincadeiras despreziosas e alegres da infância. (CALDAS, 2015, p. 194).

A professora Ofenísia Freire, também uma de suas mestras, desempenhou um papel importante no desabrochar da escrita literária de Conceição Ouro, tal como na elaboração do seu primeiro romance intitulado *Evelina* (CALDAS, 2015). Ofenísia Freire, aliás, que participou de momentos ao lado da professora Conceição Ouro, desde quando esta última fora sua aluna no Atheneu Sergipense, estendeu seu legado de influência a outras professoras do Colégio de Aplicação. A professora Therezinha Belém, diretora do Colégio de Aplicação, no período de 1974 a 1978, e contemporânea da professora Conceição Ouro, é esclarecedora ao pontuar momentos da herança da educação em Sergipe, voltando-se à formação de professores de línguas portuguesa ou estrangeira, colocando a docente Ofenísia Freire – “a mestra de todos nós” (TELES, 2022) – no centro do ensino de outras renomadas mestras, referindo-se, no contexto, especialmente às professoras do Colégio de Aplicação, além dela própria, como é o caso de Carmelita Pinto Fontes (Português), Luza Mabel Magalhães de Souza (Português) e de Cremildes Maria Barbosa Lessa (Francês). Partindo de observação da professora Therezinha Belém (TELES, 2022), é possível visualizar esquema referente ao legado da professora Ofenísia para a formação de professoras do Colégio de Aplicação da área de línguas, esboçado na figura a seguir (Figura 1).

¹⁰ De acordo com Lima (LIMA, 2006), o Jardim de Infância Augusto Maynard a princípio era conhecido como “Casa da Criança”, e popularmente chamado de “Jardim de Dona (Bêbe)”, expressão que se referia à professora Isabel Tiúba, que dirigira o estabelecimento educacional infantil por 28 anos. Este ambiente escolar foi inaugurado em 17 de março de 1932 no então governo de Augusto Maynard Gomes em Sergipe. Para verificar mais dados sobre a questão, observar Leal, 2004.

¹¹ A respeito da atuação da professora Ofenísia Soares Freire e seu legado educacional, confira em SOUZA, 2017.

Figura 1 – Professoras do Colégio de Aplicação da UFS – alunas da Prof. Ofenísia Freire no Colégio Atheneu Sergipense



Fonte: Entrevistas. Elaboração do autor.

Quanto à formação superior, a professora Conceição Ouro, em 1950, cursou, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, Letras neolatinas. Já formada, lecionou idiomas, entre eles o latim, o francês, o espanhol, o italiano, mas principalmente o português. Ensinou em tradicionais colégios de confissão católica de Sergipe, no Colégio do Salvador, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes; em colégios públicos, como o Atheneu Sergipense, o Colégio Tobias Barreto e a Escola Normal; entretanto, foi no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, a partir do ingresso em 1973, que ela desenvolveu com maior abrangência suas atividades de ensino, permanecendo nele até sua aposentadoria em 1991.

A figura a seguir apresenta a fotografia de Conceição Ouro, com 15 anos de idade, retirada da reportagem “Conceição Ouro: a querida professora”, publicada em 1996, no caderno *Variedades* do *Jornal da Cidade*. O jornal destaca “Com 38 anos de magistério, ela faz parte da história da educação em Sergipe, pela maneira de conquistar os alunos em sala de aula” (*Jornal da Cidade*, 25 de fev. 1996, p. 19).

Figura 2 – Fotografia da Prof.^a Conceição Ouro Reis com 15 anos de idade



Fonte: *Jornal da Cidade*, 25 de fev. 1996.

Entre seus ex-alunos, encontram-se professoras, magistrados, médicos, religiosos, imortais da Academia Sergipana de Letras, professores, poetas, pesquisadores, entre outros, que dela receberam contribuições em sua formação (Cemdap. Caderno de Memórias, s/d). E também, entre seus discentes, encontram-se professoras colegas do próprio Colégio de Aplicação, que depois se tronaram suas colegas na mesma instituição, como ressalta Maria Mônica Ouro Veras ao referir-se à sua mãe, Conceição Ouro:

[...] Teve muitos professores, colegas dela do Colégio de Aplicação, que já tinham sido alunos, por exemplo, Therezinha Belém foi aluna dela, Luzia foi aluna dela, Selma Duarte, professora de inglês, também foi aluna dela, entendeu? Então ela já tinha ensinado essas três alunas e eram colegas [...]. (VERAS, 2022).

Assim, a partir de informações coletadas foi possível conjecturar o legado da professora Conceição Ouro também como formadora de professoras, com uma longa atuação no Colégio de Aplicação da UFS, tendo suas alunas como companheiras de ofício. O quadro a seguir reúne essas (professoras) alunas e depois colegas de profissão docente que participaram do mesmo ambiente com vistas ao ensino, o mencionado colégio de aplicação.

Quadro 2 – Relação de professoras do Colégio de Aplicação da UFS, alunas da professora Conceição Ouro

Nº	Nomes	Instituição onde estudou com a prof. Conceição Ouro	Disciplina que lecionou no Colégio de Aplicação
1	Carmelita Pinto Fontes	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	Português e Francês
2	Cléa Maria Brandão de Santana	Colégio Nossa Senhora de Lourdes	História
3	Therezinha Belém Carvalho Teles	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe	Português
4	Selma Duarte de Melo	Colégio de Aplicação	Inglês
5	Luzia Cristina Barreto Oliveira	Colégio de Aplicação	Inglês

Fonte: TELES, 2022; SANTANA, 2022; OLIVEIRA, 2022; Jornal da Cidade, 1996.

Gustavo Laporte, aluno da professora Conceição Ouro no Atheneu Sergipense, assegurou: “Vou ser muito sincero, certamente eu devo de ter tido bons professores, mas assim professor para eu me lembrar, que marcou, foi a professora Conceição Ouro” (LAPORTE, 2022a). Outro registro memorialístico desta feita que lança luz sobre a aula de literatura da professora é expresso por sua aluna Luzia Oliveira, destacando o envolvimento da professora com esta área do saber: “[...] ela transmitia com os olhos a alma dela, aquilo que ela sentia, no personagem, na estória da qual ela estava falando, na poesia, então foi uma coisa que também me marcou muito” (OLIVEIRA, 2022).

A aluna Cléa Brandão de Santana sofreu processo discriminatório cultural, isto é, foi isolada de participação em tarefas de grupo por suas colegas, porque viera de escola da periferia, escola do bairro Siqueira Campos, para a escola no centro de Aracaju, quando era aluna de Conceição Ouro, no Colégio Nossa Senhora de Lourdes¹². Enfrentando a classe, e provando às alunas as qualidades da aluna Cléa, que em literatura e português era das melhores, a barreira ruíra, e Cléa se tornara das alunas mais solicitadas para tarefa de grupo. Retomando este fato, Cléa Brandão observa o lado humanitário da professora, fazendo estas considerações:

Eu tenho uma melhor impressão de D. Conceição como humanista do que intelectual, porque intelectual ela era mesmo, todo mundo sabe, todo mundo vai falar, mas para mim foi esse ato de humanismo, que ela fez comigo e que mudou a minha posição no colégio, meu conceito (SANTANA, 2022).

Como escritora, a professora Conceição Ouro trouxe a lume textos técnicos e literários, estendendo, no último caso, sua técnica literária entre romances, contos, poesias, o que resultou

¹² A respeito dessa instituição escolar, consulte: COSTA, 2003; CONCEIÇÃO, 2017.

em inúmeras obras inéditas e publicações, por exemplo, dos livros de poesia *A lagoa do fauno*, em 1975, e *À sombra das acácias*, escrito aos 21 anos e impresso em 2016; de contos, *Os executores*, em 2014; do romance *Evelina*, em 2014; além de projetos como *Redigir bem ou a arte de comunicar-se*, 1988; entre outros.

No Colégio de Aplicação, como defensora das letras e da escrita, ela implantara, em sua chegada, em 1973, a disciplina das suas aspirações, a disciplina do seu coração: a Literatura, sem dispensar de seu alcance estudos literários franceses e ingleses. Concretizara a publicação do “Projeto de criação literária”, e, junto com os alunos, implantara o jornal *Genesis*, do qual era redatora. E foi construindo experiências de texto dos alunos, dando espaço de publicação a eles, a professores e a personalidades sergipanas com seus textos. Ao fim dessas experiências, no Colégio de Aplicação, desenvolvia também o “Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa”. Assim, uma ideia da contribuição dessa notável professora vai se conferindo.

De forma uníssona, as mulheres ao seu redor, alunas, professoras, colegas de academia, além de suas qualidades intelectuais, profissionais, destacam sua “simpatia” e “elegância”¹³ no trajar e na forma de lidar com colegas e alunos, tornando este fato um lugar recorrente, especialmente na fala das entrevistadas, como o fez Cléa Brandão: “Eu me lembro dela, elegante, linda, os olhos verdes, bem vestida, de joias [...] ela era linda” (SANTANA, 2022). Ou ainda nesta minuciosa observação, que busca captar a imagem da professora ressaltando o modo de se apresentar:

A professora Maria da Conceição Ouro Reis possuía um porte que não passava despercebido em nenhum lugar; era aristocrático, a postura impecável, bem penteada, bem vestida, sem exageros, de forma clássica. O batom sempre marcava presença. E acessórios de muito bom gosto, fossem joias ou bijuterias. Adorava uma *echarpe* nos dias mais frios, embelezando os conjuntos de saia justa e *blazer* acompanhados de sapatos de saltos altos, sempre. (ROCHA, 2022, grifo do autor).

Além de destacarem a competência no ensino da Língua Portuguesa e Literatura, também é recorrente em relatos memorialistas dos estudantes do Colégio de Aplicação a representação de Conceição Ouro como uma professora “belíssima”, “elegante”. A este respeito é elucidativa a fala de estudantes dos anos de 1970, que apontam este aspecto como marcante para eles:

¹³ Não deixaram de frisar a “elegância” no trajar da professora Conceição Ouro muitas das entrevistadas. OLIVEIRA, 2022; LAPORTE, 2022; TELES, 2022.

Já no científico da professora Conceição Ouro era professora de literatura, uma belíssima professora, além de ser professora mais elegante que havia no colégio [...]. (BRANDÃO, 2018).

[...] a professora Conceição Ouro Reis era ótima, então ela dava aula de literatura e português, mas era uma mulher elegante, cheia de ouro, o nome dela era... a roupa dela, indumentária dela... ela ia cheia de joias, aqueles brincos lindos, muito elegante, maquiada. Já era uma senhora, mas muito elegante. Chegava no salto. Nunca levantou a voz [...]. (FREITAS, 2018).

Com a imagem a seguir, figura 3, a revista *Única*¹⁴ definira sua capa destacando a professora Conceição Ouro e divulgando sua impressão, a do periódico, sobre a atividade desenvolvida pela jovem escritora na revista. Shirley Maria Santana Rocha, da Academia Literária de Vida, esclarece que a revista circulou por mais de 20 anos em Salvador/BA e a professora Conceição Ouro, ainda estudante, nela publicou, e em vários números depois, sendo elogiada pela sua forma de elaborar a literatura (ROCHA, 2015).

Figura 3 – Foto da professora Conceição Ouro na revista *Única*



Fonte: Revista *Única*. Acervo da Academia Literária de Vida.

¹⁴ Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/revista-unica/>.

Shirley Maria Santana Rocha, jornalista e membra da Academia Literária de Vida, ainda aponta fatos sobre a professora em 1951, tendo por alvo a revista com a qual a jovem escritora colaborou quando ainda era aluna da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e redatora no periódico. Ela se referiu ao trecho da revista “*Unica*”, no qual Conceição Ouro foi indicada como colaboradora e que fazia parte da mais alta sociedade do estado sergipano. E também se referia à modéstia, aos seus méritos, à inteligência e à cultura de Maria da Conceição Barreto Ouro, como na época ainda assinava. No trecho, a revista enaltecia as qualidades da jovem escritora, a qual deixara de guardar seus escritos para dividi-los com a comunidade leitora, contribuindo com poesias e crônicas, agora publicadas no periódico (ROCHA, 2015).

Sobre sua atividade na imprensa, vale destacar que anos depois, já em 1980, o jornal *A Tarde*, na edição de Sergipe, publicado às segundas-feiras na época, dava as boas-vindas à escritora, ressaltando a sua participação com estes termos: “[...] estaremos contando com a colaboração da intelectual sergipana Maria da Conceição Ouro Reis que assinará uma coluna fixa, por ela mesma denominada de ‘Educação – Ensino – Literatura’” (A TARDE, 18 junho de 1981). Considerada uma personalidade de vasta cultura, que vivia o movimento “cultural da nossa terra” e, segundo o jornal, não carecia de apresentação, por se tratar de um dos nomes mais conhecidos e respeitados da comunidade e vai, assim, apresentando a sua biografia, falando de sua formação em “Línguas neolatinas”, mencionando o Colégio de Aplicação, os idiomas que ela dominava, entre outros fatos.

Compreender aspectos da trajetória da professora Conceição Ouro Reis, por exemplo, seria reconhecer que historicamente as mulheres foram disputando espaço e assumindo funções sociais além da fronteira do lar, apesar do mundo dominado pela mentalidade masculina, e também reconhecer como se dá a sua contribuição como escritora e educadora. Para Santos (2006), fatores como as transformações na economia, a expectativa de modernização, as dificuldades financeiras que atingiram a crescente classe média urbana, na primeira década do século XX, colaboraram para a presença das mulheres no mercado de trabalho, mas não sem pressões sociais sobre a sua participação na esfera trabalhista. Havia alegações sobre a moralidade dirigidas à mulher, o que se defendia era a aptidão natural dela ao cuidado do lar e a maternidade, como fins imodificáveis e suficientes, por exemplo. Neste processo social, estava inserida a professora Maria da Conceição Ouro Reis como componente do professorado, em Sergipe, pois nascida na década de 1920, a partir de seus 20 anos iniciava a fase adulta enfrentando a transição ao mercado de trabalho, no contexto da década de 1950.

A professora dá sinais de frequente mobilidade no cenário da inteligência e cultura sergipana, principalmente, e também baiana, fazendo-se notar em redes de sociabilidades e em meios de produção cultural por sua iniciativa poética, jornalística, ensaística, romanesca, contista, psicanalista, etc., dando a entender que a iniciativa de produção cultural é fase permanente do seu modo de convivência no ensino ou além dele, apesar de, quanto à circulação de suas obras literárias, ainda ter que conviver em parte com o ineditismo. Deste modo, a professora Maria da Conceição Ouro Reis não só reúne experiência educacional, lecionando em colégios públicos e privados, mas ainda figura entre as personalidades de destaque no cenário da cultura sergipana, além de exercer ofícios que põem em evidência sua capacidade como escritora, sendo mencionada no livro *A mulher na história*, da professora Lígia Pina. Referindo-se à professora Conceição Ouro, a escritora e historiadora sergipana Lígia Pina esclarece:

Em Aracaju lecionou em diversos colégios das redes pública e particular, encerrando sua carreira profissional no Colégio Estadual “Atheneu Sergipense” e Colégio de Aplicação da UFS. Poetisa, romancista, cronista, jornalista. Mantém a coluna Educação-Ensino Literatura no jornal *A tarde*, de Salvador, desde 1981. (PINA, 1994, p. 394).

José Augusto Garcez, no prefácio do livro de poemas da professora Conceição Ouro, *A lagoa do fauno*, esclarecia as qualificações da mestra sergipana em diferentes aspectos, e que ia se projetando como poetisa em terra baiana, possuidora de diferentes ofícios, como os de professora culta, literata em diversos ramos, detentora de títulos e que não se descuidava da formação:

Em sua experiência poética Conceição tinha projeção na vida baiana e sergipana, sempre referenciada pelos confrades. Autora de vários livros publicados e inéditos, diplomada em letras neo-latinas, jornalista, poetisa, contista, romancista, professora culta, com vários títulos na carreira universitária, cursos, diplomas, dignidades e prêmios (REIS, 1975 n/ p).

A relação de Maria da Conceição Ouro Reis com a literatura já desenvolve frutos de longa data, pois ainda precoce, e desde a adolescência, já publicava poesias e crônicas na revista *Unica*, que por mais de 20 anos circulou em Salvador/BA; com 17 anos escreveu *Evelina*, primeiro romance, e com 21 anos ela concluiu seu livro de poesia *À sombra das acácias* (1947), mas seu primeiro livro poético publicado foi *A lagoa do fauno*, em 1975. Também foi colaboradora dos jornais *A Tarde*, de Salvador; do *Jornal da Cidade*, de Aracaju; do jornal *Letras Sergipanas*, da Academia Sergipana de Letras; do *Aperitivo poético de SE*; do

Calendário Cultural de Aracaju, entre outros. E durante sua atuação no Colégio de Aplicação compôs o *Projeto laboratório de criação literária* (REIS, 1980) e “Redigir Bem ou a Arte de Comunicar-se” (REIS, 1988), obras que serão retomadas na seção quatro desta pesquisa.

Segundo Martires (2016), nota-se que após a aposentadoria das professoras Lígia Pina e Maria da Conceição Ouro Reis, em 1991, ambas pertencentes ao Colégio de Aplicação da UFS, um espaço de reunião, com a finalidade de discutir e socializar as produções literárias e acadêmicas, é concretizado. Esse espaço, idealizado por elas, fundado em 20 de dezembro de 1992, procurou refletir o molde da Academia Sergipana de Letras, e tornou-se também uma academia, um novo órgão de difusão cultural. Inicialmente intitulado de Hora Literária, e depois com nome modificado para Academia Literária de Vida (ALV), conservando esta designação até hoje. Uma de suas integrantes, membra da academia, Sandra Natividade, indagada sobre as origens do estabelecimento, tece este comentário, indicando a iniciativa de professoras no surgimento do órgão cultural:

[...] a história da Academia Literária de Vida, começou quando era Hora Literária [...] a academia se estabelece em dezembro de 1992 e caminha, não é, com o objetivo de propagar e difundir a literatura [...] começou com a professora Lígia e a professora Maria da Conceição Ouro Reis, elas foram as desbravadoras, as pioneiras e aí resolveram convidar outras colegas, 10, convidaram 10 colegas, para fazer uma academia (NATIVIDADE, 2022).

A Academia Literária de Vida, fruto da iniciativa da professora Lígia Pina e Conceição Ouro, que contribuíram com a transformação cultural, ajudou a estender os domínios da literatura sergipana. A Academia Literária de Vida existe há mais de duas décadas, estabelecida em 1992, é um ambiente de divulgação e exposição de produções da mentalidade culta feminina de Sergipe, é um capítulo importante na trajetória de vida da professora Conceição Ouro, porque foi uma das maneiras habituais de travar contato com a discussão e a produção no meio literário, após sua aposentadoria, em 1991, do Colégio de Aplicação. Entre as atividades da Academia, pode-se destacar, além das assembleias mensais, eventos literários e culturais, seminários, etc., acontecimentos como a 2.^a Bienal do Livro de Itabaiana/SE, em 2013, configurando-se, portanto, como um centro dinâmico de mobilização cultural. A ALV conta também com o *Jornal Academia Literária de Vida*, que circula de forma impressa, divulgando as atividades e escritos das acadêmicas. Note-se figura de capa de duas de suas publicações:

Figura 4 – Capa da Revista da Academia Literária de Vida (2012)

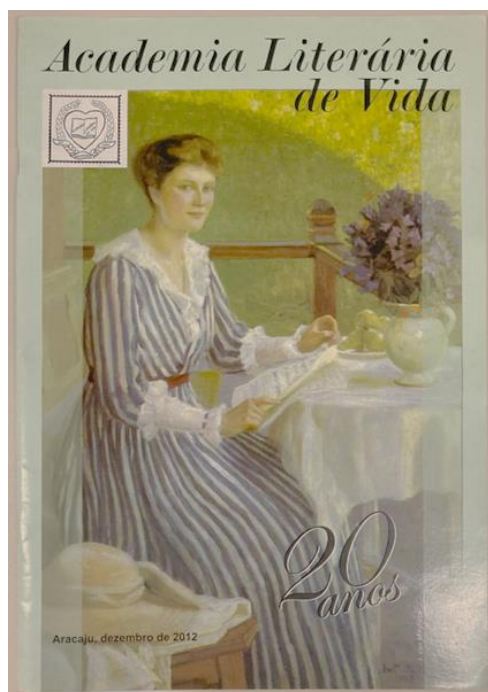


Figura 5 – Capa da Revista da Academia Literária de Vida (2015)



Fonte: Revistas da Academia Literária de Vida, 2012, 2015. Acervo do autor.

A Academia Literária de Vida emerge da causa de mulheres ilustres sergipanas, afinadas com a cultura, ousadas. Elas não aceitaram a condição reducionista da produção literária no estado sergipano, por isso não só lutaram pela inserção em espaços de consagração literária¹⁵, como também renovaram a produção literária, por isso avançaram com o projeto acadêmico, inscrevendo na história a contribuição de escritoras que dialogam com o presente século e o passado. Apesar de inúmeras adversidades como falta de sede própria, custeio de publicação com investimento do próprio bolso, a Academia persiste (NATIVIDADE, 2022). Shirley Rocha, atual presidente da Academia Literária de Vida, ainda ressalta desafios, metas de publicação e cita o lema da Academia, davinciano, cuja base se nutre das ideias de “vida, amor e Deus”:

Nosso maior desafio, no meu conceito, é manter o entusiasmo para atingir metas. Os planos são que as acadêmicas escrevam e publiquem livros periodicamente. Mantemos a ideia de uma sede, um local apropriado para reuniões e eventos. Nosso lema desde o início é o pensamento de Leonardo Da Vinci: Arte é Vida; Vida é Amor; Amor é Deus! Sugestão da professora Maria da Conceição Ouro Reis (ROCHA, 2022).

¹⁵ A este respeito consultar a luta de professoras sergipanas para o ingresso na Academia Sergipana de Letras, em MARTIRES, 2020.

Sem entrar na questão da concepção religiosa davinciana, na Academia Literária de Vida a predominância religiosa tem por base o catolicismo. A professora Conceição Ouro, também católica, segundo sua filha Mônica Ouro Veras, não era de frequentar com regularidade a igreja, entretanto sua fé era permanente, como também se voltava à crença no gênero humano, acreditando nas pessoas, no amor, em meio a experiências de sofrimento¹⁶:

[...] eu sabia que ela tinha uma fé, inabalável, né, uma fé realmente inabalável [...]. É como se ela tivesse uma religiosidade própria, uma fé muito dela, tanto é que, que eu acho que essa fé na vida, nas pessoas, no amor, fazia ela transcender [...], minha mãe viveu muitas experiências de sofrimento (VERAS, 2022).

Figura 6 – Fotografia da Professora Conceição Ouro Reis (2020)



Fonte: Revista da Academia Literária de Vida (2020). Acervo do autor.

Personalidades da cultura sergipana, apenas mulheres, a maioria professora, formaram a Academia com as seguintes integrantes, segundo exposição de Shiley Rocha (ROCHA, 2022): Maria Lígia Madureira Pina (eleita presidente), Leyda Regis, Maria da Conceição Ouro Reis, Yvone Mendonça de Souza, Cléa Maria Brandão, Shirley Maria Santana Rocha, inicialmente, e assim consta também na ata de fundação. A seguir aderiram ao movimento Maria Hermínia Caldas, Ângela Margarida Torres de Araújo, Adelci Figueiredo Santos, Josefina Cardoso Braz, Maria Luíza Prado e Marlaine Lopes de Almeida. Hoje a Academia conta com cerca de 20

¹⁶ Entre outros aspectos, o sofrimento observado por Mônica Veras, deu-se no entorno familiar, com o acidente, deficiência e falecimento de José Campos, esposo da professora Conceição Ouro, e, por fim, com a morte do seu filho Sávio, irmão de Mônica, fato que contribuiu com o agravamento do estado de saúde da referida professora.

acadêmicas. Na foto abaixo, a professora Conceição Ouro, aos 65 anos, está ao centro, entre seus pares (Começando da esquerda: Lígia Pina, Cléa Brandão, Conceição Ouro, Ana Leonor¹⁷ e Maria Hermínia Caldas) na Academia Literária de Vida.

Figura 7 – Fotografia de professoras integrantes da Academia Literária de Vida (1994)



Fonte: Fotografia do acervo da Academia Literária de Vida.

A participação ativa na vida cultural sergipana da professora Conceição Reis é, sobretudo, caracterizada pelo reconhecimento de sua contribuição, que engloba diferentes qualificações, expressando momentos de seu instigante comportamento cultivador, quer pela atuação como docente no ensino público ou privado, quer pela capacidade de administração escolar e produção literária, afora tantos outros atributos:

Recebeu pelos serviços prestados ao Magistério diploma de Honra ao Mérito da Associação de Professores Licenciados do Brasil seção Sergipe; título de Educador do Ano, conferido pelo Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino de Sergipe; diploma de participação no 1º Prêmio Banco Real de Talentos da Maturidade de 1999, 2000/05 e 07; título de Professor Emérito da UFS-2005; Placa comemorativa do 46º aniversário da Secretaria de Educação de Sergipe - 2006, em reconhecimento à capacidade administrativa e serviços prestados à Educação em Sergipe; Placa da Independência da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe pelos serviços prestados à Educação; título

¹⁷ Na foto, a personalidade ao lado da professora Conceição Ouro é dona Ana Leonor, uma das aspirantes à Academia Literária de Vida e pessoa muito próxima da professora Lígia Pina à época, 1994. Este fato, com registro na Academia Literária de Vida, foi observado por sua presidente, Shirley Rocha. Não se confunda, portanto, aquela literata com a educadora Leonor Teles de Menezes, por exemplo, esta última, uma das patronas da referida academia.

Educadora Destaque - 2008, conferido pelo Governo do Estado através da Secretaria de Educação; Troféu Falcão de Ouro, entregue na III Bienal do Livro em Itabaiana-2015. Foi homenageada com Menção Honrosa pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult) em 18 de maio de 2017. (ROCHA, 2020).

Outro fato marcante na biografia da professora foi a dedicação à psicanálise. Seu currículo, no ano 2000, que consta na ALV, destaca, por exemplo, que como professora ela já estava aposentada, entretanto, após a tarefa de ensino, ela dá mais um passo profissional, fixando-se como psicanalista (ALV, 2000). Em 1954, na Faculdade Católica de Filosofia, fez curso de extensão em psicologia; fez extensão em psicanálise, entre 1992 e 1994, na UFS, realizou formação em psicanálise, nos anos de 1992, 1993 e 1994, em lugares como Suíça, França e Salvador. A professora, que dominava um leque de línguas latinas, também apresentou trabalhos em francês, *papers*, no Centro Hospitalar Robert Ballanger, França, em 1993, *Sur l'Écriture de Poèmes*; em 1994, *Psychanalyse et Poésie*; em 1997, *Projec de Crèacion Littèrariè - une expérience avec des adolescentes*; em 1999, *Presentaion du NAPSI une ONG brésiliene*. Sua atividade como psicanalista durou até ter sua saúde afetada em razão da Síndrome de Corpúsculo de Levine, aos 85 anos. Mônica Ouro Veras, sua filha, destaca a importância da mãe na área da psicanálise, era a vice-presidente do Núcleo de Apoio Psicológico (Napsi), em Salvador/BA, onde exerceu seu trabalho de psicanálise durante cerca de 20 anos. E ela acrescenta, estabelecendo relação entre ensino, afetividade e psicanálise, referindo-se à sua mãe:

[...] para ela o importante não era apenas o saber que ela transmitia, mas ela oferecia uma escuta amorosa, carinhosa, né, ela realmente acolhia, tinha uma empatia com as dificuldades do aluno, então ela já tinha o desejo de ser uma psicanalista e ao se aposentar da Universidade Federal de Sergipe ela veio, foi comigo pro exterior, fizemos formações fora e ela veio fundar comigo o Napsi em 1997, foi vice-presidente e atuou como psicanalista até os 85 anos. (VERAS, 2022).

Evidencia-se que o trabalho da professora Conceição Ouro se distribui dentro de determinadas especialidades, que, grosso modo, são quatro: uma especialidade em psicanálise; uma segunda, no jornalismo; outra, em literatura, e mais uma, em educação. Estas duas últimas interessam-nos com mais proximidade, porque ressaltam o objeto estudado, “a escrita com a professora para a educação”, contudo as duas primeiras também estão relacionadas a negociações com as palavras, estes elementos do interesse da professora estudiosa. Entretanto, não será nosso objetivo dialogar com a psicanálise, todavia o jornalismo interessa, pois em certa

medida dialogou com a educação e com a literatura, dois polos ressaltados neste estudo, cujo centro é a professora. Prossegue-se, então, o estudo a partir da literatura.

2.2 UM QUARTETO DOCENTE DE LITERATURA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFS

Esse momento da seção 2 está estruturado em dois tópicos. No primeiro se observa o Colégio de Aplicação como um lugar favorável à literatura, onde docentes se dedicaram à palavra como arte, como ocorreu com quatro professoras deste estabelecimento entre os anos das décadas de 1960 a 1990: Carmelita Fontes, Lígia Pina, Cléa Brandão e Conceição Ouro. O segundo se refere à contribuição jornalística de uma de suas professoras, a professora Maria da Conceição Ouro Reis. Nesta divisão, observa-se que a docente difundiu, por intermédio do jornal, textos que se referiam às suas obras, tratou da cultura, em geral, desenvolveu estudos críticos, sugeriu atitudes em educação. A professora, no jornal, foi uma das vozes da educação, não somente da literatura.

Para este tópico, lançar-se-á mão de registros de imprensa, construindo-se com o apoio da análise documental (GONSALVES, 2012; SANTOS, 2015), dando evidência a fontes como o jornal *A Tarde* (1980-1990), a principal fonte utilizada, e o jornal *Letras Sergipanas*. A seleção de fontes, incluindo os jornais, contribui em inúmeros campos, inclusive no campo educacional. Os jornais são importantes fontes na relação entre professores e educação. A participação jornalística da professora Conceição Ouro, por exemplo, se dá em um plano que reforça tal premissa. Segundo Freitas (2015, p. 13), a imprensa contribui no trabalho dos professores, eles respondem ao contexto e são transformados pelo cotidiano que envolve o ensino. Já em pleno século XIX, observa Amorim (2013), os jornais eram órgãos difusores também de vozes da educação. Martires e Conceição (2020), por exemplo, examinaram a escrita feminina no jornal *Letras Sergipanas*, percebendo que as mulheres professoras romperam com a unilateralidade nas letras, afirmando-se na academia, na segunda metade do século XX e início do XXI.

Entre os períodos de 1960 e 1990, professoras do Codap se fazem notar, às vezes se tornando, além da sala de aula, vozes do jornalismo, da literatura, do ensino e do conhecimento. Nesta situação é que se percebe a professora Conceição Ouro. Assim, destaque será dado primeiro à produção literária desta educadora, ao lado de outras professoras do Codap com as mesmas características, e depois a sua atividade no jornalismo.

Em termos de contribuição literária, o Colégio de Aplicação apresentou uma contrapartida ao conhecimento com a participação de professoras/escritoras como Carmelita Fontes, Lígia Pina, Cléa Brandão, Conceição Ouro. A respeito delas infere-se que foram contemporâneas na atuação no Colégio de Aplicação, principalmente entre as décadas de 60 a 90 do século XX; o período mais fértil de suas produções coincide com a atuação docente no Colégio de Aplicação; são significativas as produções literárias dessas professoras, resultando na inclusão de duas delas na Academia Sergipana de Letras (Carmelita Pinto Fontes e Maria Lígia Madureira Pina) e na Academia Literária de Vida: Lígia Pina, Cléa Brandão e Conceição Ouro. O quadro a seguir, fazendo referência a três obras de cada escritora (elas escreveram tantos outros livros) é ilustrativo da força de expressão literária dessas professoras do Colégio de Aplicação:

Quadro 3 – Relação de professoras escritoras contemporâneas entre si no Colégio de Aplicação da UFS¹⁸ (décadas 1960-1990)

Nº	Nome da professora/escritora	Disciplina lecionada no Colégio de Aplicação ¹⁹	Algumas obras
1	Carmelita Pinto Fontes	Língua Portuguesa ²⁰	<i>Balada do inútil silêncio; Lições de sabedoria; O dia da música</i> , entre outras.
2	Cléa Brandão	História	<i>Casa de Farinha e outros escritos; Anversos; Rosalvo Queiroz – o ilustrado maruinense</i> , entre outras.
3	Lígia Pina	História	<i>Flagrando a vida; A mulher na história; Satélite espião</i> , entre outras.
4	Conceição Ouro	Língua Portuguesa	<i>Evelina; A lagoa do Fauno; A sombra das Acácias</i> ; entre outras.

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

¹⁸ Ainda há, desse mesmo momento histórico, a professora Therezinha Belém, da área de Língua Portuguesa, que, entretanto, produzira e publicara suas obras a partir do período de sua aposentadoria, escrevendo: *Para sempre ser* (2010), poesia; *Divagações* (2011), contos; *A saga de Mariana* (2012), romance; *História da agricultura sergipana* (2012), memórias. A publicação de livros da professora Cléa Brandão também se dá após sua aposentadoria do Colégio de Aplicação, todavia ela publicara no jornal *Letras Sergipanas*, da Academia Sergipana de Letras, ao lado das professoras Carmelita Fontes, Lígia Pina e Conceição Ouro.

¹⁹ A professora Carmelita Pinto Fontes, no Codap, ensinara Língua Portuguesa, e na UFS, Língua e Literatura, Estilística, Português I e II, Expressão Escrita (MACIEL, 2016). Cléa Brandão lecionara História, no Codap, e Lígia Pina, também História, no mesmo estabelecimento. De acordo com Caldas (2015), a professora Conceição Ouro lecionara com habilidade as línguas constantes em seu registro no MEC: Português, Espanhol, Francês, Italiano e Latim (CALDAS, 2015).

²⁰ Língua Portuguesa aqui deve ser entendida em seu ramo de diversidade, por exemplo, Conceição Ouro ensinou no Colégio de Aplicação: Língua Portuguesa, Literatura e Redação, na época, décadas de 1970 a 1990, assim o estudo da Língua Portuguesa era concebido na instituição. O mesmo deve ter ocorrido com a professora Carmelita Pinto Fontes.

Como escritora, a professora Carmelita Pinto Fontes (MACIEL; SANTANA; SOUZA, 2015), consagrou-se tornando-se membro da Academia Sergipana de Letras, dedicando-se, principalmente, à poesia, escrevendo seis livros: *Balada do inútil silêncio* (1965), *Lições de beleza* (1970), *Lições de sabedoria* (1978), *O dia da música* (1982), *Verde outono* (1982), *Tempo de dezembro* (1982). Já a professora Conceição Ouro (REIS, 2016) produziu inúmeras obras, a maioria inéditas, entre as quais se pode mencionar: *Evelina* (1946), romance; *A lagoa do Fauno* (1975), poesia; *Projeto laboratório de criação literária* (1980), obra técnica; *Laboratório de Criação – Poesia* (1980), organização: professora, produção: alunos; *Os executores* (1981), contos; *Redigir bem ou a arte de comunicar-se* (1988), livro técnico; *Loucuras e encantamentos* (1990), poesia; *À sombra das acácias* (2016), poesia; entre outras produções.

Maria Lígia Madureira Pina (MARTIRES, 2020) outra professora consagrada à Academia Sergipana de Letras em 1977, produziu as obras: *Flagrando a vida* (1983), livro de poesia; *A mulher na história* (1994), história das mulheres, especialmente as sergipanas; *Satélite espião* (1999), livro de poesia; e *A relíquia* (2008), livro de contos de crônicas. E a professora Cléa Brandão²¹, com a publicação das obras²²: *Casa de farinha e outros escritos* (2005), crônicas; *Anversos* (2013), ensaio psico-filosófico, político e sociológico; *Rosalvo Queiroz – o ilustrado maruinense* (2019), biografia; e *Estação Rosário do Catete* (2019), contos e crônicas.

A força de expressão literária das mencionadas professoras codapianas pode ser percebida também de outra maneira, ao se observar o quadro abaixo, por exemplo, em que se nota suas produções no jornal *Letras Sergipanas*, promovido pela Academia Sergipana de Letras. Aqui vozes emergem por meio da imprensa especializada, com a mulher na dianteira de espaços culturais e literários, tecendo composições, lançando mão de seu capital simbólico rumo a diálogos com a sociedade leitora.

²¹ Disponível em: <https://academialiterariadevida.blogspot.com/p/clea-maria-brandao-de-santana-e.html>. Acesso em: 20 set. 2021; e <https://www.jornaldemaruim.com/2014/08/clea-brandao-lanca-livro-sobre-vida-de.html>. Acesso em: 20 set. 2021. BRANDÃO, Cléa. *Estação Rosário do Catete*. Aracaju: ArtNer Comunicação, 2019.

²² Apesar de as obras de Cléa Brandão serem publicadas após sua aposentadoria do Colégio de Aplicação, além de ser contemporânea e colega de ofício das citadas professoras, ela produziu crônicas, poesias, ensaios e biografias no jornal *Letras Sergipanas*, da Academia Sergipana de Letras, ao lado das outras professoras, (MARTIRES; CONCEIÇÃO, 2020), e publicara poesias no jornal *Genesis*, cuja redatora era a professora Conceição Ouro; ambas as ações jornalísticas quando ainda era professora do referido colégio.

Quadro 4 – Textos literários e estudos publicados no jornal *Letras Sergipanas* por professoras do Colégio de Aplicação²³

Autora	Título do texto	Número do jornal	Ano	Mês	Quantidade de publicação
Carmelita Fontes	Revolução na Linguagem	7	1985	maio/jun	1
Lígia Pina	Hermes Fontes / O passeio sideral	7	1985	maio/jun	2
Cléa Brandão	O “tenente” Zaqueu Brandão	7	1985	maio/jun	1
Lígia Pina	Tipos folclóricos de Aracaju	8	1985	jul/ago	1
Cléa Brandão	Rosalvo Queiroz, um homem de seu tempo	9	1985	set/out	1
Lígia Pina	Canto ao vendedor de quebra queixo	10	1985	nov/dez	1
Lígia Pina	Um empresário idealista	12	1986	mar/abr	1
Lígia Pina	Uma venerável mulher	13	1986	maio/jun	1
Cléa Brandão	Eu sobrevivi – poesia	13	1986	maio/jun	1
Cléa Brandão	Avaliando – poesia	16	1986	nov/dez	1
Conceição Ouro	Fiat Lux – poesia	16	1986	nov/dez	1
Cléa Brandão	Um tipo inesquecível	18	1987	mar/abr	1
Cléa Brandão	O método refruente de Deus	21	1987	set/out	1
Conceição Ouro	Infinito	21	1987	set/out	1
Lígia Pina	As vítimas da radiotividade	22	1987	nov/dez	1
Conceição Ouro	Natal de uma mãe	28	1988	nov/dez	1
Conceição Ouro	Sem solução	29	1988	jan/fev	1
Lígia Pina	Fresta	30	1989	mar/abr	1
Conceição Ouro	Redenção	30	1989	mar/abr	1
Conceição Ouro	Dever – poesia	31	1989	maio/jun	1

Fonte: Quadro reelaborado a partir de Martires, Conceição (2020)

Com base nos estudos de Martires, Conceição (2020), no jornal *Letras Sergipanas*, entre as publicações de 1984 e 1989, autoras sergipanas marcaram presença na produção cultural, apresentando textos em diferentes modalidades: ensaios sobre literatura sergipana, biografia, poesia, relatos de viagem, resenha, entre outros. Os textos sobre as três modalidades iniciais foram predominantes, ou seja, houve opção por determinados gêneros textuais, estilos e temáticas que redundaram em uma literatura feminina em que se destacam na prosa a gente sergipana, a historicização biográfica e, no verso, o lirismo poético.

²³ O quadro originário lista produções de sete escritoras, fazendo menção às seguintes professoras/escritoras, afora as docentes codapianas citadas: Ofenísia Freire, Núbia Marques e Maria Thetis Nunes.

A partir da exposição acima, relembre-se, primeiro, que todas estas docentes pertenceram ao quadro de professores do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Em segundo lugar, apesar de lecionarem diferentes disciplinas, todas elas voltariam a sua atenção ao mundo literário, vendo a realidade não só como uma forma das relações sociais corriqueiras, mas também como reflexo do mundo cultural, dando à literatura a vez de expressar lugares da subjetividade, que envolveriam as suas produções.

2.3 A ESCRITA DA PROFESSORA CONCEIÇÃO OURO NA IMPRENSA: A COLUNA NO JORNAL *A TARDE* (1981-1990)

O jornal *A Tarde*²⁴, periódico baiano, surge em Salvador em 15 de outubro de 1912, circulando com apenas quatro páginas. E de acordo com documentação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC, 2021)²⁵, foi fundado por Ernesto Simões Filho e tronou-se o maior jornal do estado da Bahia. Do ponto de vista político, na República Velha, no ambiente local, formou oposição à política dominante, entre os anos 1912 e 1924; no Estado Novo, esteve contra o golpe de Vargas em 1937, entretanto apoiou os governos militares instalados a partir de 1964 e não defendera o movimento das Diretas Já em 1980, além de ver com simpatia, na década de 1990, a chegada de Fernando Collor ao governo. Em Sergipe, especialmente na capital Aracaju, o jornal teve uma importante circulação, inclusive com um caderno dedicado ao estado, denominado *Edição Sergipe*. Os exemplares do jornal *A Tarde*²⁶, em Sergipe, circulavam semanalmente às segundas-feiras, à época, ou seja, no período de 1980 a 1990. Deles foram catalogadas notícias entre as décadas desse mesmo período, de onde surgem as propostas e indagações da professora Conceição Ouro. As contribuições da docente no jornal se desenrolaram por cerca de dez anos. No semanário jornalístico, a professora não só relata as produções literárias, concluídas ou em desenvolvimento, mas também propõe questões à educação, formula ensaios filosóficos e realiza outros estudos.

Shirley Rocha, também jornalista (ROCHA, 2022), dialogando por meio de entrevista, e abordando a temática da mídia, que insere parte das atividades da professora Conceição Ouro,

²⁴ Nesta pesquisa foram utilizadas edições do jornal *A Tarde* que eram publicadas às segundas-feiras, com vista à circulação ao estado de Sergipe, englobando as décadas de 1970 e 1980, referente ao período em que a professora Conceição Ouro foi colaboradora deste importante periódico. No estudo, os textos selecionados divulgam as produções da professora de fascículos dos anos 1981, 1989, 1990. Foram considerados textos do jornal coletados do acervo do Cemdap.

²⁵ Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tarde-a>. Acesso em: 01 out. 2021.

²⁶ Nas referências, como fonte, nem sempre foi possível identificar página e edição do jornal *A Tarde*.

vai pontuando alguns aspectos do trabalho desta última. Conceição Ouro, em suas colocações, é lembrada como poetisa e cronista na revista *Unica*, como colaboradora do jornal *A Tarde* e escritora, publicando textos também no jornal *El Sergipense*²⁷. Já Sandra Natividade destaca a importância da referida professora na área da escrita, sua versatilidade como escritora e passagem pelo jornal *A Tarde*:

A professora Conceição, ela foi muito importante, muito importante e os frutos estão aí, o legado aí através dos livros que produziu, né, ela foi boa em tudo o que fez, foi poetisa, participava dos grandes saraus, romancista, cronista, jornalista, trabalhou muitos anos com a coluna no jornal *A Tarde*, no jornal *A Tarde da Bahia* (NATIVIDADE, 2022).

O jornal na trajetória da professora Conceição Ouro não foi um elemento deslocado da causa do professorado, foi um ponto de encontro entre a atividade jornalística e a atividade de educação, em certo sentido, e em outro, entre a voz da imprensa e a literatura, intermediada por ações da docente. A intelectual sergipana, como fora designada pelo semanário *A Tarde*, assume tarefa de redatora, em 1981. Sobre este fato o jornal se pronuncia, sua função seria elaborar uma coluna, nomeada como “Educação – Ensino – Literatura”, abrindo desta maneira a reflexão a partir de temáticas em torno de assuntos culturais, que pareciam importar ao jornal e aos leitores:

A partir da próxima semana, nesta mesma página, estaremos contando com a colaboração da intelectual sergipana Maria da Conceição Ouro Reis, que assinará uma coluna fixa, por ela mesma denominada de ‘Educação – Ensino – Literatura’.

[...]

Possuidora de vasta cultura, ninguém melhor do que a professora Maria da Conceição Ouro Reis para abordar esses assuntos, inclusive porque, como escritora e educadora, vive o movimento cultural da nossa terra. (*A Tarde*, 11 de maio de 1981).

No jornal, a professora assinaria matérias, na referida coluna em que já se observam laços entre o que ela pretende desenvolver, a literatura e a educação. Como se observa, a educação assumiria a dianteira e logo depois seria a vez da literatura. Apesar disso, o tratamento dado à educação não se sobrepunha à literatura e vice-versa. Um e outro conhecimento estiveram bem distribuídos. Assim, ressaltem-se algumas notas a respeito da escrita da professora no referido jornal, todas elas introduzidas na coluna anteriormente mencionada, que

²⁷ Sem se referir à data, Shirley Rocha comenta que o Jornal *El Sergipense* foi resultado de iniciativas da professora Lúcia Pina com finalidade de incentivar poetas e escritores sergipanos.

se constituiria fazendo referência a dados enunciados, ou seja, a elementos culturais, literários e educacionais. Sobre estas atividades, apontamentos serão feitos, partindo-se de quadros expositivos referentes a publicações da professora e seus estudos.

O quadro 5, exposto na sequência, apresenta uma listagem de textos literários ou estudos publicados no jornal *A Tarde* pela professora Conceição Ouro. Percebe-se que a maioria dos textos foi publicada no ano de 1981, havendo predominância quantitativa de estudos críticos sobre contos. E observe-se que o termo estudo crítico aqui significa referência a gêneros diversos que poderiam ser denominados com diferentes termos, tais como ensaio, resenha literária, textos de natureza argumentativa ou estudos filosóficos.

Quadro 5 – Textos literários e estudos publicados por Conceição Ouro no jornal *A Tarde*

Nº	Título do texto	Gênero textual	Ano de publicação
1	Pensão Lilás	Conto	1981
2	Nevava	Conto	1981
3	Consciência	Conto	1981
4	24 para 70	Conto	1981
5	Analogia	Estudo crítico	1981
6	Vida	Estudo crítico	1981
7	A Ladeira da Saudade	Estudo crítico	1981
8	Estudo	Estudo crítico	1981
9	Tobias Barreto	Estudo crítico	1989
10	Raízes Profundas da Criatividade	Estudo crítico	1990
11	Ontem Houve uma Festa no Céu	Estudo crítico	1990

Fonte: Jornal *A Tarde*, 1981 a 1990.

Um dos estudos críticos se dá no campo literário. É uma resenha sobre o romance *A ladeira da memória*, de autoria do escritor José Geraldo Vieira, que nasceu no Distrito Federal em 1897 (*A Tarde*, 29 de junho de 1981). A personagem central de “A Ladeira da Saudade” é Jorge, médico, romancista e narrador de toda a história. Ele sofre a perda repentina de Renata, sua grande amada, que fora alcançada faticamente pela morte. No estudo, por exemplo, ela, a professora, rebate a ideia de Sílvio Romero de privilegiar o autor em detrimento de princípios ou da obra e também de colocar à frente a raça e a nacionalidade em detrimento da cultura. No romance, Conceição Ouro compara Renata a Beatriz de Dante. Ela considerou que José Geraldo Vieira é um notável romancista.

Mais um estudo crítico, desenvolvido pela professora, é chamado de “Analogia”, publicado no Jornal *A Tarde* de 1 de junho de 1981. O estudo foi apresentado em duas páginas e nele se disserta sobre o conceito do termo “analogia”, relatando-se opinião de especialistas sobre o assunto. Assim, dá-se atenção a apontamentos de estudiosos como Bréal, Joaquim

Nunes, Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho, Bourciez. Após a análise da exposição destes autores, considerações finais são estabelecidas com base nas diferenças de ideia entre analogia, pesquisa e curiosidade.

Outro estudo, cujo título é “Vida”, foi publicado em *A Tarde* no dia 22 de junho de 1981. Inicialmente se pode lembrar que o título “Vida” foi registrado com letras que se sobressaíam e estava acompanhado dos subtítulos “Conceitos” e “Teorias”. Tal estudo desenvolvera a temática a partir de designações de Lamark, Littré, Spencer, Pitágoras, Empedocles, Platão, Sthal, Chuffard. O estudo foi concluído a partir de uma oposição entre os conceitos de vida e a ideia de morte e, segundo a autora, o texto publicado no jornal faz parte do seu livro inédito *A filosofia do positivo*. E na figura 8, por exemplo, vê-se a 2ª parte de um de seus estudos publicados no jornal, enfocando Tobias Barreto.

Figura 8 – “Edição Sergipe” do Jornal *A Tarde* – Publicação de estudo da prof.^a Conceição Ouro intitulado Tobias Barreto

A TARDE
Fundador: Ernesto Simões Filho (1866-1967)

ARACAJU — SERGIPE — A TARDE, SEGUNDA-FEIRA, 3 DE ABRIL DE 1989. Nº 415

EDUCAÇÃO — ENSINO — LITERATURA
TOBIAS BARRETO

— Maria da Conceição Ouro Reis

CRONOLOGIA
(De 1861 a 1869)
1861 — Em março, parte Tobias Barreto para a Bahia.
1862 — Em 1º de dezembro, chega Tobias Barreto a Recife.
1863 — Foi atingido pela varíola. Presta, no fim do ano, os exames “preparatórios”.
1864 — Matrícula-se na Faculdade de Direito do Recife.
1866 — Rivalidade com Castro Alves. Perde um ano de estudos na faculdade.
1868 — Conhece e inicia sua grande amizade com Sílvio Romero.
1869 — Em 11 de fevereiro casou-se com D. Grata Félix. Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife.

DESENVOLVIMENTO

Explode a vocação literária no jovem professor licenciado. De violão em punho, em serenatas pelas ruas baianas, Tobias observava a vilha cidade do Salvador. Nessa época, descobriu Victor Hugo e os românticos, pelos quais se apaixonou. Tobias fora para a Bahia com intenção de entrar no seminário, pe-

ando ter vocação para padre. Só passou uma noite no seminário e desistiu da ideia. Então, resolveu estudar os “preparatórios” (curso que havia naquela época e que possibilitava o ingresso na faculdade). Permaneceu horas e horas na Biblioteca Pública. Seu maior desejo era estudar literatura e encontrar seus parentes: a família

Muniz Barreto. Sílvio Romero, no Prefácio de “Dias e Noites”, narra-nos o que foi a passagem de Tobias pelo seminário baiano: “Chegando à velha capital brasileira, com a intenção de fazer o curso teológico e receber ordens sacras, Tobias, em pouco tempo, deu entrada no seminário, onde passou apenas um dia e uma noite, retirando-se no dia seguinte”. Ao sair do referido seminário, subindo a Rua do Sodré, estreita e suja, Tobias sentiu uma terrível solidão e teve medo da vida. Depois de muito andar, encontrou um quarto para alugar: era um parquinho sombrio, de vários andares. Alugou um quarto que era abafado e cheirava a mofo. Afogado e angustiado, pendurou o violão na parede e saiu. A noite, quando dormia, houve um incêndio, ele saiu correndo e perdeu o violão. Consegue, depois, localizar a casa dos parentes e o repetista Muniz Barreto, seu tio, hospeda-o gentilmente. Há momentos de paz, ele vai diariamente à Biblioteca Pública e aprende francês e francês para ler Victor Hugo, no original. No dia 1º de dezembro de 1862, chega a Recife, levando, no bolso,

apenas 95 mil réis e um poema feito em louvor à cidade do Recife. Recife era uma orgia acadêmica, com sua Faculdade de Direito. Em um belo domingo de muito sol, Tobias foi até à praia e depois a uma feira no cais, onde dois caiparas improvisavam ao violão. Tobias chegou perto da roda das pessoas que cercavam os violeiros e não viu perto de si um enorme burro que dava coices no ar. Houve gritos e coretas; o aglomerado foi dissolvido e Tobias jazia no chão, sem sentidos. Foi recolhido a um hospital de indigentes. Logo se restabeleceu, pois era forte e mergulhou de novo nos estudos interrompidos pelos coices do burro. Em março de 1863 contraiu varíola e quase morreu em um isolamento de hospital. Finalmente, ingressa na Faculdade de Direito, onde se torna amigo de Castro Alves. Continuava com muitas dificuldades financeiras e dava aulas para pagar seus estudos. Faz alguns concursos para ensinar em colégios oficializados, mas a política faz a nomeação sair para outros. Faz, na época, muitas poesias. O período de vida acadêmica de Tobias estende-se de 1864 até 1869, quando concluiu seus estudos de ba-

charel. Durante o período da faculdade, exerceu o jornalismo e escreveu, em prosa, alguns estudos sérios, filosóficos. Falou sobre Tobias Barreto e Castro Alves, dizendo, apenas que eram muito amigos, mas brigaram por causa de duas amigas (Adelaide Amaral e Eugênia Câmara) e muito pouco. Eles marcaram época e fizeram história. Castro Alves orientava o jornal “A Luz” e Tobias Barreto a “Revista Ilustrada”. Houve a deflagração de uma guerra literária. Castro Alves segue para o Rio de Janeiro e Tobias Barreto permanece no Recife. Sofre, em seguida, dois grandes golpes: a perda do pai, que morre em Sergipe, e a recusa da mãe da mulher amada: D. Leocádia Cavalcanti. A família da moça é contra o casamento por dois motivos: a cor e a pobreza de Tobias Barreto. Aparece, em seguida, em sua vida, D. Grata Félix, “amor sem véu”, com quem se casou e durante 20 anos sofreram e tiveram algumas alegrias com a presença de nove filhos. (Continua...)

Fonte: Jornal *A Tarde*, 03 de abril de 1989.

Escreveu sobre Tobias Barreto um substancial artigo que se estendeu por quatro edições do jornal, iniciando com a publicação de 27 de março de 1989 e se estendendo ao jornal de 24 de abril do mesmo ano. Deixa suas impressões sobre o eminente sergipano: “Tobias amou o estudo, a honestidade, o trabalho e foi um bom filho, bom esposo, bom pai. Era um sentimental e por ser boêmio não deixou suas memórias organizadas, embora estudasse muito, lesse muito [...]” (*A Tarde*, 27 de março, de 1989). Sobre Tobias, revela um trecho do “Discurso de Mangas

de Camisa”, assim intitulado, em que ele defende a liberdade: “Sim, senhores, é a liberdade que nos falta; não aquela que se exerce em falar, bradar, cuspir e macular o próximo, porque esta temô-la de sobra; mas, aquela que se traduz em atos dignos e meritórios” (Jornal *A Tarde*, 24 de abril de 1989). Ao todo a professora dera ênfase à biografia, a discursos e à aprovação do sergipano, como professor, para o quadro da Faculdade de Direito de Recife.

Ainda como escritora, a professora Conceição Ouro produziu inúmeras obras e muitas delas permaneceram no ineditismo. No Quadro 6, há uma relação de publicações mencionadas, principalmente, pelo jornal *A Tarde*, quase todos com trechos publicados no citado semanário.

Quadro 6 – Publicações e/ou produções da professora Conceição Ouro mencionadas no jornal *A Tarde*

Título da obra²⁸	Gênero textual	Ano de menção no jornal <i>A Tarde</i>
A Filosofia do Positivo	Estudo crítico	1981
Ecos	Contos	1981
Os Executores	Contos	1981
Consciência	Romance	1981
Fênix	Romance	1981
Revanche	Romance	1981
Alfabeto de Experiências DIDÁTICO-LÍRICAS-PEDAGÓGICAS	Livro didático-poético	1989
À Sombra das Acácias	Poesia	1989
Loucuras e Encantamento ²⁹	Poesia	1990
Raízes Profundas da Criatividade	Livro técnico-didático-literário	1990

Fonte: Jornal *A Tarde*, 1981 a 1990.

O quadro se refere a obras concluídas ou em andamento, considerando a época em que a professora esteve publicando no jornal e, naquele período, fazendo a divulgação de seus livros. Sobre eles, dava conhecimento ao público leitor de pelo menos um capítulo ou texto selecionado da sua vasta produção. Estas publicações exemplificam suas obras, exibem fragmentos de seus livros de poesia, conto, estudo crítico e livro didático. Para alguns destes textos, não se fará referência a todos, uma breve exposição será destacada.

No jornal *Letras Sergipanas*, poemas como *Fiat lux* (LETRAS SERGIPANAS, 1986) e *Redenção* (LETRAS SERGIPANAS, 1989) são sonetos, o primeiro tematiza o poeta e o segundo, um pedinte. Já o poema *Dever* (LETRAS SERGIPANAS, 1989) como teor predominante destaca o encontro entre certo indivíduo e um soberano (LETRAS

²⁸ Os títulos dos textos são mantidos com a grafia adotada no jornal *A Tarde*, que registra o nome das obras empregando iniciais maiúsculas para os termos principais.

²⁹ Todos os livros citados no quadro acima são mencionados no jornal *A Tarde*, com exceção de *Loucuras e Encantamento*, que é citado no jornal *Letras Sergipanas*

SERGIPANAS, 1989). Mas, na edição do jornal de fevereiro de 1990, é onde se percebe registro do poema *Destino*, do livro inédito por ela escrito, definido pelo nome de *Loucuras e encantamento*. No poema, exposto abaixo, o eu lírico, assumindo a voz feminina, vive sua experiência ora sentindo a felicidade, ora percebendo a ausência disso. Há um “Amor” que a quer como mulher, mas tocado pelo fogo dos deuses, o eu lírico segue trajetória rumo ao infinito.

Destino

“Fui marcada com o fogo do Olimpo
e hoje sigo a trajetória eterna
dos bólidos perdidos no Infinito”.
O estilete mágico dos deuses
vinculou-me o espírito e parti.
Aqui, porém, na terra, encontrei
um diverso caminho
com rosa e espinho
alegria, tristeza, vida e dor
- a senda virgem do verdadeiro Amor –
Expandiu-se-me inteiro o coração.
Simples,
sorvi o ar
com encantamento.
Felicidade
era o nome daquilo que sentia.
Mas o Amor só me quer
Como mulher.
Mesmo perjura
a marca sacrossanta abandonando.
A missão que me deram,
abominando.
A Senda sendo sua
E sendo sua.
Ainda me julga uma Sacerdotisa.
Eu não tenho direito a ser feliz.
E numa imprecação,
meu coração soluça.
“Fui marcada com o fogo do Olimpo
e hoje sigo a trajetória eterna
dos bólidos perdidos no Infinito.”

(*Jornal Letras Sergipanas*, 1990, p. 4.)

Além do mais, embora a professora Conceição Ouro tratasse de diferenciadas temáticas no jornal *A Tarde*, a educação se inscreve como um dos temas importantes desenvolvidos por ela. O quadro a seguir lista títulos de textos no jornal que se fixavam na educação e se referia a

projetos de língua portuguesa e literatura desenvolvidos pela professora, a orientação sobre a questão da escrita, a livro didático, a estudos orientados a partir de seus livros, entre outras iniciativas.

Quadro 7 – Textos sobre educação publicados no jornal *A Tarde* pela professora Conceição Ouro

Título do texto	Gênero textual	Ano
Colégio de Aplicação	Ensaio	1989
Definição do problema	Ensaio	1989
Uma Esperança para a Aprendizagem	Ensaio	1989
Alfabeto de Experiências didático-líricas- pedagógicas	Livro didático-poético	1989
Raízes Profundas da Criatividade	Ensaio	1990

Fonte: Jornal *A Tarde*, 1981 a 1990.

Já nos escritos em que enfatiza diretamente a educação, como se dá também em texto que inclui a Figura 9, o Colégio de Aplicação paulatinamente vai surgindo. Em “Uma esperança para a aprendizagem”, o jornal *A Tarde* publicou relevante entrevista com a professora Maria da Conceição Ouro Reis, na qual abordou a melhoria do ensino de português, tratou de projetos de ensino em língua portuguesa e do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa, a ser implantado no Codap (*A Tarde*, 21 de agosto 1989). Uma amostra desta publicação, ilustrada pela figura 9, vai seguida de comentário.

Figura 9 – Imagem do jornal *A Tarde* – Edição Sergipe, enfatizando entrevista da prof.^a Conceição Ouro (1989)

PÁGINA 8

A TARDE, SEGUNDA-FEIRA, 21 DE AGOSTO DE 1989

Uma esperança para a aprendizagem

É importante assinalar o excesso de notícias mórbidas que enchem os lares, por meio da imprensa escrita, radiofônica e televisiva. A morbidez e a violência tornaram-se a tônica dessa última década do século XX?

E o jovem? Qual a sua resposta?

Na escola é inevitável a presença do desinteresse e alheamento ou, quando ainda pior, da agressão e da rebeldia.

Dentro desse contexto surge um problema crucial — a aprendizagem da Língua Pátria.

Em sendo assim, vejamos a entrevista que se segue com a professora Maria da Conceição Ouro Reis:

A. TARDE — Professora, quais as perspectivas para melhorar o ensino do Português?

PROFESSORA — Completo, agora, 36 anos de magistério e a experiência é uma grande conselheira; aproxima-se o momento da minha aposentadoria e a minha missão não estaria completa se eu me omitisse na cooperação da melhoria do ensino do Português. Brevemente será lançado o meu livro "Redigir Bem ou A Arte de Comunicar-se", onde a minha ajuda se faz sentir, no sentido de apurar as ideias, ajustar os espelhos que impedem a visão limpa, clara e segura do manuseio da Língua Pátria.

A TARDE — E, na prática, como a senhora espera desenvolver essa ideia e aplicação dos ensinamentos do seu livro?

PROFESSORA — Eu sou professora da Universidade Federal de Sergipe e trabalho no Colégio de Aplicação que é um campo de estágio, de novas experiências e pesquisas; ali, eu tenho testado todos os métodos disponíveis, enriquecendo, assim, o meu acervo de experiências didático-pedagógicas. Existe um projeto calcado nesse livro que se encontra tramitando pelos canais competentes da UFS, desde o dia 23 de outubro de 1986. A Área de Comunicação e Expressão do Colégio de Aplicação, por meio da ata de uma reunião extraordinária, efetuada naquele colégio para esse fim, decidiu por unanimidade aprová-lo e o projeto seguiu a sua trajetória. Com a sua implantação, dar-se-á a criação do "Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa". Esse núcleo já tem pronto o seu estatuto e deverá ser implantado no Colégio de Aplicação em 1990. Mil novecentos e noventa será um marco em nosso colégio no que tange a aprendizagem da Língua Portuguesa.

A TARDE — Professora, a senhora poderia dizer, em linhas gerais, quais as finalidades desse Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa?

PROFESSORA — Citarei algumas: incentivar o amor e o aprimoramento da Língua Mater através do funcionamento regular do núcleo; manter professores e/ou bolsistas em plantão permanente ou em horários preestabelecidos para tirar dúvidas gramaticais, de redação ou conjugação, dos alunos do Colégio de Aplicação, podendo, no futuro, estender-se tal atividade a alunos de toda a comunidade universitária; editar o seu jornal; organizar seminários, manter intercâmbio com outros centros de estudos da Língua Portuguesa de outras universidades; promover palestras, etc.

A TARDE — Entim, só temos a desejar muito êxito e parabenizar aos alunos que usufruírem do núcleo. Qual a sua mensagem, professora, para os seus alunos?

PROFESSORA — O conhecimento não tem limites. O núcleo será um espaço para a aprendizagem; porém, será muito mais uma esperança para a busca do conhecimento, transformando essa procura em um prazer.

Fotografia foi longo processo de pesquisa

Hoje, a fotografia é familiar a milhares de pessoas em todo o mundo. Mas, até o século passado, quando ela foi inventada, não era assim. A sua invenção foi o resultado de um longo processo de pesquisa, e quem pela primeira vez o descobriu foi o italiano Leonardo da Vinci, três séculos antes.

No ano de 1839, em Paris, um pintor e cenógrafo de nome Louis Jacques M. Niepce, conseguiu uma notável façanha: fez aparecer sobre uma lâmina de metal incrustadas minúsculas da vida real, após uma rápida exposição à luz e alguns minutos de recolhimento numa câmara escura.

O daguerreótipo, como ficou conhecido o invento de Daguerre, popularizou-se pelo mundo e aos poucos, foi sendo aperfeiçoado. George Eastman deu um passo decisivo para a evolução da fotografia ao projetar uma máquina que produzia industrialmente rolos de filmes, numa base de celulóide. Concebeu também uma câmera simples para operar esses filmes lançando-a no mercado em 1888. O primeiro filme em cores foi exibido por Eastman em 1928.

Agora os russos podem já ler a Bíblia

A URSS importou recentemente dois milhões de Bíblias, porque o presidente Mikhail Gorbachev está disposto a restabelecer inteiramente a liberdade religiosa, partindo do princípio de que é melhor acreditar em algo do que em nada, afirmou o representante português no Terceiro Congresso Mundial sobre liberdade religiosa, que acaba de se encerrar em Londres.

Um novo clima moral, ético e espiritual está tomando conta da URSS no que se refere às relações com os cristãos e com outras religiões. O Parlamento discutirá dentro de algumas semanas uma nova legislação religiosa que assegurará a várias comunidades o direito à fé — disse Konstantin Kharchev, ex-presidente do Comitê de Assuntos Religiosos da URSS.

No congresso de quatro dias, que reuniu cerca de 300 pessoas, Kharchev disse que as Bíblias foram importadas nos últimos 18 meses, e que Gorbachev está convencido de que a descrença é uma atitude mental danosa; ele chegou à conclusão de que a fé — seja no partido, em Marx ou em uma religião — é indispensável para implantar novas ideias.

Cinema era apenas uma pequena curiosidade

Cinema é a abreviação de cinematógrafo e pode designar várias coisas: o teatro artístico, o comércio, que constitui a produção, distribuição e representação do filme, pode designar o próprio filme, e, ainda, o local onde o filme é apresentado.

O cinema foi, a princípio, uma curiosidade científica em torno de aparelhos derivados da lanterna mágica, conhecida desde a antiga Grécia.

Este aparelho começou a ser aperfeiçoado no século XVII. Em 1600, apareceu a lanterna mágica com luz artificial. Em 1799, surgiu o phantoscope e, em seguida, vários aparelhos que tinham como principal objetivo captar a imagem.

A fotografia abriu caminho para o cinema, e a combinação desses dois fatores veio a surgir da combinação do princípio da lanterna mágica com as imagens fixadas em filme. Ao todo, houve 125 aparelhos até aparecer o cinematógrafo dos Lumière, considerados os inventores do cinema para o público, em 1895. Eles fizeram, também, o primeiro filme "passado": "O Regador Regado".

O meio de expressão do cinema é a relação imagem-movimento que leva à relação plástica-rítmica.

Até 1927, o cinema era mudo, mas havia sempre um piano (ou uma orquestra) ao lado da tela. "The Jazz Singer" foi o primeiro filme falado, e, já em 1930, todos os grandes centros já estavam aparelhados. Aos poucos, o cinema foi enriquecendo-se com a cor, telas largas, som estereofônico etc. Desde então, só havia grandes saldos em relação à sétima arte.

Escotismo ensina aos jovens boas maneiras

Escotismo não é só uma palavra de quatro sílabas.

É um movimento criado por Baden Powell, a fim de ensinar aos jovens coisas como servir à comunidade, agir em situações de perigo, primeiros-socorros e muitas outras coisas.

O movimento escoteiro é dividido em quatro partes, que são: lobinho, formado por crianças de sete a 10 anos; escoteira, que é de 11 a 14 anos; sênior, de 15 a 17 anos; e pioneiros, de 18 a 23 anos depois vem o chefe.

Escotismo não existe apenas para meninos, mas para meninas. Há jogos e brincadeiras que são realizados na sede-lugar, onde acontecem as reuniões — ou em acampamentos (nestes últimos aprende-se a cozinhar, montar barracas, fazer amarras...).

Fonte: Jornal *A Tarde*, 21 de agosto 1989. Realce na imagem inserido pelo autor.

Na entrevista, a professora Conceição Ouro indica rumos de sua didática, firmando-se na construção de um ensino em que a prática deve sobressair-se sobre a teoria ou outros aspectos. O entrevistador chama atenção para o espírito de sua época, do ano de 1989, questionando-se acerca da violência no século XX e da rebeldia até na escola, enquanto procura discutir a educação e a Língua Portuguesa. À Língua Portuguesa como um problema, a professora vê possibilidades que se assentam até no seu próprio trabalho, deste modo ela sugere que diante do entrave nos estudos de língua, iniciativas como a do projeto "Redigir bem ou a arte de comunicar-se" são possíveis em busca de solução em práticas escritas. Assim, ao mesmo tempo que mantém a crença no trabalho por ela mesma desenvolvido, entende que não se deve

descuidar da comunicação envolvida na questão da produção de texto, devendo-se escrever bem. Um dos exemplos de ensino prático de língua portuguesa observado pela professora é, em primeiro lugar, o de diversificar a testagem de experiências para enriquecimento da didática de diferentes métodos do ensino de língua portuguesa. Portanto, um dos princípios que seguiria seria o da variação de métodos de ensino, e um passo importante para isso, na sua concepção, seria a concretização de um espaço adequado à realização de experimentos linguísticos, lugares específicos de experiências com a língua portuguesa, como os laboratórios de educação.

Na realidade específica do ensino sob os seus cuidados, ela sugere uma iniciativa como a da criação do “Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa”, ou seja, um lugar de testagem de saberes da língua, aliado à sala de aula ou ainda além dela. Dessa entrevista, três fatores podem ser depreendidos sobre experiências de ensino com língua portuguesa, a partir das lições da professora: a redação está na base da língua portuguesa; a testagem de diferentes métodos de ensino enriquece a didática do professor; e deve haver espaços exclusivos na escola como laboratórios de escrita.

Já ao desenvolver a matéria intitulada “Definição do problema”, a professora pronunciou-se sobre as dificuldades de escrita dos alunos, esclarecendo: “É preciso cuidar da motivação, que é um problema complexo” (A Tarde, 13 de novembro de 1989). E sugere a busca de recursos para a produção de ideias, ao que chamou de “inspiração”. Assim ela vai introduzindo a importante questão da escrita. Uma das medidas diante da problemática seria descartar o purismo linguístico, mas sem abandonar mecanismos de correção de linguagem. Para isso, admitiu haver, na problemática da escrita, um terreno para a gramática, desde que a linguagem nasça dos exemplos do uso da língua e não o contrário, que o uso da língua surja de um manual de linguagem. E defende também a construção do esboço do texto a ser escrito, observando a importância do trabalho de preparação, tal qual fazem o pintor e o escultor.

Em outro ponto, com matéria publicada no tópico intitulado “Colégio de Aplicação”, a professora faz uma síntese de sua trajetória, tratando da sua dedicação ao ensino, do desenvolvimento de projetos didáticos, de questões que incluem a aprendizagem em língua portuguesa e literatura. Refere-se, por exemplo, ao ensino da literatura no 2.º grau, à organização de um livro didático para o 1.º grau, discute sobre produções literárias e técnicas, comentando brevemente algumas de suas obras, como *À sombra das acácias* e o projeto *Redigir bem ou a arte de comunicar-se*. (A Tarde, 23 de outubro de 1989).³⁰

³⁰ É importante notar nas referências ao final, onde se listam as fontes do jornal *A Tarde*, que a data aparece de modo específico, contudo nem sempre foi possível localizar a edição da matéria jornalística publicada ou a página a que o semanário se refere.

Na sua coluna no jornal *A Tarde*, percebe-se que a professora se aproxima, fora do espaço da escola, do público que valoriza a informação, da sociedade sergipana, numa relação mais intimista. No semanário, parte de suas obras se difunde, seu pensamento educacional não se retrai, as publicações literárias vão solidificando o cuidado com a língua portuguesa. Textos se difundem com reflexões filosóficas, educacionais, resenhas, além da escrita de contos e poesias. O jornal representaria uma realização pessoal e uma necessidade social de difusão de conhecimentos. Assim, percebe-se que o jornal foi um importante momento na trajetória de Conceição Ouro porque a projeta não só como escritora, mulher letrada, mas também como intelectual sergipana e professora. Os atributos literários serão uma potencialidade muito explorada na formação dos estudantes no Colégio de Aplicação.

Com o jornal considerado na trajetória da docente Conceição Ouro, a sociedade sergipana teve ciência sobre a importante participação de professores na vida cultural de sua gente. A construção literária por uma de suas escritoras não esteve deslocada e os leitores sergipanos obtiveram mais ferramentas sobre a questão. Além do mais, não houve ausências, certas discussões de fundo educacional foram veiculadas, a participação social do Colégio de Aplicação permaneceu divulgada na sociedade. E também: discussões de cunho filosófico, que abordavam temas como pensadores sergipanos, vida e criatividade foram representadas na voz feminina, pelo menos no jornal. Portanto, é em torno destas questões que a professora Conceição Ouro, a partir do jornal *A Tarde*, inseriu significados que reverberaram na sua prática docente no Colégio de Aplicação da UFS.

3 CONCEIÇÃO OURO: A INTELLECTUALIDADE PELA CRIAÇÃO E PELO SABER

Nesta seção se discutem aspectos da intelectualidade e da questão literária, retomam-se, porém, aspectos conceituais para, levando-se em conta estes objetos, retomar-se a trajetória da professora Maria da Conceição Ouro Reis. Admite-se que um dos traços de sua intelectualidade está expresso na sua produção literária e, sendo assim, serão discutidas as ideias de intelectual, literatura e a produção literária da docente, entendendo-se que estas duas etapas, intelectualidade e produção literária, são consequências da forma de atuar da docente em foco.

Ao se observar a trajetória da professora Maria da Conceição Ouro Reis percebe-se que ela prioriza as atividades de ensino, porque esta atuação atinge um desenvolvimento linear entre suas ocupações. Além disso, a docente vai além do ato de interação em sala de aula, com sua produção literária, sendo esta uma das marcantes atividades do seu potencial intelectual. Assim, tanto aspectos da intelectualidade quanto da elaboração literária serão abordados nesta seção, em que se discute a respeito da construção de ambos os processos, a intelectualidade, inicialmente, e a literatura, em seguida. Levando-se em conta ambos os conceitos.

3.1 A QUESTÃO DA INTELLECTUALIDADE

À medida que se retoma a trajetória da professora Conceição Ouro Reis, entende-se que a sua intelectualidade, de algum modo, foi direcionada à necessidade da escrita, aquela do texto metafórico e literário, que tanto dá forma às composições de sua obra, e tal intelectualidade estaria relacionada ao ato criador como se entende em Sirinelli (2003) e ao ato do saber, conforme Oliveira (2001). Além dessas considerações, sobre a questão da intelectualidade e de literatura, a obra literária da mencionada professora será nesta seção considerada.

A questão da intelectualidade possibilita margem a convergências e divergências. Não se percebe unanimidade entre estudiosos da temática, pois ora se enfatizam relações de poder, ora outras formas de concentração são abordadas sem que o poder seja adotado como o foco decisivo da questão. Há formas de percepção da questão da intelectualidade além daquela instância em que se detecta o vínculo do intelectual com o poder, por exemplo, em uma relação em que ele se alia ao sistema político ou econômico, ou quando ele se opõe a esta direção. O intelectualismo pode ser expresso por outros modos ou representações, por exemplo, por uma das três seguintes formas: há intelectuais representados no eixo do poder, outros representados naqueles que se sustentam pelo saber, ou ainda aqueles que se sobressaem, infiltrados que estão no ato criador. No primeiro caso, Vieira (2008) é um dos estudiosos que argumentam sobre tal

aspecto; no segundo, Oliveira (2001); e, por último, Sirinelli (2003). Entretanto, parece mais corrente a primeira ideia, aquela que relaciona o intelectual ao poder, porque há muitos estudiosos que a analisam por este ângulo. Giroux (1997), por exemplo, faz algumas colocações e apresenta o termo “intelectual transformador” para se referir ao professor, ou melhor, emprega a expressão “professores como intelectuais transformadores” para se referir a docentes. Ele apresenta algumas observações: a ideologia instrumental, tecnocrática, nas escolas públicas, é uma ameaça aos professores existentes e ao futuro das escolas; ele vê na atividade docente uma forma de trabalho intelectual; acredita que em termos políticos e normativos as funções sociais concretas são desempenhadas pelos professores; e que é necessário tornar o político mais pedagógico e o pedagógico mais político. Portanto, ensinar, entende, é uma das ações políticas.

Vieira (2008) constrói a concepção de intelectual dando margem a duas premissas, a semântica, que envolve os termos *intelligentsia* e intelectual, e a social, que revela a face do poder como objeto relacionado à questão do intelectual. Assim, na Grande Polônia, por exemplo, então parte do Império Prussiano, a palavra *intelligentsia* representava “[...] os membros bem educados da sociedade que, apoiados na razão e no conhecimento, assumiriam as responsabilidades de defender os interesses da pátria e do povo” (VIEIRA, 2008, p. 68). De outro modo, no meio literário e político francês, o termo intelectual paulatinamente se sobressai sobre o termo *intelligentsia*, embora os dois termos estejam ligados à esfera política e à crítica do poder constituído.

Para Gramsci, assim como percebia Mannheim, cabe aos intelectuais a função de dirigentes e organizadores de cultura, porém Vieira (2008) ainda aponta a estes sujeitos outros atributos. Em Gramsci, os intelectuais tanto podem ser agentes de domínio e de direção cultural quanto podem assumir um papel revolucionário, vinculando suas decisões aos interesses das classes subalternas. Além disso, eles, os intelectuais, não alcançam autonomia, dependente que são das principais forças sociais e, ainda mais, eles mesmos não se põem à parte dessas forças, razão pela qual são vozes e expressões delas (VIEIRA, 2008, p. 77-78).

Para Bourdieu, fazem parte dos mecanismos de reprodução social as relações de dominação econômica, política e cultural; as estruturas simbólicas e estruturas sociais, entretanto “Bourdieu investiu em uma leitura das relações de poder que supera, a um só tempo, a tese da determinação estrutural (o poder econômico submete a sociedade) e a tese culturalista da imposição ideológica (a aculturação dos dominados pela cultura dominante)”. (VIEIRA, 2008, p. 78). Na expectativa de Bourdieu, os intelectuais, por vezes, são produtores de capital simbólico, incutindo interesses da classe dominante ou defendendo interesses da classe culta, lutando pelo monopólio da produção de capital simbólico.

Na concepção de Oliveira (2001), os intelectuais estão relacionados ao saber. Neste sentido, a noção de intelectual não se torna fechada em si mesmo na questão do poder e o produtor do conhecimento seria por esta mesma ação um ser intelectual. Segundo Oliveira (2001), o intelectual moderno aparece desligado dos mecanismos tradicionais da dominação do poder, especialmente da Igreja e do Estado, por isso vai surgindo como autônomo. Sendo assim, o conhecimento estaria em produção antes mesmo da dependência do poder, por instituições avessas à sua divulgação. Oliveira é um dos estudiosos que concorda com Foucault, quando o francês vê nascer um novo tipo de poder fundado a partir do conhecimento, a partir do saber: “[...] um poder fundado precisamente no saber, apoiado, ancorado numa relação com os novos saberes que instalam e instauram novas práticas”. (OLIVEIRA, 2001, p. 126)

Para Oliveira, não interessa se os intelectuais estiveram a serviço do poder, pois é notório que ele se desliga de antigas formas de dominação e, portanto, encurta-se, por exemplo, o espaço público, já que as especializações, movidas pelo saber, avançam. Quanto ao mais, da concepção de intelectuais discutida em Oliveira (2001), fica evidente sua clara posição em relação ao que deve ser, alguém que produzindo atingirá a essência do seu ato, pelo conhecimento: “O intelectual passará a ser um produtor do conhecimento independente: a finalidade da produção do conhecimento é conhecer”. (OLIVEIRA, 2001, p. 126)

Sirinelli (2003) parte do contexto francês para fazer observações a respeito do termo intelectual, que se tornou aceito em contextos além dos arredores das regiões não francófonas. Para ele, a ideia de intelectual sofreu polimorfia e acompanhou modificações de acordo com as mudanças históricas e sociais. Os intelectuais constituíam um termo vago para significar um grupo social que não podia pertencer às massas porque era numericamente reduzido e não se sabia se eles causavam impacto, até ficar conhecido o caso Dreyfus.

Ele argumenta a favor de um conceito para o termo intelectual, ao qual ele chamou de “definição de geometria variável, mas baseada em invariantes”. Essas invariantes, para Sirinelli, podem originar duas ideias sobre o significado de intelectual, primeiro, uma ampla e sociocultural significação, que diz respeito aos criadores e aos “mediadores” culturais, que podem incluir representantes de atividades produtoras como jornalista, escritor, professor, inclusive o professor secundário e uma parte dos estudantes. E, em segundo lugar, os intelectuais seriam uma classe mais restrita, que inclui os intelectuais engajados, ou seja, intelectuais que tomam para si a participação em movimentos sociais e políticos, ou defendem alguma causa de interesse público (SIRINELLI, 2003, p. 242).

Como se pode perceber, o termo intelectual nem sempre está relacionado a sujeitos focados na esfera do conhecimento econômico ou político, que se colocam na contestação ou

defesa de poderes, como se pode entender de colocações de estudiosos como Bourdieu, Mannheim, Gramsci. Também se refere a outros domínios de conhecimento

[...] como, por exemplo, a Educação, Sociologia, Antropologia e Psicologia Social. Nesse sentido, o professor, o militar, o padre, o político, o médico, os filósofos, dentre tantos outros sujeitos, podem ser compreendidos como intelectuais, desde que, segundo Sirinelli (1996), tenham “qualidade humana”. (CONCEIÇÃO; SANTOS, 2019, p. 412).

Isso posto, compreende-se, primeiro, a inexistência de uma única abordagem para se tratar da ideia de intelectualidade, pois esta é uma ideia plural. O conceito de intelectual, portanto, se transfere do poder ao saber, da criação e mediação a ressignificações, dando margem a diversos questionamentos e demonstrando seu caráter dinâmico, de complexidade. Desta forma, será acatada a ideia de intelectual relacionada ao problema criador e ao ato do saber, especialmente para contextualizar a figura da professora Conceição Ouro. Já que, se nesse contexto, da conceituação da intelectualidade, considerar-se a produção literária da professora Conceição Ouro Reis, estar-se-ia admitindo a relação de sua escrita simbólica com o ato de criação (SIRINELLI, 2003) e do saber (OLIVEIRA, 2001), duas das vertentes, pelo menos, interligadas ao ramo de conhecimento sobre os intelectuais.

3.2 CONCEITO LITERÁRIO E A FICÇÃO DE CONCEIÇÃO OURO

A literatura neste tópico se define mais como uma revisão de conceitos do que um aprofundamento sobre o tema, ou melhor, o conhecimento literário na seção 3 introduz o conceito de literatura, apesar de retomar discussões neste campo, fazendo referência ao trabalho literário da professora Conceição Ouro de modo generalizado e não específico, isto é, transferindo este último momento aos tópicos intitulados “A Produção literária da professora Maria da Conceição Ouro Reis” (seção 3.3), e “A didática dos projetos: fomentando práticas de leitura e escrita” (seção 4).

A questão da literatura é relevante nesta seção porque a literatura é importante na trajetória da professora Conceição Ouro Reis. A literatura e a educação em algum momento se fundem na mesma direção no tocante às práticas de ensino, considerando o trabalho da professora, e a isso a que o final da seção se referirá. Lá, em certa medida, podendo se afirmar que não se sabe ao certo se é a atividade literária que dá respaldo às decisões profissionais da professora, e isso envolve a língua, ou se é o magistério em língua portuguesa, em parte, que a predispõe a fazer literatura. Adote-se aqui que as coexistências de ambos os movimentos são

complementares em sua trajetória. Isso ganha relevo neste estudo, uma vez que onde couber a literatura, como ela é entendida até então, deverá haver lugar para a obra da professora, obra linguística e artística, uma vez que suas produções tipificam literatura, e ainda se estendem além deste ramo, momento em que literatura e educação se aproximam, especialmente por projetos envolvendo as duas dimensões como o *Projeto laboratório de criação literária* e o (projeto) *Laboratório de criação literária – poesia*, em que propostas literárias ganham modos práticos em sala de aula, com a voz conduzida pela professora, Conceição Ouro, no primeiro caso, e no segundo com o retorno de vozes do aluno, com sua produção literária.

A literatura ao mesmo tempo é uma fala particular de cada autor e a construção de um objeto e, ainda que a ele não se atribua certas qualificações, mesmo assim, não pode ser desacreditado até como material histórico, porque a obra literária parece ser, no mínimo, um documento que compõe a história ou a história letrada de escritores com fins literários. As concepções de literatura neste tópico auxiliam a caracterização do fato literário e a inclusão de diálogos com este conhecimento e considerar referências ao trabalho da professora-escritora Conceição Ouro. Daí a necessidade de uma breve incursão pelos aspectos da literatura.

Já o uso especial da palavra literatura pode ser entendido como arte. Segundo Zappone e Wielewiski (2009) a ideia de literatura como arte, independente da música, da pintura, da arquitetura. Para Cardoso Filho, a literatura, como outras formas de arte, é criação, em que se dá a “dimensão criativa” por meio da qual o “autor transforma o mundo”, de modo que não se encontram fatos verdadeiros, mas fatos de verossimilhança, ou seja, os dados da realidade são pressupostos que sofrem transformação no campo da linguagem, enquanto se constitui o espaço novo, o espaço da literatura. (CARDOSO FILHO, 2011).

Uma forma de conceber literatura é compreendê-la de modo amplo, ou seja, a literatura seria o conjunto que abarcaria toda produção impressa, com a finalidade de leitura, e neste sentido ela seria um vasto arquivo. Wellek e Warren (2003) admite esta possibilidade, isto é, a literatura vista como “tudo o que foi impresso”. Entretanto, vendo por aí, a literatura seria o retrato de todas as informações e conhecimento de que se tem notícias, registros de uma escrita, alcançando um imenso status discursivo, perdendo totalmente sua especificidade ou, quem sabe, tornando-se de uma vez por todas o ponto referencial do conhecimento humano. Observando por esta ótica, isso criaria uma dificuldade para tudo que se entende como literatura, e para escritores específicos, incluindo os escritos da professora, pois o sentido de especificidade da literatura de Conceição Ouro estaria fora do horizonte pretendido, porque sendo tudo literatura a marca pontual de sua produção literária seria apenas mais uma composição para o amplo quadro literário, dificultando divisar a individualidade dos seus

escritos. Assim, a construção de um objeto, a obra da professora, estaria presente, mas a sua fala particular faria parte de um amplo universo das letras.

É provável que não seja embaraçoso apresentar uma concepção, uma ideia, daquilo que possa significar o que é literatura. O que é problemático, porém, é delimitar as fronteiras conceituais em busca de uma franca exatidão, sem risco de precipitações ou contradição e, neste sentido, as contribuições de Terry Eagleton (2006) sobre a questão literária são um apoio para dirimir a problemática.

A fronteira entre o que é e o que não compreende literatura é feita por frágeis linhas. O texto literário não se distingue de outras formas textuais porque é um texto impregnado de fatos do mundo da imaginação, embora fatos de imaginação em nada desvirtuem a natureza do texto literário, pelo contrário. Na literatura inglesa, ensaios de Francis Bacon e sermões de John Donne, textos que não acentuam o imaginário, compõem o que a tradição aceita como literatura ao lado do texto shakespeariano. Na França, com as máximas de La Rochefoucauld, o mesmo acontece. Assim, o critério da imaginação não pode ser sustentado como literatura se existe literatura mesmo com a ausência da expressão imaginária.

Também não se resolve o problema determinar que literatura é “ficção” e “fato” é o que se estabelece fora da ficção. Uma demonstração que contraria essa tese, por exemplo, encontra-se nas antigas sagas irlandesas, em que não parece obter sucesso quem tentar dissociar o que poderia pertencer à verdade “artística” ou à verdade “histórica”. Outro exemplo, na língua inglesa entre os séculos XVI e XVII, o termo “novel” era empregado tanto para se fazer referência a fatos de ocorrência verídica quanto para aqueles do mundo da ficção.

As ideias dos dois parágrafos precedentes foram utilizadas por Eagleton na tentativa de esclarecer o conceito de literatura e é sobre tais premissas que ele declara: “Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou ‘imaginativa’, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar.” (EAGLETON, 2006, p. 2). Para ele, um dos traços dessa peculiaridade é que a literatura atua na linguagem para distanciá-la da fala do cotidiano.

Apesar de discorrer em sentido contrário ao traço identitário de literatura com a “alma” na ficção e também na imaginação, Eagleton deve estar se referindo aos limites e fragilidades do conceito de literatura, poucos são os autores, em comparação à grande maioria deles, que conseguiram desafiar os limites entre ficção e realidade e alcançarem êxito ou se interessaram pela literatura nesta tendência. A literatura é largamente produzida dentro da ótica da ficção e da imaginação. O trabalho da professora Conceição Ouro, por exemplo, se coloca na área ficcional, implantada no imaginário como ocorre com a grande maioria dos autores literários. Seus livros de poesia, *A lagoa do fauno*, *À sombra das acácias*, ou romances como *Evelina*,

estão marcados pelo traço da imaginação e da ficção, sem qualquer desmerecimento na área literária como ocorre com a “imensidão” de autores nacionais e internacionais. E o uso da linguagem de forma peculiar a que se refere Eagleton, continua sendo uma meta a todos os autores literários, que se colocam ou não ao lado do tratamento ficcional.

Nem correntes de estudos linguísticos deram conta de enfrentar a tarefa de conceituação do literário sem que se direcionasse a elas um olhar de desconfiança ou não lhes restassem críticas. É nisso que se enquadra a participação dos formalistas russos. Segundo Eagleton, o formalismo foi a aplicação da linguística ao estudo da literatura. Essa corrente ficou em evidência a partir de 1920 e, para ela, era muito importante “a realidade material do texto literário em si”, de forma que literatura seria “uma organização particular de linguagem”, devendo ser regida por leis próprias, estudadas em si mesmas, sem quaisquer outras considerações concorrentes. Outra de suas concepções é que a fala do cotidiano é automatizada, por isso não literária, enquanto que no texto literário a essência será “tornar estranho”, ou seja, desautomatizar o processo linguístico, fazendo surgir a literatura. Enfim, na concepção de Eagleton (2006), os formalistas não tinham como meta definir a literatura, mas a literariedade, ou seja, os usos especiais da linguagem.

Segundo Zappone e Wielewicki (2012), a ideia de literatura como arte, independente da música, da pintura, da arquitetura, como uma categoria autônoma, de criação artística de texto, foi assim formulada a partir da segunda metade do século XVIII e desenvolvida de maneira abrangente no século XIX. Para estes estudiosos, a literatura assume contornos que vão definindo a sua especificidade no decorrer do tempo. A palavra latina *literatura* é originária do termo grego *grammatiké*, o qual significava a ciência ou arte de ler e escrever. O termo literatura ficou assim conhecido desde o século XV, quando o texto se transferiu do copista ao impressor, pois era atributo de poucos, relacionado por vezes a quem estava social e economicamente mais aparelhado. Todavia, a partir do século XVIII, já circulam dois sentidos relacionados ao termo literatura, em um ela deixa de ser conhecimento, saber, erudição, para ser uma alternativa de gosto ou sensibilidade, em outro o termo adquire uma conotação referente à nacionalidade, pois há uma literatura inglesa, outra italiana, outra francesa, afora outras mais.

Segundo os autores, para se referir ao texto de ordem imaginária, texto artístico, empregavam-se expressões do tipo poesia, eloquência, verso ou prosa. O termo poesia, por exemplo, adquirira o significado de composição sobre fato imaginário, idealizando o próprio fazer literário, sendo que o termo literatura aos poucos o substituiu, assumindo essa conotação.

Do ponto de vista da história literária, a literatura foi concebida como documento, distinguindo-se de outras formas de expressão por definir a palavra no texto impresso como o

suporte essencial. Ela se distingue de outras formas de expressão que, mesmo possuindo uma carga de afetividade, sentimento ou pretensão de arte, como se daria por uma “literatura oral”, faz opção por uma materialidade, a escrita.

A história literária, situando-se cronologicamente no início do século XIX, não tardou a se tornar referência nos estudos de letras e “[...] a integrar os sistemas educacionais de diversos países, inserida que foi nos currículos como matéria escolar” (SOUZA, 2014). Desde 1888, segundo Roberto Acízelo de Souza, o trabalho de Sílvio Romero é típico exemplo, entre nós, da repercussão que a matéria de estudos linguístico-literária alcançaria. Devido à acolhida dos estudos de história literária, pode-se falar com naturalidade em correntes literárias históricas como a literatura brasileira, a portuguesa e a francesa. Segundo Souza:

[...] convém estabelecer distinção entre as locuções história da literatura e historiografia da literatura, utilizando-se a primeira para designar o fenômeno constituído pelos desdobramentos e formação no tempo de uma entidade chamada literatura e reservando a segunda para nomear o corpo de obras consagradas ao estudo desse fenômeno. (SOUZA, 2014, p. 15).

Assim, compete observar que a história da literatura tende a relacionar a produção literária a uma temporalidade, procurando organizar essa produção demarcando espaços temporais, periodizações, por exemplo, e a historiografia literária reúne indícios que são as obras acatadas ao pertencimento desta área de estudos.

A história da literatura assume características comuns aos seus domínios, vista como disciplina do conhecimento, conforme as colocações de Souza (2014): primeiro, ela recusa à subjetividade e acata o desapego a valores estéticos; segundo, faz adesão ao historicismo, ou seja, faz opção pela construção literária situando-a em uma época, com base em uma periodização e, por último, ela estabelece demarcação de fronteiras por vezes geográficas, nacionalistas. Aqui cabem duas observações relacionadas à primeira e à última característica. Por isso, acrescenta-se ao primeiro aspecto que à história da literatura, apesar de verificar a natureza literária de um componente, de analisar matéria poética ou aspecto estético observado, interessa traçar objetivamente sua orientação de estudos, sem que se converta, ela mesma, em uma peça subjetiva, metafórica. Já quanto ao último aspecto, Souza esclarece que há certo tempo não havia na literatura, por exemplo, uma retórica francesa, uma retórica alemã, uma poética italiana, ou uma poética espanhola, como hoje acontece, o que esclarece os laços geográficos como uma das características de história da literatura.

A literatura, uma atividade que reúne menos escritores e mais leitores, comparando-se papéis distintos e proporcionais, é uma prática de ressocialização do homem, uma narrativa

dada que promove efeitos e reflexões. Para Antonio Candido, aclamado crítico literário brasileiro, a literatura é uma forma de conhecimento que pensa a validade de uma obra como síntese da projeção da experiência humana. Candido percebe na literatura um traço de complexidade, contradição e humanização, e a isso ele relaciona atribuições da função do texto literário. O caráter humanizador literário é um trabalho de ataque ao vazio de sentido, ao caos em busca de uma articulação semântica. De acordo com seus apontamentos,

A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção. (CANDIDO, 2011, p. 177).

Segundo Antonio Candido, a função da literatura estabelece interligação com três disposições: em uma, ela se constrói com objetos autônomos, revelando estrutura e significado; em outra, ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; depois, ela é uma forma de conhecimento, mesmo incorporando dados difusos e do inconsciente (CANDIDO, 2011, p. 176). Disso se depreende que, no primeiro caso, remete-se à literatura a sua capacidade de discurso resistente, que tem leis próprias de funcionamento e significado particular; e no segundo, que ela se torna detentora de um estado comunicativo e psicológico; e, por último, que ela se caracteriza como um dado epistemológico.

A literatura é uma prática que assume uma função social pela circulação de produtos da escrita entre pessoas que a ela deram importância. Essas pessoas, principalmente leitores e fundadores de texto, puseram em funcionamento atividades de letramento e perceberam o encanto que pode causar o uso do texto poético e a narrativa com fins de arte. Vista neste direcionamento, por exemplo, a escrita da professora Conceição Ouro em sua obra literária contribuiu significativamente, também no campo da educação, pelos projetos que percorreram caminhos literários, e depois, em uma escala mais vasta, pelo legado de suas obras ao campo literário.

Antonio Candido é um dos estudiosos que dialoga sobre a relação entre literatura e sociedade. Para ele, a obra literária supera a forma de expressão e a construção de objetos semiologicamente autônomos. Ela confirma a “[...] função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade.” (CANDIDO, 1993, p. 85). Como exemplo de literatura e a retomada nela da realidade social, ele cita o caso do romance regionalista brasileiro, retrato social muitas vezes de um brasilismo autêntico e rural.

Um outro exemplo de relação entre literatura e interesse social por esse ramo de conhecimento está no caso francês, explica Antonio Candido. O autor interpreta a literatura como resultado de processos criadores que vão da ficção ao drama e a impulsos sociais, pois “cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.” (CANDIDO, 1993, p. 175).

Considerando a relação entre literatura e sociedade, Antonio Candido defende a literatura enquanto função independentemente da tendência ideológica, política, religiosa e assim por diante. Sobre isso, ele menciona o literário articulado ao convívio humano e aos problemas de ordem social que a todos preocupam. Lembra a opção de escritores que incluem no seu projeto literário posições abertamente assumidas em função dos problemas sociais. E como consequência há toda uma literatura marcada, comprometida e comprometedora, que debate posições éticas, políticas, religiosas ou humanísticas. Embora todo esse lado de preocupação social e política seja relevante, ele discursa a favor da literatura como função, acima de determinações, ideologias e tendências, e adverte, referindo-se à literatura de engajamento político: “Daí pode surgir um perigo: afirmar que a literatura só alcança a verdadeira função quando é deste tipo.” (CANDIDO, 2011, p. 181).

Para demonstrar o valor da literatura não só social, mas também como objeto de conhecimento, Antonio Candido (2011, p. 189) evoca o contexto de preparação política da expansão proletária russa, com uma experiência de Jean Guéhenno, um escritor francês politicamente engajado no movimento. Segundo Candido, ele realizou uma experiência simples ao dar à gente do povo, de pouca instrução, romances populistas que apelavam à formação ideológica e de consciência do trabalhador e da pobreza. Sem sucesso na sua empreitada de despertar interesse dos leitores pela causa política. Mudando a estratégia, ele deu a esses leitores livros de Balzac, Stendhal e Flaubert, escritores franceses, pelos quais ficaram fascinados. E conclui: “Guéhenno queria mostrar com isto que a boa literatura tem alcance universal, e que ela seria acolhida devidamente pelo povo se chegasse até ele.” (CANDIDO, 2011, p. 189).

Entretanto, ele exemplifica a “literatura social” com a obra de Castro Alves, dos poemas abolicionistas. Antonio Candido assegura a legitimidade de produção literária, com base na organização formal, na posição política e humanitária assumida, que dá a conhecer sentimentos e sociedade, e ajuda a tomar posição em face de problemas sociais. Pelas colocações do autor, vê-se que literatura e sociedade não são objetos de estranha aproximação ou de procedimentos anulatórios, pois tanto a literatura pode refletir questões sociais quanto a sociedade está sujeita a ser influenciada por autores e obras.

A literatura da professora Conceição Ouro foi uma das maneiras preferidas de colocar seus sentimentos para intermediar ideias entre ela e a sociedade. No entorno da literatura de conotação social ou não, a obra da professora Conceição Ouro reúne o traço psicológico com maior força, isso acontece em suas obras poéticas como *A lagoa do fauno* e *À sombra das acácias* e até mesmo em seu romance *Evelina*. O traço psicológico é evidenciado em suas obras metafóricas, considerando a oposição entre psicológico e social. Do conjunto de sua produção sobre literatura isso pode ser acatado e observado, além de outros fatores, a partir de dados a seguir, considerando para fatos psicológicos suas produções metafóricas ou para outros fatores a sua obra técnica ou ainda literária. A seguir, maior atenção será dispensada às suas produções literárias.

3.3 PRODUÇÃO LITERÁRIA DA PROFESSORA MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS

A professora Conceição Ouro não se reduz apenas à valorização das letras e da produção de obras literárias, por exemplo, é também uma troca de sentido com o seu tempo, assinalando a presença feminina do professorado do Colégio de Aplicação tanto no campo da literatura quanto no da produção intelectual sergipana. E junto a outras escritoras sergipanas, como Lígia Pina, Carmelita Pinto Fontes e Cléa Brandão, todas elas com larga experiência no Codap/UFS, fortalecem, primeiro, o magistério feminino, e depois, a intelectualidade em nossa terra, ora com acentuado lirismo, ora com narrativas e construções que instigam a memória.

Se pensarmos objetivamente o entorno da produção cultural e escolar, não causa estranhamento hoje a existência da própria escola, nem as funções em seu interior que seus agentes tomam para si. A professora Conceição Ouro Reis, representando um dos agentes do espaço escolar, seria propulsora de intervenções em seu próprio magistério pelas práticas de escrita e envolvimento literário, que na seção do tópico seguinte a esta, serão estudadas sobre tal perspectiva. Entretanto, resta saber o que pode significar a literatura como dado objetivo, uma prática social, observando a produção da professora.

A produção literária da professora Conceição Ouro Reis é vasta, foi necessário eleger algumas de suas produções para perquirir traços do seu fazer literário, o qual nascendo na criação da obra de ficção, como temática, transfere-se a boa parte de seus projetos de ensino desenvolvidos, por exemplo, no Colégio de Aplicação. Seria um grande problema se a escolha das obras a serem observadas recaísse sobre a quantidade de livros que a professora produzira, primeiro porque o número de obras a ela atribuídas é extenso, depois porque a maioria de seus

livros não está publicada ainda.³¹ O critério então seguiu o aspecto da disponibilidade, assim: obra localizada, obra considerada, isso facilitou o processo de listagem das obras em foco. Outra medida que contribuiu para a escolha dos livros estudados nesta pesquisa foi o fato de se descobrir, por meio de documentação do Cemdap, menção a obras que faziam parte do rol de livros da professora, alguns utilizados em atividades do Colégio de Aplicação, o que deu pista à seleção pretendida. Atenderam a este aspecto, obras literárias como *Evelina*, emprestada do acervo do professor do Colégio de Aplicação José Genivaldo Martires, e *A lagoa do fauno*, livro existente também na Biblioteca Central da UFS (BICEN). Já *À sombra das acácias* e *Os executores* fizeram parte da pesquisa devido à disponibilidade de acesso às mencionadas obras. A primeira delas por circulação via internet e a segunda por acesso a informações publicadas pelo site da ALV, com considerações da escritora Sandra Natividade, e também por acesso a contos desta obra publicados no jornal *A Tarde*.

Algumas obras da professora Conceição Ouro só foram publicadas há pouco tempo, com o empenho e dedicação da família. A publicação se deu com a participação do sobrinho da professora, Lucas de Ouro, que presenteou sua avó com publicação de obras como *Evelina*, *À sombra das acácias*, *Os executores*, quando a professora completara 80 anos. É importante notar que a professora Conceição Ouro tinha em vista a convivência familiar, colocando a literatura depois disso, para esta conclusão coincidem tanto os esclarecimentos da sua filha, Mônica Ouro, quanto da colega escritora e sua companheira, Cléa Brandão. Mônica Ouro fazia referência também aos livros *A maioridade do soneto* e *Loucuras e encantamentos*, quando acrescentou: “[...] esses cinco livros, né, que foram publicados, foram publicados pelo meu filho, ele é publicitário e ele virou editor dela. Quando ela fez 80 anos, ele presenteou minha mãe com a edição 80 anos, [...] foi uma edição familiar feita por nós [...]”. (VERAS, 2022).

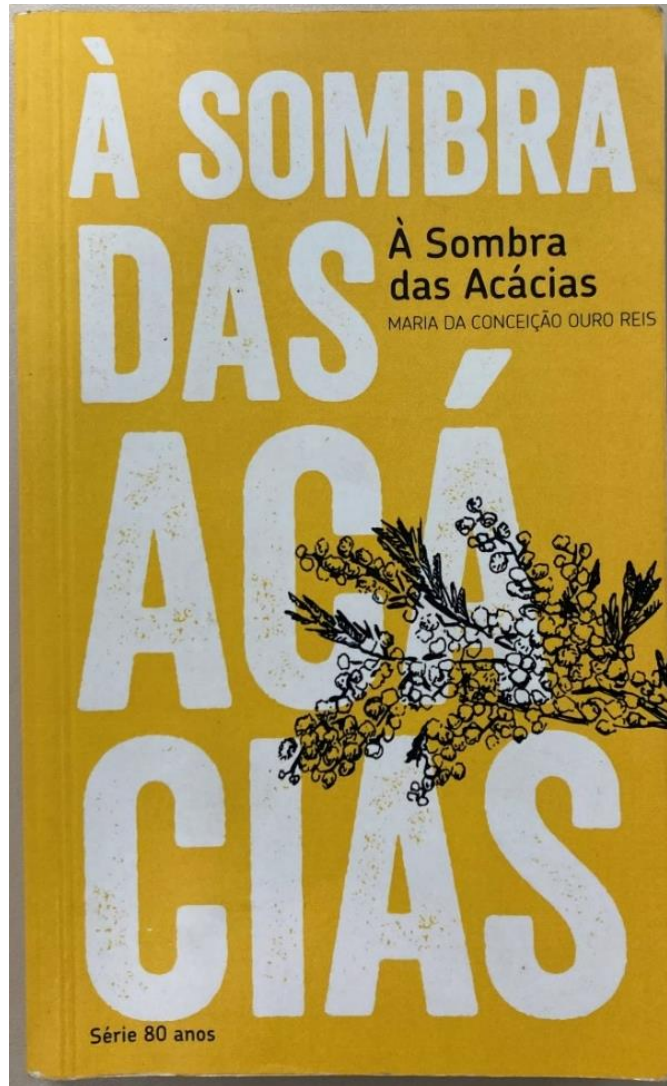
E a escritora Cléa Brandão notava a despreocupação da professora Conceição Ouro no que se refere à publicação, observando: “Ela não era muito de publicar, não era mesmo, eu me lembro de livro de poesia de que ela fez publicações acho que só foi a “Lagoa do fauno”, mas ela não era muito de publicar.” (SANTANA, 2022).

À sombra das acácias, por exemplo, é um livro que se coloca entre as primeiras obras elaboradas pela professora, mas que só foi publicada recentemente. É um livro de poesia de Maria da Conceição Ouro Reis, produzido em 1950, quando a autora, jovem estudante, contava com 21 anos de idade. Teve versão impressa em 2016 pela Empresa Gráfica da Bahia (EGBA),

³¹ Não há um consenso nas fontes consultadas a respeito da exata quantidade de livros produzidos pela professora Conceição Ouro. Seus escritos podem alcançar mais de 30 obras, a maioria, porém, ainda está a ser recuperada. Oito obras da professora, porém, já foram publicadas (VERAS, 2022).

em comemoração aos 80 anos da professora. A imagem da capa pode ser observada na figura 10.

Figura 10 – Fotografia da capa do livro *À sombra das acácias*



Fonte: REIS, 2016. Acervo do autor.

Abre a parte introdutória do livro de poemas *À sombra das acácias* um prefácio em que a autora estabelece conexão com os escritos da “Poética” de Aristóteles, notando o papel da verossimilhança na literatura, na poesia, e, nesta perspectiva, a literatura não reproduz o real, mas não o abandona, pois parte em busca da imitação desse real, não se alimentando apenas de confronto. Com 118 poemas, alguns títulos dados a poemas da obra prenunciam facetas e dramas, parecendo ensaiar uma série de profundos questionamentos perante a vida, voltados à

questão da existência³², uma preocupação capital que envolve a vida e seus significados: *A vingança; O fim da tarde; O cadáver e a rosa; A metamorfose; A bailarina; O desencanto; O louco; A cruz da estrada; A estelionatária; Três dias: a vida humana*, entre outros.

Uma das marcas das obras da professora, destaca-se, é o modo de envolver o leitor de seus textos. Para tratar da divulgação de seus livros, ela lida com o texto concluído, impresso, esmerando-se em produzir dedicatórias, e muitos escritores assim o fazem, entretanto isso constitui talvez umas das características de seu trabalho, que se pode perceber por obras que chegaram ao público, independentemente de a plateia receptora de sua produção literária ser ou não pessoa mais próxima, de um círculo de amigos, por exemplo. Seu gesto de produzir a dedicatória – os livros dela habitualmente apresentam dedicatória– pode significar um respeito pelo leitor, ou uma atitude a mais, sem estratégias de negócio, revelando confidências despreziosas além das palavras já dispostas no próprio objeto literário.

O literato é o mentor de um conjunto de significados, permitindo observar a arte pela ótica de múltiplos sentidos. O texto de Conceição Ouro Reis não só é um típico exemplo deste fato, mas também é um retorno à sensibilidade e à arte que interpreta e realiza a leitura de mundo sob o foco de sua particular subjetividade, como artista envolvida pelas letras. Tomemos como exemplo de sua poética um dos textos do livro acima mencionado, *À sombra das acácias*, com o poema que narra o destino ou sorte, e da última acácia.

...e o inverno levou a última acácia.

O inverno chegara para levar a acácia, mas suas folhas permanecerão verdes e belas.

Quando causticamente o veneno do tempo corroer o presente,
num futuro distante ainda estaremos unidos.

As nuvens formam arabescos persas e castelos feudais.

Tem a cor acinzentada.

Aquelas fontes incrustadas na praça triangular,

Reflete em suas águas paradas, todo o espetáculo do céu.

As acácias ao cair, agitam a superfície tranquila da massa líquida.

O silêncio completo

...e o inverno levou a última acácia.

(REIS, 2014, p. 91).

Sobre o poema acima, breve comentário é possível, sem a finalidade de crítica literária, de análise linguística ou teórico-literária, todas de universos técnicos e ferramentais específicos,

³² Não parece estar na pauta da poesia de Conceição Ouro a reivindicação de Sartre quando, por exemplo, ele coloca o problema da existência antes do da essência, em que o primeira deve preceder o último. A temática vida parece ser objeto de outro domínio não se pautando pelo existencialismo sartreano nesta obra.

apresentam-se algumas impressões enquanto leitor, em contato com as primeiras significações do texto, que agrega amplas possibilidades de sentido, como é o caso do gênero textual poema, objeto em foco. Assim sendo, observa-se que apesar das reticências iniciais do texto sobre o inverno e a acácia, esta poesia não é uma continuação de outro texto, representando, por exemplo, desordenação gráfica; não é parte de um texto que ficou para trás no livro poético de autoria de Conceição Ouro. É um poema, em termos espaciais, independente de outros, todavia isso não significa desconexão de sentido com as outras composições presentes na obra. Do ponto de vista formal, raros são os poemas assim, com esta apresentação de descontinuidade, representando uma parte em relação ao todo, com uma totalidade textual agora negada, descontínua, parecendo que há um fragmento de texto isolado para se dar valor à incompletude. Isso tudo pode representar um ensaio de aspecto formal, uma passagem por lugar incomum.

Se esta incompletude simboliza uma parte das coisas, uma fração de objetos totais, antes completos em suas essências (vida, tempo antes decorrido, a acácia presente, os sons que percorriam um vale, a permanência de elementos e seu estado), não é garantido confirmar. O problema da transitoriedade das coisas parece uma evidência abertamente evocada pelo eu lírico e, no embate entre o inverno e a acácia, enquanto ela é sufocada e repelida, ele prossegue triunfante. Se o tempo para o eu lírico é um desastre, um veneno que corrói, alterando e excluindo as coisas do presente, surge uma nova era na vez do triunfante inverno. Isso pode significar outra esfera de continuação da vida, a renovação em plena natureza, e, de outro modo, indica a suplantação de uns elementos sobre outros, a mudança e a transitoriedade da última acácia, por exemplo.

Uma compreensão que se permite fazer sobre o seu livro de poesias *À sombra das acácias* é que a professora Conceição Ouro por ele teve tal apreço que mesmo o tendo produzido aos 21 anos de idade o manteve ao longo de sua trajetória, publicando-o em 2016, mantendo a forma de escrita ora inaugurada em suas produções iniciais, isto é, conservou o estilo, que empregara quando o concluíra pela primeira vez. Quem sabe numa tentativa de manter vivo e atual os gratos sentimentos de chegada ao mundo poético de sua primeira obra, tentando preservar percepções juvenis.

Outra produção literária da professora é a obra *A lagoa do fauno*. É um livro de poesias, constituído com 109 poemas, escrito em 234 páginas. O livro, observado do índice, reflete uma divisão em três partes: a primeira na qual os poemas aparecem intitulados, composta por 68 poemas; a segunda, na qual os poemas deixam de ser intitulados, pois em lugar do título habitual surgem termos que o substituem, de acordo com o seguinte modelo: “Poema zero”, “Poema I”, “Poema II”, e assim por diante até se chegar ao “Poema XXXIX”; e a terceira parte, com apenas

dois poemas, que mais lembram uma conclusão pela mensagem já enfatizada na temática, cujos títulos assim se definem: “A Morte do Fauno” e “O último canto”.

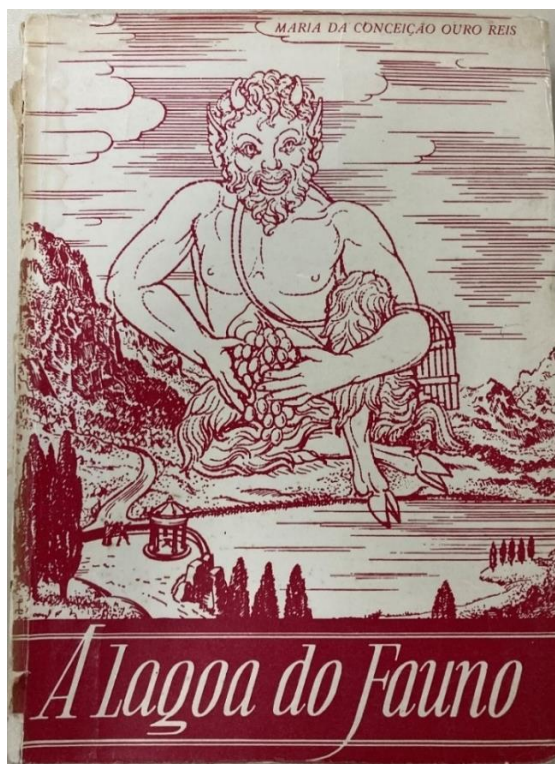
No decorrer de atividades escolares do Colégio de Aplicação, escritos da professora Conceição Ouro são explorados em ações culturais ou projetos de ensino. A este respeito, é ilustrativa a decisão do Conselho de Professores do Colégio, gerido pela diretora Therezinha Belém, em promover o lançamento da *A lagoa do fauno* como atividade do Colégio:

[...] a professora Therezinha falou da programação de encerramento das Atividades Escolares do Colégio de Aplicação que terão como ponto culminante o lançamento do livro *A lagoa do Fauno* da professora Maria da Conceição Ouro Reis, que se realizará nos dias nove e dez de dezembro de 1975. (CEMDAP, 1975).

A obra foi publicada em 1975 pela editora Beneditina, em Salvador, e não só movimentou uma variedade temática, dando preferência bem mais a questões intimistas, dramas que envolvem uma reflexão interior, que a dilemas que fotografam contradições sociais. O livro poético também revela um amadurecimento de estilo, especialmente se por alguma razão se observar a mudança de tom, na escrita, comparado com o seu livro de poesias *À sombra das acácias*, escrito em sua fase juvenil, aos 21 anos.

No livro *A lagoa do fauno*, a construção da linguagem se mostra mais técnica, as palavras são escolhidas em processos que parecem de maior intelecção, nela são empregados termos eruditos ou rebuscados, emprega-se um tom declamatório, com ritmo regular, buscando-se uma harmonia persistente. Em *À sombra das Acácias*, apesar das competências de linguagem e estilo, não se reflete a mesma tônica e harmonia da obra do amadurecimento, esta última que se obstina em buscar a perfeição, também formal. Portanto, ao que parece, diferente do livro concluído em 1950, *A lagoa do fauno* reúne a experiência da autora, apresentando uma linguagem declamatória, de teor reflexivo, indagadora, com estilo literário mais aprofundado linguisticamente. A foto ilustrativa da obra é vista na figura a seguir (Figura 11).

Figura 11 – Fotografia da capa do livro *A lagoa do fauno*



Fonte: REIS, 1975. Acervo do autor.

Assim inicia a escritora Conceição Ouro com notas de esclarecimento a sua obra (REIS, 1975, p. 13): “Leitor, na sua vida há uma lagoa?”. Com esta indagação, ela aponta direcionamentos que antecedem os poemas de sua obra. Uma das referências presentes em suas composições refletem o sentimento clássico de caráter mitológico. O livro inicia com uma espécie de nota explicativa, texto em prosa, no qual se descreve a figura do *Fauno*, que, segundo o texto, “[...] personificava a fecundidade da natureza”. O Fauno é apresentado como um ser barbudo a perambular sem destino com a flauta umedecida, do qual o próprio Júlio César pretendia descender. A esse tempo, o eu lírico anuncia que silenciará o seu canto, isto é, irá ocultar do leitor o que teme declarar, porque *A lagoa do fauno* será “uma história triste que não contarei”. Ao final, o eu lírico concluiu: “LEITOR, em sua vida existe uma lagoa?”; e, a seguir, traduz em versos a sua fala que se estende ao longo de toda a obra.

Esta obra foi publicada em pleno período da ditadura militar, época de conhecido controle sobre a circulação de ideias, em que a produção cultural era vigiada e as produções artísticas, por vezes, eram proibidas ou não permaneciam intactas, circulando com mutilações ou modificação de conteúdo para atender a objetivos vigentes durante tal período. Entretanto, a obra, ao tratar de fatos sociais, não assume a tônica da crítica ao sistema econômico, não reserva espaço para a crítica ao regime político vigente, mas procura, no entanto, encontrar no

homem seus dramas pessoais ou dilemas universais, seus embates psicológicos, suas dificuldades mais profundas, enraizadas nas lembranças, assim dando circulação ao ato criador do mundo artístico, sem excluir fatores humanos.

Entre as ideias que se evocam na obra se encontram temas os mais diversos, temas bastante abrangentes, como a poesia (referência ao processo criador desta arte ou técnica)³³, a felicidade, os anseios, a virtude, o pecado, o tédio, a melancolia, a sabedoria, a ideia, a água, o mundo, a guerra (cuja atenção se dirige ao cenário de desenvolvimento de batalha), em que sobressaem descrições, relembrando chacinas, dor, cerca de arame, cadáver, não se furtando em descrever o cenário da luta e da guerra. Segue como exemplo do texto poético desta obra o poema intitulado “Quem Sou”:

Quem sou?

Há quem procura amor, sonho, felicidade
 Há quem vista de ouro os sonhos que tem.
 Há o sádico, torpe, apóstolo do mal.
 Indiferente parvo existe também.
 Há os conquistadores que desvenda mundos.
 Há o pobre vassalo, autômato mandado.
 Há hipócritas vis engendrando maldade.
 No universo inteiro há virtude e pecado.
 Não acho para mim a classificação
 Que exprime o estado em que vive o meu ser.
 Aspiro ao que é bom sem desprezar ninguém.
 Procuro decifrar o drama de viver.
 Não me abato, porém, se tal empresa é vã.
 Não desdenho da sorte nem da minha sina.
 Talvez seja poeta, pois o meu encargo,
 É transformar a dor, a lágrima, em rima.
 (REIS, 1975, p. 15)

Com versos de extensão regulares entre si, constituído por única estrofe, o poema evita o emprego de rimas, deixando predominar o verso branco, apesar disso, revela construções traduzidas em musicalidade pela cadência e harmonia que envolve os versos. O eu lírico é o centro temático e motivo desta poesia, ao tempo que reflete e realiza uma leitura de si mesmo, dá justificativas em função de sua identidade. Em “Quem sou?” o “eu”, representado na mensagem poética parte em busca de autoentendimento, realizando uma reflexão sobre si mesmo.

³³ O processo criador, processo de criação literária, é uma das preocupações de estudos e escritos que a professora deixaria como uma das tendências de suas produções.

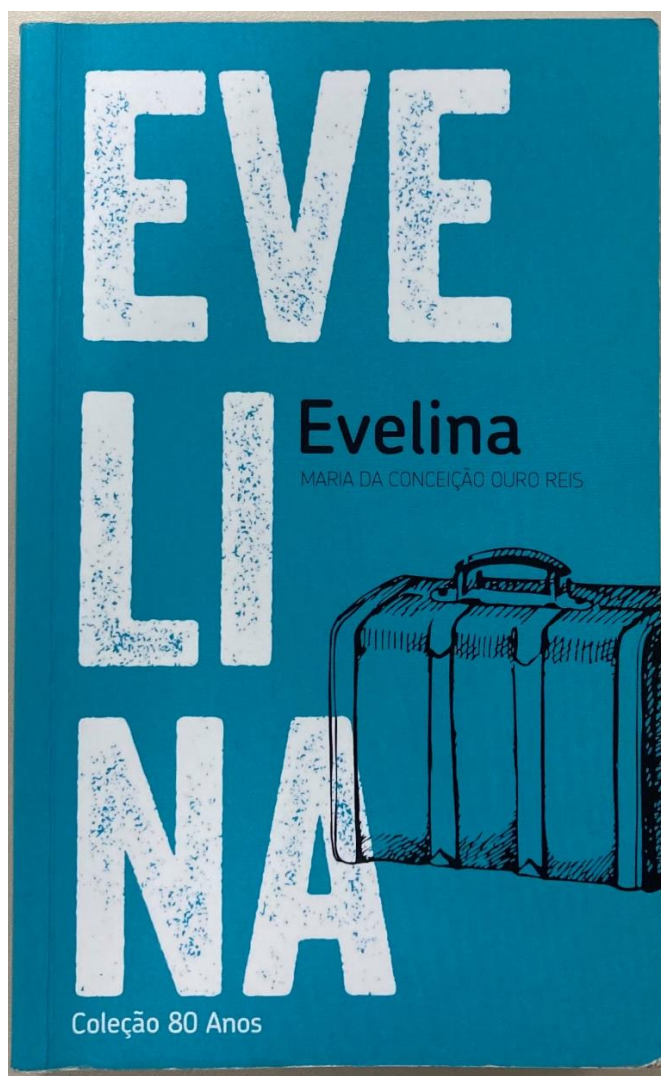
O eu lírico destaca o que não está na alçada de seus anseios, da sua busca, e, portanto não o definiria, aquilo que ele não pensa encontrar em si mesmo, assim ele não se acha entre os que procuram amor, sonho ou felicidade, nem doura seus sonhos. O sádico, o torpe, o propagador do mal não o representaria. Também descarta outros perfis como reflexo para a sua identidade: o indiferente parvo, os conquistadores, o autômato, o vassalo ou o hipócrita. Nada disso é o que pensa ser, pois em todos estes casos o eu lírico está ciente de não aderir a realidades representadas por certos indivíduos. Na definição do seu perfil, o eu lírico tem apenas uma certeza: não encontrar para si mesmo uma classificação, porém ele está convicto de aspirar ao que é bom e não praticar o desprezo. Também consegue realizar outras ações como não se abater na busca pela descoberta da sua identidade, embora admitindo que “tal empresa é vã”.

Enfim, no entremeio de tantas reflexões autoanalisando-se, o eu lírico pondera e admite a possibilidade de ser poeta porque traz como encargo mudar a dor em rima, ou seja, transformar dificuldades em poesia.

Já o romance *Evelina*, com imagem ilustrativa apresentada em sequência (Figura 12), foi mais uma obra publicada pela professora Conceição Ouro. É uma narrativa que conta os dissabores vividos por uma jovem que a família abandonou, cujo nome era Evelina. A obra foi escrita pela então aluna Conceição Ouro aos 17 anos de idade. É um texto de 1947, reeditado em 2014 pela Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), contendo 159 páginas. No romance, os dramas humanos foram traduzidos, como o ódio, a sede de vingança, o preconceito, a loucura, a guerra, a desilusão amorosa, enfim. O editor adianta uma síntese de fatos envolvidos, com as seguintes declarações, na contracapa do livro:

Evelina foi rejeitada ao nascer, teve uma infância sofrida e foi dada para ser amante de um homem que não conhecia. Apaixonou-se, mas teve o amor interrompido por desencontros e tragédias. A vida sempre trouxe surpresas agradáveis, mas Evelina nunca deixou que tirassem seu amor pela vida ou manchassem o seu caráter impecável. A menina que passou por alegrias e dramas, surpresas e sofrimento, fracasso e sucesso, é a prova de que o caráter é o bem mais precioso de uma pessoa. Esta é uma história que vai te fazer refletir sobre os valores mais preciosos da vida. (REIS, 2014).

Figura 12 – Fotografia da capa do romance *Evelina*



Fonte: REIS, 2014. Acervo de José Genivaldo Martires.

Esta obra participa dos planos didáticos da professora, tal escrito se estendeu além do espaço literário habitual, pois também serviu de objeto de interação em sala de aula. Há, por exemplo, uma menção da professora envolvendo direcionamentos didáticos. Vê-se, então, no jornal *A Tarde*, referência a “Um caderno de exercícios fundamentado no romance EVELINA” (*A Tarde*, 1990), e já possuindo a primeira parte já concluída, nota a professora ao publicar esta informação no citado jornal. Isso é um dos fatos que evidenciam a relação direta do ensino da professora na sala de aula com a literatura. Outro fato que corrobora esta afirmação é que em uma das reuniões de professores do Colégio de Aplicação, o romance *Evelina* é citado, não só um como objeto de caráter literário, por se tratar de um romance, mas também como um recurso auxiliar para a aprendizagem.

Assim, *Evelina*, um romance da juventude da professora Conceição Ouro, foi um dos textos estudados em sala de aula. Logo, visando ao envolvimento do aluno de modo específico no mundo da literatura, a obra *Evelina* ajudou a desfazer a fronteira entre autor, leitor, cotidiano escolar e metodologias de ensino. A relação entre obras produzidas pela professora, não só literária, e suas práticas de ensino consta, por exemplo, em registro de atividades escolares como as reuniões de professores. Este, um dos fatos com registro em atividades regulares do Colégio de Aplicação:

[...] a professora Maria da Conceição Ouro Reis relatou os trabalhos extraclasse que vem desenvolvendo nesta Escola, como “Redigir Bem ou a Arte de Comunicar-se”, que ainda não foi lançado, o seu romance “Evelina” um trabalho sobre este livro com os alunos, feito por esta professora, e sua pesquisa “Raízes Profundas da Criatividade. (CEMDAP - Livro de atas de reuniões de professores, 1992).

Um fato que chama atenção no contexto da existência do livro *Evelina* é que Ofenísia Freire, professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, quando Conceição Ouro fora sua aluna no Colégio Atheneu Sergipense, orientou a elaboração do romance da futura escritora, concluído no ano de 1947, mas o livro só tivera publicação em 2016 (CALDAS, 2015). Esta obra da juventude tem estilo marcante, revela uma autora apoiada na tradição do texto clássico, equilibrando regularidade da extensão dos períodos, purismo linguístico, seleção vocabular culta, predominantemente, mas também do linguajar corriqueiro, e sintaxe bem comportada. O romance, na linguagem, revela o modo de fala da gente bem educada de Sergipe, e nele a linguagem bem construída reflete escolarização de parte de suas personagens. É o que se percebe nos diálogos apresentados por personagens como Evelina, Roberto, Eduardo e sua mãe, figuras representativas de uma herança escolar específica. Mas tal realidade, contraditoriamente, no romance, não reflete emparelhamento entre personagens escolarizados e classe social, já que Evelina, moça culta, vive à margem social, na fase inicial de sua trajetória, enfrentando precária condição de vida e péssimos tratamentos.

Desde o primeiro capítulo, Evelina é apresentada com um linguajar clássico, isto é, com construções de uso aperfeiçoado de linguagem, emprego harmônico de termos, uso gramatical regular, falar culto. Há, todavia, uma explicação para isso, ela foi educada em escola religiosa, e não só, pois por volta dos 18 anos já dava aula no internato e a liderança religiosa local aprovava seu talento e dedicação. Porém, isso não significa que outros personagens veiculassem a linguagem da mesma forma, isto é, alguns não apresentavam claros traços da língua da escola.

É o que ocorria com D. Véva, Zé Pequeno e Farina, indivíduos não escolarizados. Na figura 13, percebe-se anúncio de lançamento do romance *Evelina*.

Figura 13 – Imagem do convite de lançamento do livro *Evelina* (2014)

C O N V I T E

LANÇAMENTO DO LIVRO
EVELINA
 DE MARIA DA CONCEIÇÃO OURO REIS

COQUETEL DE LANÇAMENTO EM ARACAJU/SE
 23/11/2014 (Domingo) às 18h na Casa Alemã
 Av. Jorge Amado, Jardins - ENTRADA FRANCA

COQUETEL DE LANÇAMENTO + SEMINÁRIO EM SALVADOR/BA
 19/12/2014 das 18h às 22h no
Auditório do Salvador Trade Center
 Av. Tancredo Neves, Caminho das Árvores - INSCRIÇÕES NO NAPSI
Tema do Seminário: Psicanálise e Literatura: Uma conexão possível.
 Por Maria da Conceição Ouro e Mônica Vêras
Informações: 71. 3353-2802 (NAPSI)

EVELINA É O LIVRO DE ESTRÉIA DA COLEÇÃO 80 ANOS. Uma série de pocket-books com produções inéditas da autora.

APÓIO:
NAPSI Casa Alemã

EVELINA
 Evelina
 Livro de 80 Anos

EVELINA

Fonte: Acervo da Academia Literária de Vida.

Quanto à estrutura de *Evelina*, o primeiro capítulo é o mais extenso, com 47 laudas; e o quinto capítulo, o menor entre eles, com quatro laudas. Ao todo, a obra possui 159 páginas numeradas. Desde o primeiro capítulo, a atmosfera maniqueísta está presente, a mesquinhez de Tia Véva, Zé Pequeno e Farina é movida contra Evelina. O texto movimentava construções clássicas de linguagem, como o trabalho da preposição no trecho: “Agora estaria desperto para fazê-lo sofrer, agora possuía provas capazes de esmagá-la em a mais completa felicidade, esperaria o momento oportuno” (REIS, 2014, p. 49).

Estas são algumas das personagens do romance: Evelina, personagem principal, em torno de quem gira a narrativa; Branca de Almeida, mãe de Evelina e de Eduardo, senhora culta e abastada; Eduardo, suposto irmão de Evelina; Zé pequeno, símbolo do atraso, e Farina, rivais

de Evelina, perseguidores sem motivo justificável; Roberto Macedo, indivíduo que nutria uma paixão sincera por Evelina; Pe. Guilherme, sacerdote local que era depositário da confiança de D. Branca; Tia Véva, mãe de encomenda, mercenária, que criava Evelina com objetivo específico determinado pelo pai de D. Branca; Dr. Mário de Almeida, marido de D. Branca, pai de Eduardo; Ricardo Padilha, possível louco, mas simbolizando uma normalidade não compreendida.

Os temas que saltam à vista são o amor sentimental, a religião, as relações familiares, a educação, a loucura e a guerra. A defesa ideológica de alguns desses aspectos fica a cargo do leitor, o narrador raramente se expõe nestes campos. A história se passa principalmente em Aracaju (SE), seguindo, em ordem decrescente, para os ambientes de Salvador (BA), Itália, Rio de Janeiro, Estados Unidos e Canadá. Aracaju é o centro predominante da história. A narrativa se passa tendo o ano próximo ao fim da II Guerra como referência, 1945.

Conta a história do romance um narrador onisciente de terceira pessoa. A obra não é linear, o leitor é quem vai organizando a mudança espacial, a sequência da história. Um traço dessa narrativa é que a passagem de um quadro a outro muitas vezes antecipa informações, dando a impressão que tudo já fora dito desde o primeiro capítulo e o leitor já preveria o desenlace da história, entretanto, ao longo da narrativa sobram intrigas e surpresas.

Entre diversos fatos, em uma de suas particularidades, a obra busca retratar o sofrimento, especialmente da personagem principal, e expõe o comportamento discriminatório que livra o homem e condena a mulher diante de iguais comportamentos. A conduta discriminatória do avô de Evelina é escancarada, ele encomenda o roubo da neta, Evelina, e paga a Véva para criá-la com grosseria e desprezo, tudo porque não aprovava o amor de sua filha D. Branca e Afonso, que viveram amasiados e ainda tiveram uma filha, Evelina, que, na narrativa é a protagonista da história.

Grosso modo, o romance retrata o sofrimento da personagem principal em foco, principalmente da infância à juventude. Surra, xingamentos, maldição, miséria planejada, como o plano para ela tornar-se amante de Roberto, desde os 13 anos de idade, estavam em cena. Entretanto, tal fato não se concretizara porque Roberto, um possível vilão, por ela se apaixonou e a tratou com honradez, desejando sobretudo com ela casar-se, mas isso não acontecera, rejeitado que fora por Evelina. Com o tempo, a sorte de Evelina foi mudando, ela herdou metade da fortuna de sua mãe D. Branca, e a outra metade ficara com o seu suposto irmão, Eduardo. Evelina foi educada em Salvador, em um colégio de freira, onde foi notável aluna, tornando-se depois professora, de Geografia. Mais tarde, passa outras decepções, uma delas foi o impedimento de casar com Eduardo, resultado de perseguição de Farina e Zé Pequeno. Após

estes fatos, retorna ao convívio com as freiras, especializando-se em enfermagem e depois partindo voluntariamente à guerra, seguindo à Itália. Entre os feridos da guerra (Segunda Guerra Mundial), encontrava-se Roberto, que mais tarde, falecendo, deixa-lhe fortuna também. Com o fim do movimento bélico, ela retorna a Sergipe, passa a morar na vivenda, na Atalaia, herdada de Roberto, e, dedicando-se à literatura, torna-se escritora celebrada nacionalmente, fazendo muito sucesso, publicando obras como “Revanche, Consciência e Fênix”, romances. Próximo do casamento dela com Lancaster, adoece, e indo a Salvador tratar-se, guiando seu próprio automóvel, sofre um acidente na ponte e morre.

Ainda convém ressaltar alguns pontos. No romance, Padilha não simboliza o louco, mas alguém que não se afina com as corriqueiras normas comportamentais. *Evelina* é um romance que dialoga com o mundo interno, literário, e o externo, o real, enquanto uma peça de ficção, de modo particular. Observando esta especificidade, a professora Conceição Ouro, em *Evelina*, cria uma ponte de significados entre dois mundos, formando uma narrativa metalinguística, em que literatura e realidade se confundem. Evelina, a personagem de ficção, que também desenvolve ofício de enfermeira, professora e escritora, na trama da obra literária, escreve os três romances ora citados, intitulando-os com nomes dados a obras existentes na literatura da própria professora/escritora Conceição Ouro, a personalidade do mundo real.

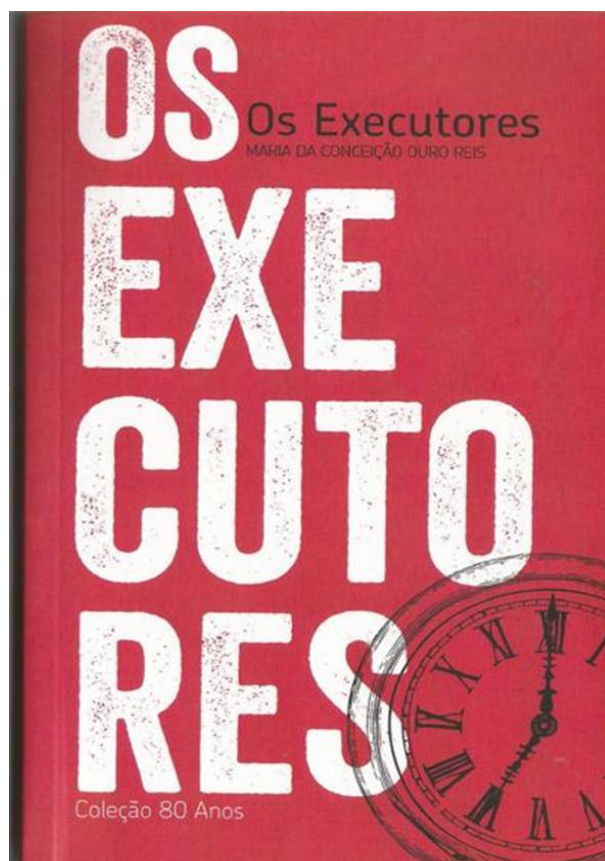
Além do mais, retomando a questão das produções da professora Conceição Ouro, observando o hiato temporal entre os livros *A lagoa do fauno* e *Evelina*, Rocha (2022), indagando sobre o efeito que isso pode causar no leitor, por outra ótica, não deixa de pontuar as dificuldades a que os escritores estão sujeitos, lembrando a postura editorial da época da professora Conceição Ouro, considerando era da década de 1970 a 2014:

Seu primeiro livro publicado foi *A Lagoa do Fauno*, em 1975. Só de poesias. São 234 páginas com poesias de sentimentos profundos. *Evelina* é um romance que foi escrito por ela aos 17 anos, e juraria que foi escrito por uma pessoa adulta e de muita experiência. E só publicado em 2014 pelo neto Lucas para comemorar os 80 anos da avó. Dá para entender a distância de um para o outro? Vale a pena ler. Alguns livros, enquanto ensinava no Colégio de Aplicação, foram encaminhadas ao Conselho editorial da Universidade, mas não foram publicados (ROCHA, 2022).

Já segundo Sandra Natividade (2022), outro volume da professora, o livro *Os executores*, é uma obra de contos e crônicas, envolvendo temáticas que revelam parte da natureza do ser humano, passando da realidade ao devaneio, tratando da arte, morte, vida, dores, alegrias, amores, ensinamentos, e da complexidade das relações entre os seres. O livro tem 151 páginas e foi publicado em 2016 pela EGBA. Uma imagem ilustrativa está na figura 14.

É possível conhecer um de seus contos por meio das publicações da professora no jornal *A Tarde*, intitulado “24 para 70”. É um conto de pouca extensão, ocupando apenas uma lauda no jornal, lembrando em certa medida o miniconto (*A Tarde*, 07 de setembro de 1981).

Figura 14 – Fotografia da capa do livro de contos *Os executores*



Fonte: Acervo da Academia Literária de Vida.

O conto se passa com ênfase em um dia de chuva, tônica que vai se misturando à crise existencial da personagem principal, processo em que se realiza uma reflexão sobre o período da juventude e o passar dos anos, num profundo vagar entre o ontem que se vivenciou e o retorno a si mesmo, no presente. A personagem principal, uma mulher anônima, com cerca de 46 anos, enfrentando o tempo adverso, muito chuvoso, dirigia-se a um Instituto de Beleza, para sua turma de ginástica, e revivia consigo mesma suas angústias, sua falta de aceitação com a modificação da aparência elaborada tempo afora. Enfrentava incertezas, percebendo o término da juventude, e não se pacificava com este fato, consciente de que estava sofrendo a passagem do tempo, que a deixava cada vez mais imersa em dúvidas, enfrentando uma crise psicológica, acentuada, principalmente, pela passagem dos anos dos “24 para os 70”.

Outro conto do livro *Os executores* é intitulado *Pensão lilás*. Do conto participam certas personagens que vão formando a cena da história, em torno de uma moradia coletiva, a Pensão Lilás. Nenê, uma funcionária autárquica, que fica de olho na vida particular dos hóspedes, é uma delas. A dona da pensão, sem nome declarado, é vista com facilidade em dias de pagamento, e em outros não. Filó era uma espécie de general do primeiro andar, segundo as más línguas, conforme o narrador, e mais outras personagens constroem a narrativa.

Alexandre, a personagem principal, é um caso à parte porque é um misto de representação entre a realidade concreta e o vislumbre da imaginação, mesmo assim parece prevalecer a primeira dimensão entre as duas possibilidades ora mencionadas. Mas Alexandre parece um típico personagem de conto fantástico. Um dia ele desaparece e ninguém se dá conta de seu paradeiro, nem se preocupa com tal fato. O chocante é que mesmo com o desaparecimento de um dos integrantes da pensão nada chamara a atenção dos moradores, nada deslocado ou fora de ordem se percebeu. Tudo continuou na mesma, cada um prosseguiu em sua rotina habitual.

O desaparecimento de alguém é encarado como um problema menor, que não causa maiores impactos, visto que a comunidade que vivenciou este fato na Pensão Lilás não dera importância à ausência de moradores, pois parece prevalecer a banalização da vida. Pensão Lilás é uma narrativa que leva em conta o destino das pessoas, independentemente da convivência delas em pequenas comunidades. O que interessa mesmo ao narrador é o que está ocorrendo com o gênero humano, percebe-se.

A literatura em Conceição Ouro é importante como um produto do conhecimento e como opção para a sua prática social, como escritora, então. É a sua temática mais divulgada, e, por vezes, não deixa de ser um fundamento de seu ensino, uma porta onde se inicia a educação para os seus alunos.

Sendo assim, realizada a exposição sobre algumas obras da professora Conceição Ouro, entende-se que sua literatura pode ser vista em diversos ângulos e até como um dos traços de sua intelectualidade. A sua literatura, isto é, os seus escritos de ficção, desenvolve diferentes especialidades como o conto, a poesia e o romance, deixando em destaque a preferência pelo subjetivismo, pelo mundo interior da personagem, o que reforça sua opção por uma literatura de cunho psicológico. Assim, a professora Conceição Ouro, ia traçando novas rotas, refazendo o cotidiano. E além da escrita literária, os registros textuais da professora concretizaram ensaios, textos jornalísticos, ou como se pode constatar nas seções seguintes que da sua ação didática resultaram projetos de ensino, além de jornais estudantis, como o *Genesis*.

4 A DIDÁTICA DOS PROJETOS: FOMENTANDO PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

Nesta seção são analisados projetos desenvolvidos pela professora Conceição Ouro, nos quais também é possível perceber práticas educacionais e propostas de estudos, que incentivaram processos de escrita dos alunos do Colégio de Aplicação. Entre estas obras se encontram os seguintes projetos: *Projeto laboratório de criação literária*; *Laboratório de criação – poesia*; *Redigir bem ou arte de comunicar-se*; e *Monas – raízes da criatividade*. Ao lado destes projetos, assumiu importância capital o jornal estudantil *Genesis*, o qual durou em torno de uma década e foi uma síntese da didática da professora em questão e uma demonstração de seus objetivos em língua portuguesa que estavam fundamentados no incentivo dos estudantes para a prática da leitura e escrita.

As práticas de ensino em Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação desenvolvidas pela professora Conceição Ouro levaram em consideração diferentes aspectos, entretanto de tal modo que a Literatura ocupa um ponto central, desde a implantação desta disciplina, em 1973, por iniciativa da docente até a preparação do Núcleo de Ensino de Língua Portuguesa, em 1989, idealizado por ela.

4.1 PROJETO LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA

No ensino da professora Conceição Ouro o *Projeto laboratório de criação literária* (REIS, 1980) toma forma e nele valem a estruturação do trabalho literário, os roteiros de leitura de autores universais e locais, a preocupação com a criatividade. Nas palavras iniciais da obra/projeto, faz-se referência à ilustração, que tematiza o raciocínio e a descontração.

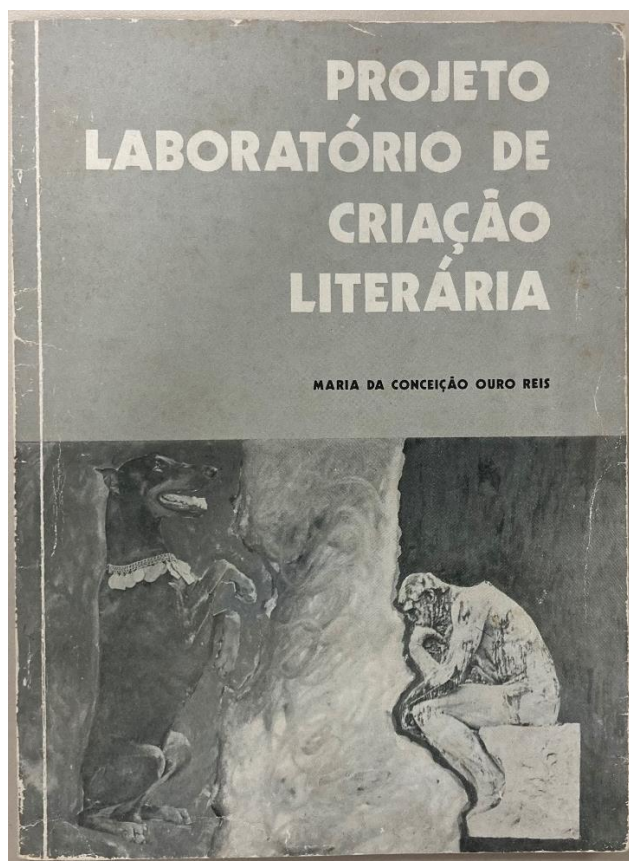
A capa do projeto, por exemplo, retrata “um quadro de colagem” que a professora possui, chamado de “A angústia do raciocínio”. Logo, sobre a pintura, ela antecipa: “Auguste Rodin, escultor francês, autor de ‘O Pensador’, uma de suas obras mais significativas, serviu de inspiração para o quadro, em contraposição à figura do cão agraciado com medalhas, simbolizando, talvez, a descontração e a alegria” (REIS, 1980). Assim, percebe-se a valorização tanto do trabalho intelectual, racional, quanto do intuitivo, da criatividade, pelas preocupações iniciais do texto do projeto. Quanto ao mais, o projeto foi planejado para ser utilizado no curso do 3.º ano do 2.º grau nas aulas de língua portuguesa, com duração para “[...] dois períodos letivos, divididos em (4) quatro unidades de ensino”. (REIS, 1980).

Este projeto, cuja figura ilustrativa é a de nº15, não contém página numeradas, possui 46 laudas, e em sua capa se destacam as tonalidades preta, branca e cinza. Ele apresenta oito

tópicos em que se dividem suas partes constitutivas, orientando-se pelos seguintes passos: identificação, apresentação, justificativa, objetivos gerais e específicos, definição do problema, metas, desenvolvimento e conclusão. A criatividade é uma das preocupações do projeto, ela é lembrada como uma das principais temáticas em destaque e considera a literatura como um ato criador. Na identificação, surgem o nome do projeto, a autora dele, a própria professora Conceição Ouro, a área de execução, o setor de execução e a fase de implantação.

Na apresentação, a professora elenca razões sobre o processo de surgimento deste projeto de criação literária, que, segundo revela, foi resultado de indagações sobre determinadas colocações, expressas em questionamentos como “o que é ensino?”, “o que faz o professor eficaz e habilidoso?”, “quais as satisfações e os desapontamentos do ensino”, entre outros. E também lembra a importância da capacidade criadora, colocando a vida como uma travessia inserida no processo criador e o professor como um dos fomentadores de etapas da criação, que se elaboram também no ato de construir educação. E, assim, expõe afirmações abrangentes declarando: “o material com o qual os professores trabalham é o homem” (REIS, 1980, p. s/n)

Figura 15 – Imagem da capa do *Projeto laboratório de criação literária* (1980)



Fonte: REIS, 1980. Acervo do Cemdap.

Para compreender os objetivos do projeto, deve-se entender que há uma parte teórica, que deve ser observada, e uma parte prática, em que habilidades de produção devem ser levadas a efeito. Teoricamente o projeto se coloca abrangente, envolvendo a cultura literária oriental, a francesa, a inglesa e sul-americana.

No projeto, Conceição Ouro faz referência a Dewey³⁴, principalmente, mas também a Kelley. E entende que no procedimento criativo em educação, por exemplo, seis etapas incidem, reunindo-se em determinada ordem: uma necessidade que se sente, um problema, uma hipótese, a coleta de dados, uma convicção concludente e “O Valor Geral de conclusão” (REIS, 1980). Segundo a docente, o professor não é apenas um ser comprometido com o ato criador, também se envolve com uma série de ações: ilustrando, analisando, perguntando, respondendo, criando confiança, empregando diferentes pontos de vista, ajustando o método, entre outras iniciativas. Assim, o professor é um ser dinâmico e que dá vazão à criatividade: “O professor é um criador, aquele que demonstra e liberta o processo criador” (REIS, 1980).

A docente esclarece que o projeto toma como base a educação da ótica do aprender fazendo. Neste sentido, entende que a educação é direcionada por uma prática educativa, procurando desmistificar a ideia de inspiração, que, segundo ela, é compreendida como uma crença, desde os gregos que a admitiam como resultado de um raio enviado por Zeus, que atingindo o mortal criaria a arte. E toma o ato da criatividade como um processo próprio da produção de literatura, assim a prática literária estaria relacionada ao ato criador. Nessa ótica do aprender fazendo, a docente se coloca como uma representante da didática de colégios de aplicação, ou seja, observando como Dewey ou outros orientadores escolanovistas a importância de atitudes práticas como fundamento para educação, deixando o aluno à frente de operações de aprendizagem.

A estrutura de cada uma das quatro unidades anuais do projeto está dividida assim: dois blocos principais, em que predominam uma “parte teórica” e uma “parte prática”; mais dois blocos menores em que para cada um deles se definem objetivos gerais e específicos. Desta maneira, as unidades são dispostas em quatro divisões, ao todo. Destaca-se na proposta do projeto o interesse em despertar nos estudantes a fluência e desinibição do ato de escrever. Assim, o objetivo da educadora é desenvolver o *Projeto Laboratório de criação literária* como

³⁴ John Dewey (1859-1952), um filósofo estadunidense, projetou sua influência na educação como defensor da democracia. Escreveu diversas obras, entre elas publicações como *Vida e educação*, em 1978, e em 1979, *Democracia e educação: introdução à filosofia da educação* (CORREIA; ZOBOLI). Dewey iniciou seus estudos acadêmicos sobre bacharelado em artes, mas optou por dedicar-se à filosofia, tendo sido influenciado por Huxley, Comte e Hegel. Foi professor de filosofia e um dos fundadores do pragmatismo americano. Aprofundou os princípios teóricos metodológicos da filosofia e da pedagogia experimental. Entre outras intervenções, defendeu uma educação reflexiva que não abandone atitudes práticas (GALTER; FAVORETO, 2020).

um curso “com a duração de dois períodos letivos, divididos em quatro unidades de ensino” (REIS, 1980). Neste sentido, cada uma das unidades do projeto reúne metas peculiares, por exemplo, na primeira unidade, os objetivos gerais procuram apresentar uma visão da cultura oriental, é um convite à extensão do problema cultural; na segunda, propõe ao aluno a literatura francesa e relaciona elos entre literatura e filosofia; na terceira, dirigindo-se à literatura inglesa, abre o debate entre o fantástico e o real; e, por último, na quarta unidade, discute relações de literatura envolvendo oriente e ocidente e direciona-se à literatura sul-americana. Tudo isso são dispositivos preparatórios ao passo seguinte, cujo fim é a prática da escrita. Os quadros 8 e 9 expõem aspectos didáticos-teóricos, aspectos práticos, temáticas e objetivos do projeto. No esquema do 8, há temáticas a serem abordadas e uma relação de obras para estudo dos alunos. No do 9, há um roteiro de estudo onde se descrevem práticas que o aluno deve assumir, que evolve determinadas posturas linguísticas.

Quadro 8 – Aspectos didáticos-teóricos, temáticas e objetivos do *Projeto laboratório de criação literária*

UNIDADES	UNIDADE I	UNIDADE II	UNIDADE III	UNIDADE IV
“Parte teórica”: temas/ assuntos.	- A infância da raça humana - Confúcio - Buda - Estudo de <i>A importância de compreender</i> , de Lin Yutang	- Literatura francesa (moderna-contemporânea) - Sartre - Simone de Beauvoir - Estudo de <i>O estrangeiro</i> , de Alberto Camus	- Literatura inglesa (moderna-contemporânea) - Charles Morgan - Estudo e interpretação de <i>Admirável mundo novo</i> , de Aldous Huxley	- Estudo contemporâneo da literatura oriental e ocidental) - Júlio Cortázar, <i>O jogo da amarelinha</i> - Gabriel Garcia Marquez, <i>Cem anos de solidão</i> - Estudo e interpretação de contos de Hermann Hesse
Objetivos gerais	- Dar subsídios à solidez cultural - Estabelecer bases da cultura oriental	- Dar uma visão geral da cultura francesa - Estabelecer paralelo entre literatura e filosofia	- Dar uma visão geral da literatura inglesa, atual - Estabelecer composições entre o fantástico e o real	- Dar uma visão de conjunto do oriente e do ocidente quanto à literatura - Focalizar a literatura sul-americana
Objetivos específicos	- Discutir textos da filosofia oriental - Demonstrar características literárias do oriente	- Escolher três autores estudados para compreensão e análise - Demonstrar características literárias da literatura francesa	- Escolher dois autores para tratar da relação do fantástico e do real - Estudar o romance de Aldous Huxley	- Ressaltar a importância de um texto de três autores já estudados - Analisar contos de Hermann Hesse

Fonte: REIS, 1980. Quadro elaborado pelo autor.

A parte prática, quadro 9, envolve uma série de ações que o aluno deve desenvolver, entre elas se encontram certas iniciativas: exercitar associação livre de ideias, que podia incluir imagens; outras atividades como completar poemas e textos; organizar textos; transformar tipos em personagens; incluir diálogos na redação; ler e analisar obras, criar situações hipotéticas; corrigir o código linguístico; realizar autocrítica; elaborar arte final; produzir textos, entre outras.

Quadro 9 – “Parte prática” das Unidades do *Projeto laboratório de criação literária*

Unidades	Unidade I	Unidade II	Unidade III	Unidade IV
Parte prática	- Expressão de linguagem (desinibição, fluência, flexibilidade, produção)	- Expressão de linguagem (associação livre com imagens de apoio, estímulo emocional, associação de imagens sugeridas, exercício de livre escolha)	- Expressão de linguagem (completar palavra, textos; criação de texto – simples tentativa; organização de texto: seleção, ordenação, arte final, crítica; tentativa de inventar um tipo)	- Transformação de tipo em personagem - Relacionamento e tipos - Relacionamento e diálogos - Projetos (sensorial, de deslocamento de contexto, de situações hipotéticas, influência do texto, clareza por oposição, correção gramatical por oposição)
Objetivos gerais	- Fluência ³⁵ e desinibição do ato de escrever	- Fluência e desinibição do ato de escrever	- Fluência e desinibição do ato de escrever	- Fluência e desinibição do ato de escrever
Objetivos específicos	- Associação livre - Estímulo emocional - A criação de um texto	- Emprego prático do código linguístico - Produção de texto	- Preencher lacunas de texto de um poema em uma estrutura lógica - Relacionar som, grafia, sentido - Criar imagens, desenhos para acompanhar crônicas - Estabelecer diferença entre Pessoa, Tipo, Personagem	- Ordenar convergências necessárias ³⁶ e optativas - Compor um texto projeto de consciência - Fazer uma autocrítica e reelaborar o texto

Fonte: REIS, 1980. Quadro elaborado pelo autor.

³⁵ Nos objetivos da parte prática do projeto, a professora preferiu expressá-los empregando substantivos a verbos.

³⁶ Ao final da descrição de eventos da quarta unidade, a professora adiciona a seguinte nota, em caixa alta: “LIVRO TEXTO UTILIZADO: CRIATIVIDADE”, “AUTOR: SAMIR CURI MESERANI”.

Na definição do problema, a professora Conceição Ouro coloca que redigir bem é sinal de saber comunicar-se. Ela define a comunicação como um processo de necessidade social que projeta seus praticantes, pois “o bem manejar da língua pátria é um ponto positivo e suficiente para afastar barreiras e abrir caminhos” e acata a exteriorização de sentimentos como um benefício ao espírito e à matéria (REIS, 1980). E, conseqüentemente, o problema é selecionar o que compete à boa comunicação e isolar o que a dificulta, é como “separar o joio do trigo, lapidar o diamante bruto”. Nesta conjuntura, o estímulo à criatividade, direcionado pelo professor e apresentado ao aluno, é a matéria onde se insere a contribuição do projeto.

Na concepção da docente, escrever corresponderia ao ato de exteriorizar sentimentos que são benéficos não só para o espírito, mas também para a matéria. E os problemas com o manejo da língua estariam relacionados às questões que envolvem a redação de texto, dificuldades de prática de escrever, e neste sentido o *Laboratório de criação literária* seria uma ferramenta de enfrentamento do problema. Neste âmbito, o aluno é a matéria-prima do processo de produção da escrita e o professor colabora nesse cenário, ajudando a aluno a alcançar novos horizontes.

As metas a serem alcançadas envolviam quatro aspectos: um amplo, que ia além do universo da literatura, pois tentava dirigir o aluno para o interesse da criação artística em geral; um mais específico, que procurava despertar o estudante para a criação literária; outro que colocava o estudo da língua portuguesa numa perspectiva lógica, mas sem finalidade decorativa; e, por último, outra meta, que seria não contribuir para a formação de futuros profissionais meramente reprodutivistas, mas pretendia-se colaborar para a formação de novos profissionais, com caráter crítico e criativo.

No tópico 7, estabelecido como desenvolvimento, a professora sugere atitudes práticas que o aluno deve adotar. Para início de tarefas, ele deverá enfrentar um tema, dedicar-se à análise de textos, à produção e à correção deles. Para apoiar esta divisão, a estudiosa retoma as orientações com base na didática de W. H. Lay, dele retomando conceitos como impressão, elaboração e expressão, com os quais decidiu trabalhar, segundo esclarece. Na análise da autora, o estudioso entende que o aluno, partindo de suas percepções, chega à assimilação e elaboração em domínios educacionais, encontrando complemento na expressão oral ou escrita (REIS, 1980, p. s/n).

Já da professora Ana Maria Dantas Soares de Carvalho, de um curso de relações públicas que Conceição Ouro participara, esta última estudiosa retoma apontamentos, como a análise psicológica dos tipos e os aplica à situação literária, importando-os para o *Projeto Laboratório de Criação Literária*. Neste sentido, a professora Conceição Ouro, no projeto, fez

alusão a oito tipos psicológicos, todos eles que serviram de apoio a técnicas de produção narrativa na construção de personagens. Assim, a transformação de tipo em personagem foi redirecionada da concepção caracterizadora de oito tipos psicológicos, com base na classificação apontada por Ana Carvalho, por estes termos denominados: colérico; apaixonado; nervoso; sentimental; sanguíneo; fleugmático; amorfo e apático, cujas notas a seguir, retomando alguns dos tipos a eles mesmos se referem, em síntese: I Colérico: representa o emotivo, ativo, primário. Valor predominante: a ação. É também generoso, cordial. Na educação, espera-se dele que se disponha a controle e obediência. Entre outros, Vitor Hugo o exemplifica; II Apaixonado: valor predominante: a tarefa a cumprir. É líder nato, apresentando qualidades positivas. Na educação é movido pela humildade, obediência e amor. Napoleão e Miguel Ângelo o tipificam; III Nervoso: emotivo, não ativo, primário. É um tipo vivo, impulsivo, irrequieto. Na educação deve ser dirigido à renúncia e a dominar seus sentimentos. Baudelaire e Mozart são listados, por exemplo, nervosos; IV Sentimental: emotivo, não ativo, secundário [...] (REIS, 1980).

Da prática docente de Conceição Ouro dois eixos se estabelecem a partir deste projeto: a) resultado de suas idealizações e experiências em sala de aula, com práticas voltadas à língua e à literatura, e b) as atividades de escrita no projeto previstas, ou recomendações que levaram a efeito a necessidade de exercitar a língua escrita, tudo formando a sua didática de ensino em língua portuguesa. Sendo assim, com a implantação deste trabalho a relação entre leitura, literatura e escrita estreitava-se e fortalecia-se como pode exemplificar a sequência do trabalho da professora com o *Laboratório de criação literária – poesia*, que pode ser observado a seguir.

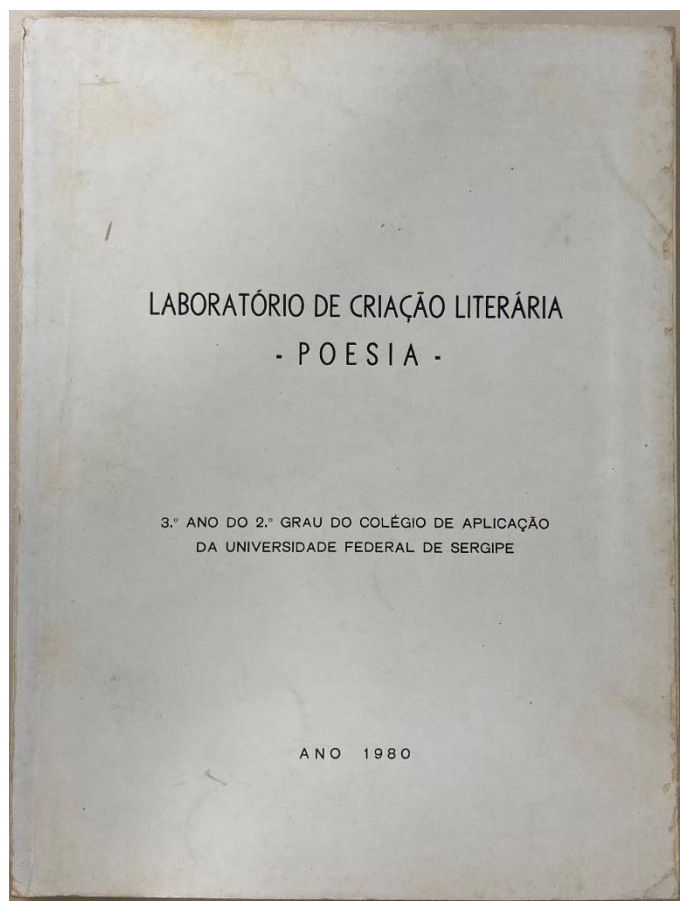
4.2 LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA – POESIA

Este projeto demonstra o lado prático da didática da professora Conceição Ouro. O projeto *Laboratório de criação literária – poesia* é uma produção que reúne diversos textos de alunos do 3.º ano do 2.º grau (hoje ensino médio), entretanto na época da publicação do projeto, 1980, se empregava a nomenclatura da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971 (BRASIL, 1971). Os alunos que participaram desta iniciativa eram do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. O projeto foi resultado de uma proposta que além de promover a leitura e a discussão a partir de autores literários, exemplificadas pelo projeto anterior, *Projeto laboratório de criação literária*, também concretizou a escrita do aluno pela formação de um livro, com 107 páginas, não numeradas, com poemas todos escritos pelos estudantes em uma obra

intitulada *Laboratório de criação literária – poesia*. Nesta obra ou projeto, há poesias, que vão de uma a cinco publicações por participantes.

No projeto, entre o índice e os textos dos alunos, há tópicos que antecedem a produção dos jovens estudantes, distribuídos com estes nomes e planejados nesta sequência: Pensamento bíblico-ilustração; Considerações - A arte de escrever; Apresentação; Explicação; Agradecimentos; Ilustração. Em seguida, são dispostos até o final da obra os textos, com títulos, de poesia de cada aluno participante com suas respectivas publicações. No projeto *Laboratório de criação literária – poesia*, 19 alunos apresentaram suas poesias entre uma e cinco publicações, conforme logo mais constata a lista dos textos produzidos. A figura 16 a seguir expõe imagem da capa da obra/projeto que reúne os textos poéticos elaborados pelos alunos.

Figura 16 – Imagem da capa do projeto *Laboratório de criação literária – poesia*



Fonte: REIS, 1980. Acervo do Cemdap.

Retomando-se os tópicos que antecedem os textos estudantis no projeto, que seguem do “Pensamento bíblico-ilustração” até a “Ilustração”, anteriormente mencionados, observa-se que, a nota sobre o “Pensamento bíblico-ilustração” é sintética, pois se assenta sobre um

versículo da Bíblia e é apoiada sobre uma figura ilustrativa de um pescador, o qual dá a impressão de estar preparando a rede para ser lançada a uma parte mais profunda do mar ou recolhendo-a de lá. O trecho bíblico enfatiza a seguinte ideia: “Há tempo de pescar e tempo de secar as redes”, seguido de referência à fonte de onde o pensamento bíblico foi retomado (REIS, 1980, p. s/n).

Em “Considerações: a arte de escrever”, o nome de Lin Yutang³⁷ vem antecipado ao texto subsequente, destacado entre aspas, e que desenvolve o tema da escrita apontando algumas especificidades sobre o caso, em que se distingue a arte de escrever da técnica de escrever e que também se vislumbra na literatura o ponto de formação do estilo do praticante de exercícios de escrita. Sua recomendação está firmada em apontamentos sobre a questão da atividade de produção textual, lembrando que a arte de escrever suplanta a técnica da escrita e o principiante necessita controlar a preocupação excessiva quanto à técnica, para não se apegar ao superficial. A citação de Lin Yutang leva-nos a acreditar que boa parte do que se afirma também revela princípios aos quais a professora adere e pensa serem válidos para o processo de escrita a ser executado.

O tópico “Apresentação” é, entre todos, o mais amplo desta publicação, ocupando duas laudas. Nesta parte, a professora Conceição Ouro, demonstrou suas impressões em relação ao projeto. Ela aceita a máxima de que qualquer um pode escrever, e acredita na capacidade criadora humana. Na “Explicação”, ela assinala que o objetivo real do projeto é difundir para o presente e para o futuro um trabalho criado, testado, e também colaborar com o ensino, calcado no “Amor”. Nos “Agradecimentos”, a professora se dirige especialmente a pais, mestres, ao colégio e a universidade, já em “Ilustração”, tudo leva a crer que houve falha na questão do impresso, do livro/projeto, pois não houve como detectar a parte referente a este tópico.

O diálogo com os poemas que seguirá é importante porque evidencia em que direção a iniciativa da professora Conceição Ouro construiu na prática dos alunos experimentos de língua portuguesa. E também revela como a educação no campo específico do português foi conduzida. Então, o que se vê é uma referência a um dos trabalhos da professora, alicerçados na redação, com foco literário, desenvolvido no Colégio de Aplicação. O que ela planejou e o que os alunos realizaram resultou na concretização de uma nova obra, o projeto tendo por marca a escrita. Seus projetos desenvolveram práticas educativas, que enriquecem a memória escolar.

³⁷ “Lin Yutang, romanização Wade-Giles Lin Yü-t'ang, nome original Lin Hele (nascido em 10 de outubro de 1895, Longxi, província de Fujian, China - falecido em 26 de março de 1976, Hong Kong), escritor prolífico de uma grande variedade de trabalhos em chinês e inglês; na década de 1930 fundou várias revistas chinesas especializadas em sátira social e jornalismo de estilo ocidental.” Disponível em <https://www.britannica.com/art/novel/Narrative-method-and-point-of-view>

A perspectiva adotada pela professora ao incutir nos estudantes o gosto pelos diversos gêneros literários e mesmo a utilização de atividades de escrita com foco em literatura em sala de aula também é destacada por seus alunos dos anos de 1970: “[...] professora Conceição Ouro Reis era ótima, então ela dava aula de literatura e português, mas era uma mulher elegante, [...] ela passava trabalho pra gente declamar, escrever poesias e era muito bonito isso, eu gostava muito das aulas dela” (FREITAS, 2018). Neste sentido, também destacam estudantes dos anos de 1980, por exemplo, revelando existir “[...] momentos de atividades que pudessem fazer essa aprendizagem da literatura mais rica” (NUNES, 2018).

Para se fazer uma ideia da participação do aluno, o quadro abaixo aponta uma lista de publicações, revelando o título das poesias elaboradas pelos alunos no projeto *Laboratório de criação literária – poesia*. O quadro 10 relaciona títulos das poesias produzidas pelos alunos do 3º. do 2º grau (ensino médio) do Colégio de Aplicação.

Quadro 10 – Relação de títulos das poesias publicadas pelos alunos no projeto *Laboratório de criação literária – poesia* (1980)

Nº	Estudante/Autor ³⁸	Título das poesias
1	Jether Fernandes Reis	De asas soltas Vaso novo Longe Poeminha ao mar Divagação Voo
2	Eliel Santana Filho	Poeminha A vocês Um sábado Quem sabe Canto Solidário Companheiro
3	Martha Teixeira	Vazio Vidas sem vidas Tristeza Sentimento Nascimento Você
4	Alba Regina Santana	Silencio Solidão Saudade
5	Analuiza Nascimento	Mínha Felicidade Rua sem fim Morte
6	Jane Barros Barboza	Olhando o quanto viveu Você comigo

³⁸ Mantivemos o nome dos alunos e alunas registrados tal qual constava na obra/projeto *Laboratório de criação literária – poesia*.

7	Regina Pacheco	Sina
8	Ivanete Dias Santos	Meu Filho
9	Maria Teresa Costa Gois	Confissão Concepção de vida Normal por um minuto
10	Leila Campos Rocha	Amanhecer
11	Rosa Luzia Cavalcante	Passagem
12	Telma Oliva Barbosa	Sensação estranha Sempre só Viver de amor
13	Marcelo Bezerra Dias da Silva	Você Eu
14	Marta Maria Passos	Conformação Sussurro
15	Marcus Luiz	Eu e você
16	Sérgio Murilo	Razão da minha alegria
17	Luiz Emanuel Miranda Cavalcante	Vida
18	Aristóteles	A lição Símbolo
19	Luiz Manoel Andrade Meneses	Infinito Natureza Genocídio Encruzilhada Ilustração

Fonte: Elaboração do autor a partir do livro *Projeto laboratório de criação literária – poesia* (REIS, 1980).

Nesta relação do livro, observa-se a participação de 19 autores, que, quantitativamente, publicaram de um (1) a seis (6) poemas. A produção de seis poesias só foi alcançada por estes alunos que participaram do livro *Laboratório de criação literária – poesia*: Jether Fernandes Reis, Eliel Santana Filho e Marta Teixeira. Entretanto, parece ser uma inferência aceitável o fato de que a publicação não possuía como objetivo que os alunos elaborassem uma extensa quantidade de publicações, mas teria como propósito a sua participação com algum texto poético produzido, o que pareceu ser o alvo do projeto. No outro oposto, seis alunos contribuíram apenas com um poema.

As temáticas desenvolvidas são bastantes variáveis, tratando-se dos mesmos autores ou de diferentes escritores do projeto. Em geral, e considerando a diversidade dos alunos autores, o título às vezes adianta a temática, como acontece com Alba Santana, que se centra no silêncio, na solidão e na saudade. Outras vezes, quase nada revela da temática explorada pelo autor, como ocorre com Eliel Santana, que cantou a natureza, o afeto passionai, o destino e a esperança.

Por vezes, o próprio título oculta as temáticas desenvolvidas. Os quadros que apresentam choques sociais, preocupação revolucionária, política, estão em segundo plano, já

que os sentimentos, de preocupação social, no texto, são marcados pelo subjetivismo e pelo enfrentamento da realidade na esfera psicológica.

Há alunos que produziram menos ou mais textos envolvendo disparidades no uso de temáticas. E tomando-se como referência os textos das poesias, eis aqui as temáticas referentes aos autores que mais produziram: Jether Reis, reflexão sobre a vida, a natureza e o afeto passional; Marta Teixeira, o sofrimento, a tristeza, o vazio, a felicidade, a ausência vital, a solidão, a natureza e o afeto passional; Maria Tereza C. Gois, autorreflexão, conceituação de vida; Telma Oliva Barbosa, a autorreflexão, a solidão e o afeto passional; Analuzia Nascimento, a felicidade, a ilusão e o afeto passional.

Entre estudantes que menos textos publicaram, e os respectivos temas, encontram-se: Rosa Cavalcante, trabalhando a temática do amor e natureza; Ivanete Santos dialoga sobre filho; Leila Rocha, sobre drama da luta pela sobrevivência (poesia de cunho social); Rosa Luzia Cavalcante, saudade; Marcos Luiz, e Sérgio Murilo, afeto passional. A escolha das temáticas, entre os dois grupos de estudantes, que quantitativamente mais ou menos produziram, não difere muito, parece muito próxima. Entre ambos o tom lírico, o sentimentalismo, é o que se propaga entre as poesias.

Quanto ao tamanho dos poemas, Luiz Manoel Andrade Menezes classifica-se entre os que mais escreveram, com, além de cinco poemas publicados, dois deles ocupando duas laudas, por completo, apesar disso o menor poema entre todos a ele pertence. Os dois poemas a seguir, “Natureza” e “Conformação”, exemplificam as poesias publicadas por estudantes que constam no projeto. São textos de demonstração de composições, acrescidos de comentário. Segue o primeiro poema, como este de Luiz Menezes e logo mais no desenvolvimento do texto o de Marta Passos.

Natureza...

Luiz Manoel Andrade Menezes

O som...
 O céu...
 O Sol...
 O sal...
 O SER...”
 (REIS, 1980, n.p.).

A poesia do estudante Luiz Menezes expõe um eu lírico que abre uma gama extensa de analogias. Isso permite a discussão da temática da natureza, em um texto elaborado com poucas

palavras, precipitando dubiedades e contradições, que favorecem a força literária. O texto leva à reflexão e questionamentos, já a partir da forma.

A simetria formal é forte, chamando atenção, daí perceber-se a regularidade do início de cada verso (ou estrofe) com o fonema “O” e findá-lo com reticências. Isso dificulta ou enriquece as possibilidades semânticas, por exemplo, se “O céu” seria o céu para religiosos, assumiria um significado diferente para os não religiosos; “O som...”, se aparentemente pode significar uma só coisa, um elemento materializado por órgão do sentido (ouvido), formalmente, no texto poético e com reticências, não... As reticências já são um indicativo de construções subjetivas, de valor literário. E mais: fatos específicos podem ser alegados para outras expressões do poema antecidas com o termo “O”

Em geral a poesia é um texto de limitada dimensão, salvo poemas de caráter narrativo, geralmente maiores, de extensão notável na tradição literária. Para quem só formou a ideia da poesia tradicional, onde há rimas, narrativa não lacunar, uma quantidade maior de verbalização, formando um “poema”, este texto nem seria poético. Entretanto, com a literatura especialmente do modernismo, a redução, a lacuna, até a ausência das palavras, por exemplo, atuam como contribuições à escala poética, ampliando o fato literário.

“O ser”, esta é a única expressão a ser assumida – em todo o poema incluindo o título – escrita de modo diferenciado, isto é, com letras maiúsculas. A escolha do título já deixa margem para a afirmação de que o eu lírico considera uma ampla temática, pois não se apresentou termo especificador para o vocábulo natureza, tornando generalizada esta significação. O fechamento do poema com a expressão O SER é um indicativo sutil de suposições. O ser não só pode significar uma referência exclusiva ao homem, mas também uma alusão a ele e a qualquer elemento presente na natureza. No primeiro aspecto, parece que o homem se caracteriza por um sentido particular, acima de outros seres ou elementos naturais, no segundo, o homem marca presença como mais um ser ao lado de tantos outros.

De qualquer modo, o ser afirmar-se como motivo para a composição da natureza, é a essência do natural, recebendo, no texto, o destaque por letras maiúsculas. Ao se destacar a expressão O SER em letras maiúsculas, no corpo do poema, implicações de valor de sentido são assumidas. Notem-se dois sentidos. No sentido 1 – A expressão “o ser” representaria o homem? Ou o criador de outros seres? Ou a consciência humana que estabelece sentido para as coisas? Ou seria “o próprio ser”, a “materialidade” presente em algum espaço? No sentido 2 – “O ser” poderia representar o uso metonímico da expressão o ser, onde “o ser” provavelmente equivaleria a “os seres”, evidenciando o recurso da figura de linguagem em que se toma o singular pelo plural ou a parte (ser) pelo todo (seres), nas duas ocorrências, fatos da metonímia.

Outro poema, que exemplifica a produção dos alunos no texto do projeto, é o da aluna Marta Passos, intitulado *Conformação*, e demonstrado a seguir.

“Conformação

Marta Maria Passos

11/80³⁹

Andando pelas ruas,
Sinto esta solidão que me persegue.
Olhares estranhos, vozes confusas,
Respirações ofegantes.
Passos rápidos sem destino certo.
Na minha mente pensamentos confundem-se,
Sinto vontade de correr, chorar, gritar,
Explodir este vazio que me atormenta.
Chego à conclusão que o único sentimento real
Neste mundo conturbado, em que vivemos,
Deve ser a conformação.”
(REIS, 1988, n.p.)

No poema de Marta, o eu lírico faz uso da primeira pessoa do singular, emprega um tom confessional, intimista, voltando-se a uma reflexão interior. O ritmo de sua poesia não é apoiado em rimas, é um “ritmo psicológico”, com preferência por versos curtos, seguindo, talvez, a tradição da poesia moderna. Empregando um estilo simples, deixando predominar um eu lírico bem-comportado, sem lirismo afetado, a poetisa vai desenvolvendo sua poesia sem apelo a sentimentalismos. No texto, dispõe sua poesia empregando verso branco, sem rimas, e livres, sem métrica regular. Tudo está disposto em uma estrofe de 11 versos.

No texto do poema, a aluna Marta reflete sobre o tema da solidão, para isso desenvolve sua arte apoiada no eu lírico identificado com o conformismo. Assim, o eu lírico de sua poesia não se mistura, ou melhor, não segue produzindo interferência na realidade coletiva. Adota o imobilismo. Simpático à conformação e acatando o isolamento, o eu lírico não desenvolve interações, as ligações sociais não ocorrem entre um indivíduo e seus pares, por alguma razão o processo de inter-relações encontra-se inativo.

O mensageiro nesta poesia é um ser deslocado, a sua identificação com fatos que o cercam só se perpetua intermediada pela conformação. Apesar deste estado de coisas, o eu lírico não se apaga no imobilismo incondicional, pode chegar a uma conclusão, para atestar o conformismo; e nem apela para a negação da realidade, que admite. Não se pode afirmar que

³⁹ Esta numeração abaixo do título da poesia revela desuniformidade quanto ao uso de datas no projeto. Observando-se datas abaixo dos títulos, verificou-se que há poemas com indicação de mês e ano, alguns com indicação de ano apenas e outros sem referência a datas.

foi afetado pela “solidão que o persegue” em razão de pressões sociais evidentes, por força de distúrbios psicológicos ou se é o caso de isolamento por opção consciente. Ele, o “eu”, interage com seus próprios sentimentos “Andando pelas ruas”, mas, mesmo assim, se acha solitário. O eu lírico não é indiferente diante de tudo que enfrenta. Embora não reaja a ponto de tomar atitudes, ele sente vontade de mudança, porém nada realiza para efetuar-la, não consegue “correr, chorar ou gritar”, mas chega a uma conclusão: o real é não tentar coisa alguma, a realidade não está no plano da mudança das coisas, e está convicto, o real é a conformação, deve prevalecer a inércia. Nada de modificação. Por fim, o eu lírico reforça a ideia de um ser ensimesmado, desiludido, marcado por dois valores: o isolamento e a conformação. A realidade do eu lírico, aquela que ele percebe, e para a qual ele vive, é a realidade do conformismo, a realidade concreta para ele é a conformação.

Assim, com a realização do projeto *Laboratório de criação literária – poesia*, a iniciativa da professora Conceição Ouro divulga o pensamento dos seus alunos por meio da composição literária, de poesias. Sua ação concorre para eles assumirem compromissos, apresentando registros de trabalhos que transitam pela sala de aula ou mesmo além. São traços da cultura escolarizada que vão se formando e, a partir de tarefas escolares como estas, o aluno assume sua voz e dialoga com a esfera social vigente, atribuindo sentidos ao mundo em seu tempo, deixando para a posteridade suas memórias.

4.3 PROJETO *REDIGIR BEM OU A ARTE DE COMUNICAR-SE*

O projeto *Redigir bem ou a arte de comunicar-se* é um manual de orientação para o aluno, visando a regularidades para a escrita. Nesse trabalho, a professora Conceição Ouro dirige-se ao estudante fazendo recomendações para a estrutura textual, observando aspectos formais, apresentando seu posicionamento quanto ao papel da gramática no ambiente da língua e propondo estratégias para elaboração de texto, visando-lhe a qualidade. A prática da escrita e a reflexão sobre este fenômeno esteve como ponto alto em seu ensino.

O projeto, com 47 páginas, foi impresso pela editora Unigráfica, com data de 1988. Está ilustrado com a imagem da capa na figura 17. Nele, a autora, professora Conceição Ouro, apresenta recomendações aos alunos com base na sua experiência de ensino de língua portuguesa e também de escritora. Júlio Nogueira⁴⁰ foi o autor com quem a estudiosa mais

⁴⁰ Professor de Português, autor de obras a respeito da produção escrita, entre outras, *A linguagem usual e a composição* (1947).

dialogou no plano da obra, mas outros nomes também foram importantes na discussão dos fatos como José Leite de Vasconcelos⁴¹ e W. H. Lay⁴².

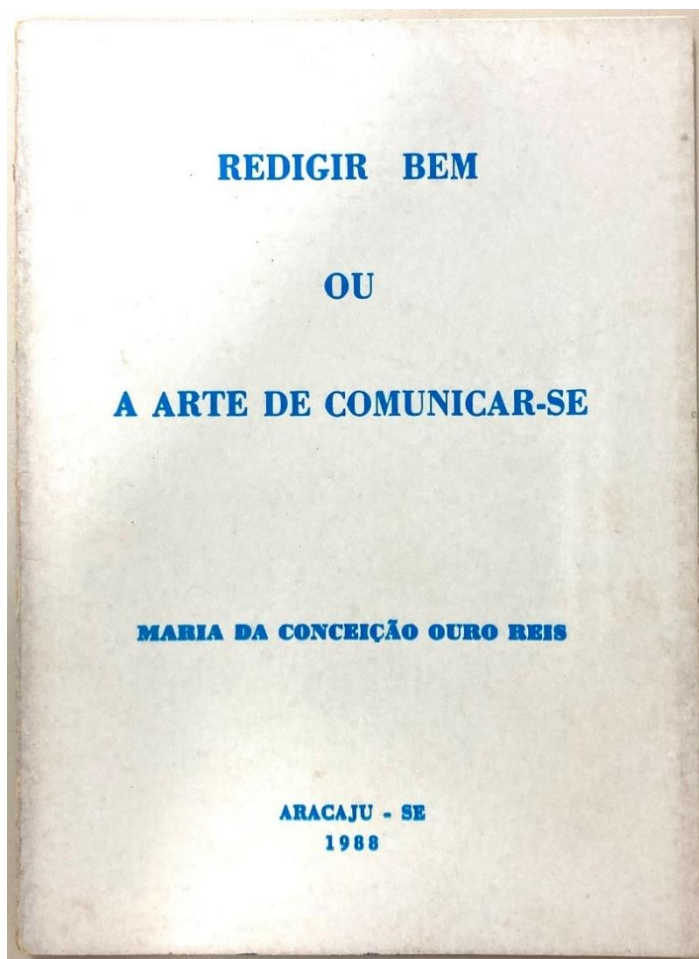
Neste projeto, a autora preocupa-se com os processos de produção de escrita, visando a mostrar procedimentos úteis aplicados à elaboração de textos. O projeto se define como um roteiro, cujo fim é ocupar-se da transição das ideias formalizadas e transferidas ao material escrito, e principalmente se concentrar naquilo que já está distribuído no texto. A passagem de convicções do indivíduo em transformação para elementos culturais, como se dá com o processo de escrita, o que inclui a tarefa redacional, está no centro do projeto. A questão nodal, no fundo, é considerar o uso do pensamento como um processo interno e natural, mas posto para a tradução em escrita, convertido em processo cultural.

Abordando de forma ampla a questão da cultura, segundo colocações da autora (REIS, 1988, p. 7), determinados termos assumem a dianteira, por exemplo, o conceito de cultura é discutido, a temática da língua e da linguagem é abordada, e outros significados relacionados à questão linguística são recuperados. É o caso de referência a estudos da história da ortografia portuguesa, a retomada do conceito de estética da língua escrita, a verificação do papel das figuras de linguagem, o uso da paráfrase, entre outros.

⁴¹ “José Leite de Vasconcelos Pereira nasceu em Ucanha, concelho de Tarouca, a 7 de julho de 1858 (Portugal). [...] Licenciou-se em Ciências Naturais, em 1881, e em Medicina, pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1886. Durante o curso de Medicina, escreveu uma das suas primeiras obras: *Tradições Populares Portuguesas*. Na sua tese de licenciatura, intitulada *A Evolução da Linguagem*, já dava sinais das duas paixões que iriam determinar a sua carreira: a filologia e a arqueologia. Exerceu a profissão de médico durante apenas um ano, assumindo as funções de subdelegado de saúde do Cadaval, distrito de Lisboa. Em 1888, tomou posse na Biblioteca Nacional, onde trabalhou durante 23 anos. Em 1901, doutorou-se em Filologia, com honras, na Universidade de Paris, com a tese *Esquisse d'une dialectologie portugaise*.” Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/seculo-xix/jose-leite-de-vasconcelos.html#.YpkghajMLrc> .

⁴² Autor do livro *Manual de Pedagogia*.

Figura 17 – Imagem da capa do projeto *Redigir bem ou a arte de comunicar-se* (1988)



Fonte: REIS, 1988, acervo do Cemdap.

Refletir sobre a língua é uma das propostas deste projeto. A língua aqui aparece como um elemento da cultura humana. Segundo a autora, na cultura, o indivíduo nada dita, embora ele detenha certa liberdade, e, contraditoriamente, no contato com a sociedade ele também é um criador de acontecimentos. A autora acata a ideia de que o fenômeno cultural é tudo o que o ser humano elabora e a linguagem seria neste setor uma parte de tal elaboração (REIS, 1988, p. 7-8).

Para fundamentar a questão da linguagem, a estudiosa menciona alguns autores que desenvolveram pontos de vista com os quais dialoga, assumindo determinadas implicações sobre a questão. De J. Budin⁴³, lembra que a linguagem é um sistema de signos; a partir de

⁴³ “Janetta Budin nasceu em 1914, no Rio Grande do Sul, e faleceu em 1953, na cidade do Rio de Janeiro. Budin diplomou-se em Letras, em 1937, pela Escola de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal (UDF), localizada na cidade do Rio de Janeiro e integrou o corpo docente da primeira turma a se formar nessa instituição. (SILVA, 1984). Quanto à atuação profissional, Budin ocupou o cargo de professor catedrático do Instituto de Educação do Distrito Federal – RJ, entre as décadas de 1940 e 1950, tendo ministrado disciplinas “Língua Portuguesa” e “Literatura”, no Curso Normal e no Curso Secundário Ginásial. (SILVA, 1984). Budin é autora do manual de ensino *Metodologia da linguagem* para uso das Escolas Normais, Institutos de Educação (1949);

Georg von der Gabelentz⁴⁴ entende que a linguagem, para funcionar, precisa ter “um propósito claro e definido como ponto de partida”, além de acatar que ela é um sistema de representação; e de Henri Delacroix⁴⁵ destaca que a língua é um conjunto de convenções necessárias, adotadas socialmente.

Na concepção da autora, a língua, para a boa comunicação, é um dos obstáculos que precisa ser enfrentado. A dificuldade começa já com a ortografia da língua portuguesa, que sofre intensas transformações ao longo do tempo. Exemplificando, ela relembra que a ortografia do português passou por três distintas modificações, o que trouxe como resultado complexidades para assimilação do sistema linguístico, que vão impactar o estudante de língua portuguesa.

Na ortografia se distinguem um período fonético, que se estende da data dos primeiros documentos escritos em português até o século XVI; um período pseudo-etimológico, que partindo do século VXI se estende até 1904; e um período simplificado, que iniciado em 1904 dura até a data de hoje. Grosso modo, no período fonético, o obstáculo do cerne ortográfico reside em definir qual a fala do território que servirá de padrão para todos os outros falares; no período pseudo-etimológico o apego ao latinismo causou dificuldades, pois diferentes ortografias foram ao mesmo tempo praticadas por grandes escritores da língua favorecendo a desuniformidade textual. A partir de estudos do filólogo José Leite de Vasconcelos, que procurou simplificar e fundir interferências fonéticas e etimológicas no campo da ortografia, controvérsias foram reduzidas. O cuidado ortográfico parece ser visto pela professora como um critério mínimo a ser observado na problemática da escrita (REIS, 1988, p. 10-15).

Em outro foco, a professora desloca o problema da escrita da inspiração para a ação. Ela descarta a tradição clássica, que via na inspiração o motivo para uns serem inclinados à força

co-autora, juntamente com Sílvio Elia, do *Compêndio de Língua e Literatura: Gramática – Literatura – Antologia* (1951); e do *Compêndio de Língua e Literatura: para uso das Escolas Normais, Institutos de Educação, Faculdades de Filosofia e alunos do Colegial* (1953), composto por três volumes, todos publicados pela Companhia Editora Nacional (SP)”. (SALES, 2010, p. 3-4).

⁴⁴ Georg von der Gabelentz (1840-1893) escreveu uma das primeiras extensas introduções à Linguística Geral: *Die Sprachwissenschaft, ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse* (1891, 19012). Mas apesar de seu livro conter várias ideias modernas, ele nunca foi muito influente, porque adotou uma estrutura conceitual humboldtiana, que logo desapareceria da linguística convencional. A ideia, no entanto, de que o insucesso do livro resultou de incoerência ao combinar uma orientação de dados com indutivismo e uma orientação para as humanidades, parece infundado. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Georg-von-der-Gabelentz-and-the-rise-of-General-Elffers/5fa835254ad12b27d5d6bcddb35f54c786272f48>.

⁴⁵ “Delacroix, Henri (1873-1937): Psicólogo francês Professor de psicologia na Universidade de Paris. Adepto da doutrina da importância preponderante do inconsciente e do subconsciente. Obras principais: *Étude d’histoire de psychologie du mysticisme*, 1908; *David Hume et la philosophie critique*, 1909; *La psychologie de Stendhal*, 1919; e *La religion et la foi*, 1922. Colaborou na grande obra de psicologia, publicada por G. Dumas, *Traité de psychologie*, (2 vols., 1923-1924), da qual redigiu os capítulos Memória, Inteligência e Estética.” Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/d/delacroix_henri.htm.

criadora e outros não. Segundo afirma: “Atualmente o artista não fica inerte esperando ‘a inspiração’. Aprende-se a escrever, escrevendo e a criar, criando” (REIS, 1988, p. 15). E conclui que o ato de escrever é uma forma de aprendizado, que está acessível a qualquer pessoa e, além do mais, “[...] todos os homens têm o pensamento criador”.

No tópico recomendações do projeto, a professora observou determinados expedientes, tendo como finalidade sugerir procedimentos ao enfrentar-se a deficiência da construção linguística. Mencionando Júlio Nogueira, estudioso glotólogo e filólogo, e fazendo alusão ao livro do escritor intitulado *A linguagem usual e a composição*, declarou tratar-se de autor importante em seu projeto, razão de a ele recorrer para diálogos, aproveitando ideias e conceitos. Assim, desenvolveu tópicos de estudos sobre a boa escrita, partindo de temáticas definidas pelas seguintes concepções: recursos para a produção de ideias, estética da língua escrita, modos de expressão e sua nomenclatura, erros de estrutura vocabular, emprego indevido de negativas e paráfrases.

Entre os recursos da produção de ideias, segundo observações da professora Conceição Ouro, duas partes podem ser diferenciadas: a primeira, que trata de direcionamentos metodológicos (*metodizar*), ou seja, são recomendações auxiliares para a produção de ideias; e a segunda, em que orientações são sugeridas para a melhoria da comunicação com registro no texto por escrito, ou melhor, para a eficiência de registros de escrita. No primeiro caso, recomendou-se “metodizar” o assunto a ser abordado, dividindo um tema em pontos principais. Neste intuito, deu-se relevância aos seguintes conceitos: a “definição”, em que se sugere determinar o que é um fato, o que significa o tema do texto a ser escrito; a “distinção”, em que se procura diferenciar o elemento definido dos demais (entre forma e conteúdo – entre o material e o imaterial); o “tempo”, momento da ocorrência dos fatos; o “lugar”, espaço ou ambiente onde o fato se deu; e o “comentário”, dizeres que dão margem a diálogos e discussões.

O Quadro 11, que ilustra a descrição a seguir, é uma referência a processos de comunicação, ressalta recomendações da professora para realização de tarefas escritas; nesta proposta se sobressaem cuidados a serem observados pelos alunos nas tarefas de textos. Sobre a disposição da linguagem em estruturas físicas, no espaço da página, por exemplo, há que se lembrar das recomendações anunciadas ao longo do projeto. Este é um dos procedimentos que vem descritos logo após o uso do termo “observações”⁴⁶ no texto da professora (REIS, 1988, p. 18), indicando uma série de condutas que podem auxiliar o escritor estudante em suas atividades de redigir.

⁴⁶ No texto, as recomendações antecidas do título “OBSERVAÇÕES” no livro-projeto não estão publicadas em uma tabela ou quadro, mas listadas sequencialmente, sentido vertical, na ordem em que aparecem no quadro.

Quadro 11 – Notas e recomendações sobre a escrita apresentadas no projeto *Redigir bem ou arte de comunicar-se*

OBSERVAÇÕES	
Fatores essenciais internos	<ul style="list-style-type: none"> • Imaginação • Sensibilidade • Inteligência • Memória
Fatores essenciais externos	<ul style="list-style-type: none"> • Limpeza • Letra legível • Evitar vício de linguagem
Veículo de comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Jornais • Revista • Televisão
Evitar	<ul style="list-style-type: none"> • Política • Religião
Acautelar-se com	<ul style="list-style-type: none"> • Ideias ridículas e infantis • Os extremismos e os ataques pessoais • Repetição de ideias • Exagero nas ideias e expressões de modéstia
Distinção	<ul style="list-style-type: none"> • Forma • Estilo
Forma	<ul style="list-style-type: none"> • Simplicidade • Clareza • Precisão • Concisão • Originalidade • Harmonia
Evitar	<ul style="list-style-type: none"> • Períodos longos • Frases intrincadas e desconexas • Expressões vulgares • Os lugares comuns e os chavões • Eco-hiato-cacofonia-colisão • As frases: isto é, ou melhor, vale dizer
Linguagem figurada	<ul style="list-style-type: none"> • Antítese (dor, tu és prazer) • Perífrase (a cidade maravilhosa) • Gradação (anda, corre, voa) • Enfática • Repetição • Interrogação • Exclamação

Fonte: Elaboração do autor a partir do projeto *Redigir bem ou a arte de comunicar-se* (REIS, 1988).

Observando-se o quadro, depreendido do projeto da professora, percebe-se que no centro de seus destaques se encontram certos cuidados que tematizam a escrita. Nele, verificam-se recomendações que podem ser utilizadas na tarefa da atividade escritora. Assim, espera-se que prevaleçam, no entender da autora, as boas marcas do texto. De início, há orientações que observam fatores internos e externos do texto. Entre fatores internos se conta a questão da

imaginação, vista como um dos elementos do trabalho criador, que ao lado da inteligência, da sensibilidade e da memória formam critérios importantes da atividade da escrita escolar. Entre os fatores externos da apresentação da escrita se encontram expedientes diversos, pois o texto, segundo a autora, deve ser bem apresentado, organizado, limpo, com emprego de letra legível e necessita atender a convenções da boa comunicação, as quais procuram também repelir defeitos, como vícios de linguagem, por exemplo.

Nas recomendações, ressalta-se prudência, quando se trata de comunicar sobre a esfera política ou religiosa, além do mais, o homem às vezes é um indivíduo apaixonado ao expor suas ideias, especialmente nessas duas áreas, e suscitar fortes polêmicas, afora a presente vigilância sobre a sociedade sustentada pelo regime militar brasileiro. Entende-se, do texto do projeto, que o estudante não se encontra proibido de fazer exposição política em seu texto, ou religiosa, porém diante de implicações sociais ou individuais parece boa medida evitar desenvolver a redação nestes direcionamentos.

Outra recomendação técnica da apresentação textual, também no texto do projeto, refere-se ao aspecto formal, desta feita no que diz respeito ao uso de ideias tendenciosas ou recorrentes, então na concepção da autora, espera-se que do texto redigido sejam dispensados as ideias “ridículas e infantis”, os extremismos e os ataques pessoais, a repetição, o exagero na seleção de ideias e de expressões de modéstia. Assim, depreende-se que, para o redator, deve estar claro que o aspecto formal do texto comunica de uma forma e que o estilo ou conteúdo selecionado pode revigorar ou enfraquecer o ato da comunicação, isso implica uma das etapas dessa distinção, entre forma e conteúdo, pelo que se deixa entender.

A forma, para a boa escrita, requer a valorização de determinadas qualidades e o distanciamento de aspectos comprometedores que criam empecilhos à comunicação. Em vista disso, observa-se no quadro, a escrita deve estar pautada na simplicidade das expressões, na clareza e precisão das palavras e outros valores como a concisão, a originalidade e a harmonia entre termos, aspectos que não observados concorrem para o enfraquecimento da escrita. E sobre a estrutura do período, a autora adverte no texto do projeto:

É desagradável o período demasiado longo, cheio de incidentes que vão ligando ideias acessórias, e prendendo por muito tempo a atenção do leitor para que não se perca o sentido. [...] Por outro lado os períodos curtos que se sucedem por intervalos iguais, cujo termo o leitor prevê facilmente, acabam por enfastiar a atenção (REIS, 1998, p. 23).

Entretanto, admite, com este mesmo intuito, o da boa produção de texto, também devem ser evitadas frases intrincadas e desconexas, expressões vulgares, termos explicativos como “isto

é”⁴⁷, “ou melhor”, “vale dizer”, além de outras recomendações, também enunciadas no Quadro 11.

Para o fortalecimento do estilo, que reforça especialmente o comportamento do texto literário, o emprego da linguagem figurada é recomendado, ou repellido, no uso da linguagem coerente com o fim de comunicar. Assim, ora se empregam ou se evitam, conforme o caso, figuras como antítese, a gradação, a repetição, a interrogação e a exclamação. Em suma, o Quadro 11 preocupa-se tanto com aspectos formais, principalmente, quanto com os de conteúdo, no mundo da literatura, como arte, ou além disso nas instâncias não metafóricas.

Portanto, observa-se que no quadro embora predomine o aspecto estrutural, prescritivo ou conceitual, tudo envolve a natureza da produção escrita direcionada à língua portuguesa. Além do exposto no Quadro 11, no texto do projeto, aspectos a serem evitados ou acatados, quanto à correção textual, a estudiosa lista uma série de dados, formais, organizados em dois polos, que considera a face da escrita e devem ser preocupação do estudante ou produtor de textos, e parecem essenciais ao êxito da redação. Um deles implica o problema da correção e outro o da pontuação, domínios indispensáveis no ferramental do redator, como se pode exemplificar a seguir. Estas são lições evidenciadoras do aspecto formal da língua.

Para fins de correção, no projeto, a professora sugere cuidados a partir oito (8) recomendações, saberes intrínsecos aos estudos de língua portuguesa, assim listados: 1 concordância; 2 pronome apassivador SE; 3 regência; 4 colocação de pronomes oblíquos; 5 grafia de palavras; 6 acentuação e crase; 7 imperativos; 8 uso de há – a. Ainda observando a contribuição do aspecto formal da língua à produção do texto, recomenda dar-se atenção a noções de pontuação, envolvendo dez (10) elementos: 1 o ponto final; 2 os dois pontos; 3 o travessão; 4 os parênteses; 5 o ponto de interrogação; 6 o ponto de exclamação; 7 as reticências; 8 as aspas; 9 o ponto final; e 10 a vírgula. (REIS, 1988, p. 20-21).

Considerando a estética da língua escrita, a professora nota que a correção da frase não indica tudo em termos de boa redação. Pode até significar o contrário, entende, pois há textos que veiculam uma gramática irretocável, mas se conduzem de modo a enfraquecer a força da expressão, operando mal a escolha das palavras e realizando combinações desarmoniosas entre termos. Essa é uma das teses sobre a produção textual na qual ela acredita (REIS, 1988, p. 21). Afora isso, continua a discussão sobre as condições que afetam a escrita aceitável.

⁴⁷ No cânone clássico, há restrições para determinados empregos da língua formal. Hoje, já estão integrados nas gramáticas do português os termos explicativos como “isto é”, “ou melhor” e “vale dizer” sem a pecha de inadequação do uso da língua.

Na concepção da autora, para a estética da boa escrita, os períodos que obrigam à nova leitura são um defeito, as palavras que atuam contra a harmonia da frase, igualmente. Além disso, as lacunas e intervalos, a cacofonia, a ambiguidade, o eco são outros problemas do texto. E também lista mais sugestões, tendo em vista a boa produção textual, por exemplo, deve-se empregar termos técnicos entre técnicos, sugere, e evitar a utilização de termos raros, estrangeirismos, gírias, palavras de baixo calão, plebeísmos, e no caso de citações com línguas estrangeiras fazê-las com moderação.

E na seção sobre modos de expressão e sua nomenclatura, a estudiosa indica variadas situações que implicarão a escrita. Aqui ela utiliza conceitos, frações da língua que contêm objetos que poderão contribuir com a eficiência do texto, incluindo as figuras de linguagem. Lembra a autora que o português é uma língua culta, logo permite maior possibilidade de construções ao se exprimir a mesma ideia. Embora profissional de língua portuguesa por formação, com rígida orientação clássica, ela acredita na validade de conhecimentos clássicos e modernos, pois ambos comportam lições, isso é o que expressa em uma das teorias assumidas: “Estudemos os velhos clássicos; aproveitemos deles as riquezas que nos oferecem; mas sejamos homens do nosso século – falemos a língua do nosso tempo” (REIS, 1988, p. 23).

Ainda tratando de modos de expressão, recomenda que se empregue a sinonímia não só de palavras, mas também de ideias. E não esquece que há contribuições em “palavras de relação”, nas quais se podem substituir termos como “onde” por “no lugar em que”, “quem” por “a pessoa que”, “aqui” por “neste lugar”, e assim por diante. Também vê como importantes outros processos de substituição, principalmente para uso em textos literários, nos quais se permutam o adjetivo por locuções adjetivas, faz-se uso de epítetos ou antonomásia, e, ainda mais, se recorre à metáfora, à sinédoque, à antítese, entre outros, tentando evitar repetições.

Em discussão sobre erros de estrutura vocabular e emprego indevido de negativas, a professora observa mais impactos de aspectos formais na construção do texto. Segundo sua abordagem, cumpre observar a tendência de incorporação de termos da oralidade dispensáveis na escrita. Além de se tomar precauções contra o mau uso de termos na formulação de negativas, a exemplo de construções do tipo “mas porém”, “mas contudo”, “mas todavia”, “mas entretanto”, já que dois termos adversativos se repelem (REIS, 1988, p. 29).

Da página 33 à 44, entre outros lembretes, a professora destaca o papel do vocabulário no texto, alerta sobre o uso de parônimos, apresenta curiosidades sobre certas expressões da língua portuguesa, e explica, por exemplo, como se poderia construir um texto cujo tema fosse a leitura. Sobre o papel do vocabulário na escrita, adverte que não se deve considerar a palavra isolada da frase, assim como a frase independente do texto ou a obra sem que se dê destaque ao

contexto. Para ela, há aspectos que se sobressaem quanto ao vocabulário, por exemplo, no texto as palavras formam um conjunto harmônico, as repetições frequentes de termos devem ser evitadas e é um sinal de impropriedade vocabular, por isso é necessário oportunizar o emprego preciso de uma palavra ou expressão. Além disso, seria uma boa medida, segundo a estudiosa, evitar palavras contrárias à moralidade (REIS, 1988, p. 33).

Ela também se ocupa de temas como provérbios e máximas, o teatro e o emprego de paráfrase, que “[...] consiste em interpretar com palavras as próprias um texto qualquer. Em dar-lhe uma redação pessoal” (REIS, 1988, p. 40). Ela exemplifica o processo de emprego da paráfrase, uma forma de substituição, a partir do poema “Alguém”, do poeta português Gonçalves Crespo. E conclui destacando do livro *A linguagem usual e a composição*, de Júlio Nogueira, alguns princípios recomendados pelo autor, como usar as palavras sem afetação, ler em voz alta o que se escreve para evitar ecos e cacófonos, não empregar palavras cuja significação o autor não conhece bem, procurar a convivência de pessoas e meios onde a linguagem seja respeitada, entre outros.

Sendo assim, o projeto considera a questão linguística em si mesma um problema decisivo, pois a língua na proposta da escrita é colocada em sua relação com a forma, e discutida em face de dificuldades na redação de textos dos alunos. No livro, uma série de recomendações e de técnicas é um recurso de que lança mão a autora, visando ao aperfeiçoamento da produção linguística nos textos escolares. Assim, o projeto *Redigir bem ou a arte de comunicar-se* descreve lições que sugerem no aspecto formal possibilidades de solução ao problema da escrita. Embora o conteúdo não possa ser dissociado da forma, a questão formal parece a base crítica do problema da escrita, representando obstáculo na produção textual. Esta é uma das impressões que pode causar o projeto *Redigir bem ou arte de comunicar-se*.

Fruto do seu trabalho, visando à operacionalização de práticas de escrita, este projeto evidencia as iniciativas implementadas pela professora diante do problema do ensino, e da língua portuguesa. O projeto assinalou uma das suas contribuições aos desafios da aprendizagem e deixou propostas e sugestões que podem auxiliar o estudante a enfrentar embates com a escrita. Foi mais um dos passos fundamentais no plano educativo da professora Conceição Ouro. E, a seguir, mais um projeto abre discussões, resultante da dedicação do ensino da docente, agora enfocando o problema da criatividade.

4.4 PROJETO MONAS – RAÍZES PROFUNDAS DA CRIATIVIDADE

Outro projeto que foi também direcionado à sala de aula recebeu o título de “MONAS – raízes profundas da criatividade”, figura 18. Detectado nos arquivos do Cemdap, é uma elaboração sistematizada em três laudas, que provavelmente estaria em andamento até assumir o formato de livro, como ocorreu com o trabalho de outros apontamentos efetuados pela professora.

Figura 18 – Imagem da página inicial do projeto *Monas – raízes profundas da criatividade*

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA
ACOMPANHAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA - PESQUISADORES DA UFS

IDENTIFICAÇÃO DA UNIDADE

1. Sigla do Centro: CODAP

2. Sigla do Departamento(s): CODAP

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO/ATIVIDADE

3. Denominação: MONAS - RAÍZES PROFUNDAS DA CRIATIVIDADE

4. Data de início: 01/03/1990

5. Data de término (ou previsão): 03/1991

6. Nome do Responsável pelo Projeto: Maria da Conceição Ouro Reis
Titulação: Professor de 1º e 2º Grau - DE/Nível D1

7. Participantes:

Nome	Grau de Envolvimento	Horas por semana	Depte	Outras Inst.:
<u>Maria da Conceição Ouro Reis</u>				
<u>De 2ª a 4ª feira de 2ª feira à 6ª feira</u>				
<u>CODAP</u>				

8. OBJETIVOS

I) Detectar (dentro do possível) a ação do processo criativo literário no estado tensional do escritor como liberador, aliviador de tensão.

II) Encontrar os limites da criatividade

III) Captar o liame que une escritores independentemente de espaço e tempo

Fonte: Cemdap. *Monas – raízes profundas da criatividade* (1990).

O esboço do projeto aparece delineado em três laudas e seus pontos de interesse vão seguindo uma sequência de 13 tópicos, sínteses daquilo que o pesquisador necessitaria assinalar para demonstrar uma ideia geral dos estudos desenvolvidos e direcionados à Pró-Reitoria de Graduação da UFS para a análise de produções científicas.

O projeto foi pensado para ser desenvolvido no espaço de um ano, a iniciar no ano de 1990 e findar em 1991. Na pauta do esboço do projeto, um esquema com dados fechados

deveria ser preenchido pelo pesquisador e nele não havia diferenciação, por exemplo, entre objetivos específicos e objetivo geral. Os objetivos do projeto foram desenvolvidos em três tópicos, assim definidos: I) Detectar, dentro do possível, a ação do processo criativo literário, o estado tensional do escritor como liberador, aliviador de tensão; II) Encontrar os limites da criatividade; III) Captar o liame que une escritores independentemente do espaço e do tempo.

Nos objetivos do projeto, renova-se a meta da produção textual; ao praticante da escrita com as finalidades literárias, cabe o viés da criatividade, agora, em particular. O projeto, ao tempo que aprofunda a corrente de estudos no campo literário, evidenciando a força desta temática no trabalho da professora Conceição Ouro, difere dos demais pela meta pretendida com a elaboração da escrita. Assim, no projeto *Laboratório de criação literária*, o processo de escrita poderia descender de influências de leitura de obras da literatura universal ou sul-americana, e no projeto *Redigir bem ou a arte de comunicar-se* a influência recairia nas orientações formais da construção do texto, enquanto neste a produção textual teria parâmetros, ao que parece, relacionando à criatividade atrelada à liberdade de expressão, tomando-se a escrita como um ato libertador.

O projeto era desenvolvido independentemente de apoio de instituições, ou seja, não era incentivado ou assumido por órgão financiador. O projeto nascia sob encargo total do pesquisador, pelo “Desejo individual e próprio de buscar as raízes da criatividade” (CEMDAP, 1990). Para ser cadastrado na Coordenação de Pesquisa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, o projeto carecia de justificativa, segundo as entrelinhas do documento de ciência da concretização do projeto e, nesta situação, como consequência a professora argumentara que o projeto fora realizado “[...] por iniciativa própria sem ajuda de órgãos apropriados e aplicados, particularmente, em sala de aula.” (CEMDAP, 1990).

É possível que este projeto, em outras formas de apresentação, desde décadas anteriores, já tenha sido ensaiado a partir de estratégias e exercícios em sala de aula, antes da década de 1990, inclusive a partir de livro didático. A respeito da aplicação de atividade enfocando a criatividade em sala de aula, uma das alunas da professora Conceição Ouro, em entrevista, relata fatos que podem refletir o que surgiria mais tarde com este projeto em questão, assim relatando:

Eu me lembro muito bem de um livro que ela adotou [...] era um livro de atividades que era a cara da professora, porque era um livro em que a gente praticamente usava a criatividade, ela orientava e a gente escrevia [...] e eu não esqueço esse livro [...], mas eu me lembro que o livro tinha muitas páginas assim em branco, e era pra gente criar e botar pra fora, então eu me lembro bastante disso. (LAPORTE, 2022b).

Observa-se, assim, que no projeto a literatura assume prioridade, vista não só como um processo de criação, mas também como um ato de libertação. Criação porque o artista fará surgir um produto que somente ele pode fazer nascer, realizando a elaboração de algo há pouco instantâneo não manifesto, e de libertação porque os elementos sobre o governo do artista serão evidenciados a partir de sua reelaboração de cultura, impondo-os ao meio cultural.

A criação é vista como um desafio que o artista, especialmente o da palavra, precisa enfrentar, pois necessita “Encontrar os limites da criatividade”, além disso será preciso “Captar o liame que une os escritores independentemente de espaço e tempo” (CEMDAP, 1990). Isso, por certo, poderia ser entendido como um ato de identificação entre todas as pessoas dedicadas, ou se dedicando, à tarefa de escrever. No primeiro caso, as dedicadas, seriam os escritores propriamente ditos, e no segundo, “se dedicando”, seriam os seres comuns, entre eles os alunos com incumbência da tarefa escrita. Então, seria preciso compreender qual o elo que reuniria estas etapas que teriam como finalidade a escrita (CEMDAP, 1990).

Naquele período, em 1990, a situação do projeto como “iniciando” justifica-se porque se partiria do esboço para os primeiros passos efetivos da construção do projeto, planejado para ser divulgado no ano seguinte, em 1991. Na coluna “Educação – Ensino – Literatura”, um dos textos publicados no jornal *A Tarde*, que recebeu o título de “Ontem houve uma festa no céu”, dá indícios, provavelmente, do princípio norteador do projeto da professora, que tem como tema a criatividade. Uma ideia daquilo que planejara para o projeto *Monas – raízes profundas da criatividade* parece já estar nas afirmativas de Paracelso⁴⁸ no texto difundido pela professora no jornal. Comentando afirmativas de Paracelso sobre a questão das imagens e das alterações psíquicas após a meia-idade, a professora estabelece inferências reforçando princípios adotados no projeto: “Tentando dar uma dimensão pessoal às palavras do estudioso, achamos que as imagens primitivas pertencem à humanidade e podem reaparecer em qualquer cabeça de modo autóctone, independentes do tempo e do espaço” (REIS; *A Tarde*, 20 de agosto de 1990).

⁴⁸ “Paracelso, cujo nome verdadeiro era Phillipus Theophrastus Aureolus Bombastus von Hohenheim, nasceu em Einsiedeln, na Suíça, em 1493. Era filho único do médico alemão Wilhelm Bombast von Hohenheim com Else Ochsner. Recebeu os primeiros ensinamentos de seu pai, que tratava os peregrinos no monastério de Einsiedeln. Wilhelm von Hohenheim instruiu o filho na observação da natureza e seus fenômenos, nas ciências médicas, química e farmacologia e mineralogia. Com a morte de sua mãe, aos 9 anos, Paracelso e o pai se transferiram para Villach, na região austríaca de Caríntia. Em Villach, Wilhelm von Hohenheim passou a lecionar alquimia teórica e prática na Escola de Mineração Bergschule, mas Paracelso foi enviado para estudar no Mosteiro de Santo André, em Salzburg. Nesse monastério, Paracelso entrou em contato com o bispo Eberhard Baumgartner, considerado um renomado alquimista. Após seus estudos regulares no monastério, Paracelso frequentou a Escola Superior em Viena e estudou medicina em Ferrara, na Itália, onde se doutorou (1516-17) em “ambas as medicinas”, isso é, em medicina interna e cirurgia.” (NEUFELD, 2018).

Pelo exposto na matéria do jornal, das conclusões expressas por Paracelso, entende-se que ele acata a existência do raciocínio, colocando-o em oposição à ideia, pois a rapidez com que elas “afluem do cérebro às palavras”, nenhuma ciência explica. Além do mais, a professora refere-se a outro princípio do projeto, considerando-se como base as afirmativas de Paracelso, o da questão da liberdade da criação do texto e da escrita. E nisso, ao que parece, adere à orientação de colocar o livre registro das ideias acima do que deseja a inteligência, como aparece já citando preceitos de Paracelso: “[..] a inteligência é muito fraca para exprimir o que a alma sente. Assim, eu soltarei as amarras que me prendem e deixarei a pena deslizar sobre o papel” (REIS, A Tarde, 1990).

Embora se direcione à questão da escrita, a concepção de criação utilizada pela professora vai além das fronteiras da escala textual. Falando em aposentadoria, e apresentando uma lista considerável de realizações didáticas, uma espécie de prestação de contas externada no jornal *A Tarde*, entre publicações, projetos e obras publicadas, a professora Conceição Ouro por duas vezes se refere à criatividade, e ao final do texto conclui: “Acho que estar vivo é ser forçado a criar: e contudo, conseguimos ficar mais perto de DEUS” (*A Tarde*, 23 de outubro de 1989).

Os projetos foram importantes contribuições da professora Conceição Ouro ao ensino do português, à cultura escrita também. Em primeiro lugar, porque foi com finalidades no ensino de língua portuguesa, como leitura, condutas para uso da língua, por exemplo, que ela desenvolveu tais planos de ensino; e depois porque a literatura dos projetos movimentados pela professora em sala de aula não perdia de vista atividades que levassem à prática da escrita. Em outras palavras, os projetos favorecem a ideia de que a escrita era um dos objetivos da professora, senão o principal.

Assim, tais iniciativas de ensino da professora Conceição Ouro, por exemplo, assumem opções teóricas e propõe práticas que dão a conhecer aspectos didáticos, apresentando o retrato do que se desenvolveu, em determinados aspectos, com sua prática de ensino em língua portuguesa no Colégio de Aplicação da UFS. Outra importante atividade didática da professora foi a elaboração de um jornal estudantil, o *Genesis*, como se pode observar no seguinte tópico.

4.5 O JORNAL *GENESIS*: DESENVOLVENDO A ESCRITA E A CRIATIVIDADE ARTÍSTICA

Jornais estudantis na cultura educacional

Há um lugar de dependência que associa a historiografia ao arquivo (HEYNEMANN, 2009). Além do mais, entende-se que os materiais escolares estão sujeitos a processos de codificação e muitas vezes são instrumentos de escrita no campo dos impressos, que contribuem com a história material escolar (MEDA, 2022). E é neste âmbito que os jornais estudantis estão inseridos. Esses jornais, e nesta categoria o *Genesis* se classifica, atestam a importância da escrita como veículo formador de sentido e matéria de constituição de fontes abertas a procedimentos experimentais.

Segundo Nascimento (2002), o jornal estudantil se insere no campo das práticas escolares, relaciona-se com a história da escola e seus saberes, priorizando práticas de estudantes. Ele também classifica os estudos sobre periódicos estudantis como recentes e faz um levantamento sobre jornais estudantis, principalmente da década de 1930, se bem que tece algumas considerações sobre jornais escolares em períodos seguintes, como os de décadas que se estendem até 1960.

O jornal estudantil como fonte de estudos da História da Educação tem circulação modesta, havendo poucos estudos enfocando a temática em âmbito local ou nacional, embora já venha despertando maior interesse, e como recente objeto de pesquisa não teve uma massa crítica ampla vinculada a este aspecto da escrita estudantil, o de estudos de impressos jornalísticos, que carecem de maiores desbravamentos (AMARAL, 2013; NASCIMENTO, 2002; RODRIGUES, 2016).

Amaral (2002), discutindo jornais estudantis, destaca o periódico *Ecos Gonzagueanos e o Estudante*, que resultou do trabalho de estudantes em uma escola gaúcha, de orientação religiosa. Notou, por exemplo, orientações doutrinárias, aspectos que assinalam questões comportamentais, tendências político-ideológicas, filosóficas, o emprego da poesia, apego ao patriotismo, uso da sátira. E percebeu que tanto os alunos quanto os colaboradores do jornal estiveram associados a normas de conduta na ação dos indivíduos. O mesmo estudioso nota a presença do humor ganhando campo e contribuindo com a fisionomia dos costumes, assim formando representações:

Em muitos jornais estudantis costumam ser abundantes as caricaturas, sátiras e anedotas. Por esse material humorístico pode-se apreender, também, muito sobre os costumes vigentes na época, bem como a representação social da escola, dos professores e dos próprios alunos. (AMARAL, 2002, p. 140).

Segundo Nascimento (2002), o jornal estudantil se insere no campo das práticas escolares, relaciona-se com a história da escola e seus saberes, priorizando práticas de estudantes. Também classifica os estudos sobre periódicos estudantis como recentes e faz um levantamento sobre jornais estudantis, principalmente da década de 1930, pois ainda tece algumas considerações sobre os jornais em períodos seguintes, como de décadas que se estendem até 1960.

Na ótica de Amaral (2002), os jornais estudantis evidenciam práticas e discursos do cotidiano escolar e “[...] dessa forma, a imprensa estudantil constitui-se em artefato cultural produzido por alunos, para seus pares e comunidade escolar, que evidenciam o seu modo de percepção das práticas escolares e dos discursos que as subsidiam” (AMARAL, 2002, p. 123). Uma observação, e que leva à reflexão sobre os estudos dos jornais estudantis, é a sua inconstante regularidade, já apontada pelo autor: “[...] provavelmente pela inconstante periodicidade, dificuldade de acesso ou por questões relativas à qualidade dos textos, os jornais estudantis não têm recebido a devida atenção dos pesquisadores” (AMARAL, 2002, p. 123).

Bastos (2013) já pontuava a influência da Escola Nova em relação aos jornais estudantis e também a órgãos auxiliares à escola que foram impulsionados pelo movimento escolanovista, colocando no centro o jornal e a sua produção. Neste sentido, esses jornais elencaram práticas diretamente em sala de aula ou partindo dela, em atividades extraclasse, de qualquer modo revelando mobilidades estudantis e posturas educacionais:

Entre as instituições complementares ou associações auxiliares à escola, estimuladas pelos protagonistas da Escola Nova desde as primeiras décadas do século 20, destaca-se o jornal escolar elaborado pelos alunos, como atividade de sala de aula ou extraclasse. Pode-se assinalar que, na segunda metade do século 19, já se encontram vestígios de jornais infantis e escolares no Brasil (BASTOS, 2013, p. 7).

Na concepção de Urbietta e Assis (2021), atividades do impresso escolar permitem a autonomia do estudante de diversos segmentos, das escolas primárias até as universidades, e são um meio de que a escola dispõe para incentivar o uso de habilidades, despertar vocações literárias, incentivar o uso da escrita, da poesia e da narrativa dos agentes que promovem o processo educacional.

Em estudo defendido por Carvalho (2005), que observou o impresso no campo da pedagogia e das práticas escolares, instâncias de oposição se formavam em torno de objetos como jornais e revistas. A questão do impresso já envolvia embates em que linhas de oposição permaneciam na zona de influência do campo pedagógico e de suas práticas. Compreendendo o papel e a importância do impresso na formação educativa, diferentes orientações direcionavam os **católicos** e os **pioneiros** da educação, por exemplo. Enquanto estudiosos ligados à Igreja se preocupavam com mecanismos de controle e asseguravam um discurso católico escolanovista que ganhasse a atenção do professor, os pioneiros priorizaram saberes pedagógicos aptos a múltiplas aplicabilidades (CARVALHO, 2005).

Em Sergipe, levando em conta os períodos estudados por Nascimento (2002), principalmente na década de 1930, mas que se estende até 1960, nota-se apenas um estudioso que considerou a temática, numa série de artigos que apontaria a questão da imprensa estudantil. Duas fontes foram fundamentais para as formulações da pesquisa do autor: jornais do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura (ITBEC) e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). É aqui, em um período de dez anos depois, que o jornal *Genesis* poderia contar, com o seu surgimento a partir da década de 1970, no ano de 1975.

O jornal estudantil do Colégio de Aplicação da UFS

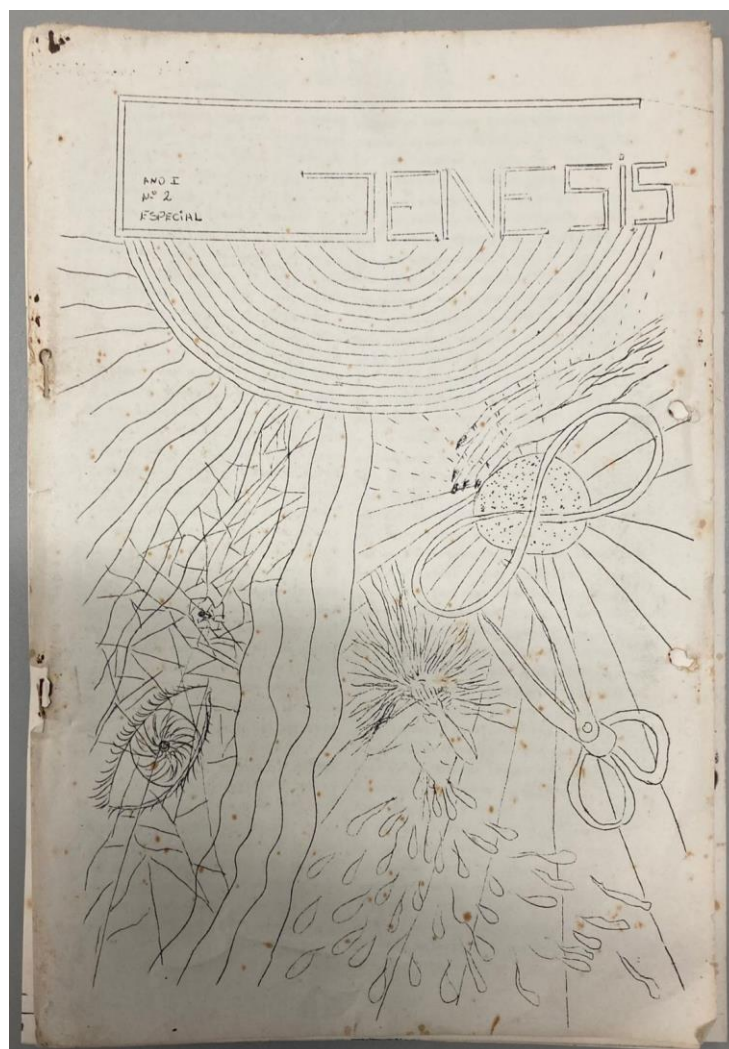
Para os propósitos deste tópico, serão feitas, em síntese, referências aos seguintes exemplares, objeto de estudo, ora destacando-se pontos de relevância ora observando-se dados entendidos como importantes: jornal *Genesis*, ano I, nº 1, 1975; jornal *Genesis*, ano I, nº 2, 1975; jornal *Genesis*, ano I, nº 3, 1975; jornal *Genesis*, ano II, nº 4, 1976; jornal *Genesis*, ano III, nº 1, 1977; jornal *Genesis*, ano IV, s/n, 1978; jornal *Genesis*, ano V, s/n, 1979; jornal *Genesis*, ano VII, s/n, 1981.

A professora Conceição Ouro, entre publicações de obras, desenvolvimento de projetos para prática de leitura e escrita, também incentivou por cerca de dez anos a elaboração de um jornal estudantil, o qual envolvera o aluno no mundo das letras e ficou conhecido como jornal *Genesis*⁴⁹. Apesar de veicular registros de textos de professores e de dialogar com personalidades da cultura sergipana, entre eles escritores, ele era considerado um jornal

⁴⁹ O termo “jornal *Genesis*” neste estudo será assim grafado, sem letra maiúscula, necessariamente, para “jornal” e sem acento, obrigatório, para “*Genesis*.” É assim que o nome do jornal surge grafado nos impressos estudados. Note-se também que uma das ocorrências menos frequentes do caso era colocar o termo todo, *Genesis*, escrito em maiúsculo ou, além disso, ainda com aspas, aqui exemplificado: GENESIS, “GENESIS”. O itálico se deve à norma para título de publicações.

estudantil. Este jornal foi um empreendimento didático planejado e posto em funcionamento pela professora Conceição Ouro, docente de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (Codap/UFS). Ele circulou entre as décadas de 1970 e 1980 e foi um veículo que deu vez a prática de escrita de alunos, e também de professores do colégio e da Universidade Federal de Sergipe, procurando centrar-se especialmente nos primeiros.

Figura 19 – Imagem da capa do jornal *Genesis*

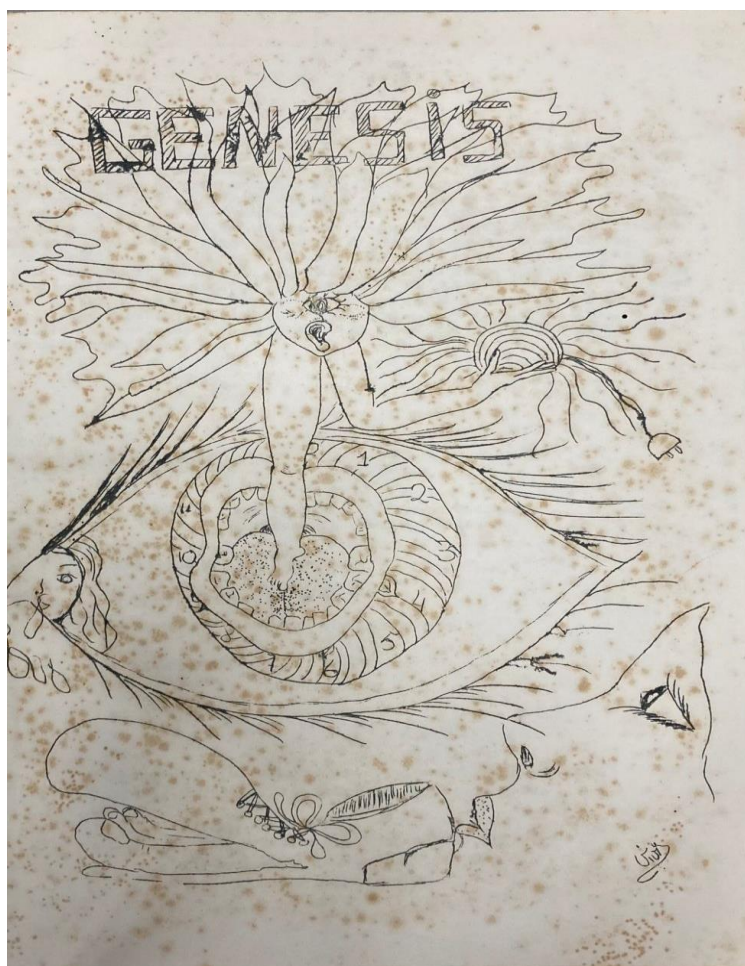


Fonte: Jornal *Genesis*, acervo do Cemdap.

A professora publicara, especialmente poesias, no jornal *Letras Sergipanas*, da Academia Sergipana de Letras, entre 1985 e 1989 (MARTIRES; CONCEIÇÃO, 2020). No jornal *A Tarde*, era redatora da coluna “Educação – Ensino – Literatura” (PINA, 1994), onde expunha parte de suas obras, discutia literatura, publicava sobre filosofia e educação. O jornalismo, para a professora, era uma tradição como lugar de prática da escrita literária e lugar de prática de conhecimento e profissão. No âmbito jornalístico deste tópico, a concentração se

dará em torno do jornal que circulou, com sua orientação, por meio do periódico estudantil, o jornal *Genesis*, produzido pelos alunos do Colégio de Aplicação. Para exemplificar o jornal, uma ilustração da capa demonstra ideia de sua aparência física, conforme adianta a figura a seguir:

Figura 20 – Imagem da capa do jornal *Genesis*

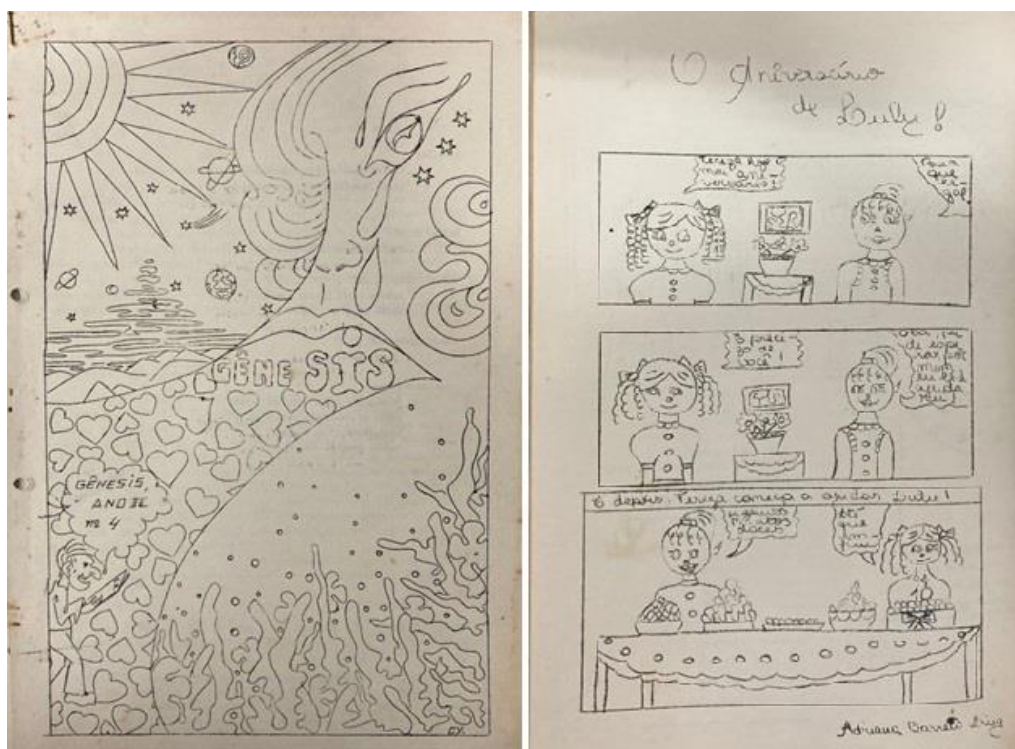


Fonte: Jornal *Genesis*, acervo do Cemdap.

No jornal *Genesis* não houve a preocupação com numeração de páginas, e muitas vezes não houve especificação de data de sua publicação. Uma preocupação estava em foco e era com a exposição da escrita, com o sentimento de transporte da fala estudantil. Em certos exemplares, entretanto, algumas matérias neles publicadas apresentam data, o que ajuda a determinar marcos temporais. Eles apresentavam, em média, 20 laudas por publicação, alguns possuíam 40, incluindo-se capas. Em seus exemplares, não se publicou foto alguma, ainda assim havia desenhos produzidos pelos estudantes – como exemplificado nas figuras a seguir – que ilustram as capas e outras partes do jornal, principalmente poesias, e também figuravam nas capas e nas

histórias em quadrinho. No entanto, algum procedimento de reprodução das figuras fora determinante para tal propósito.

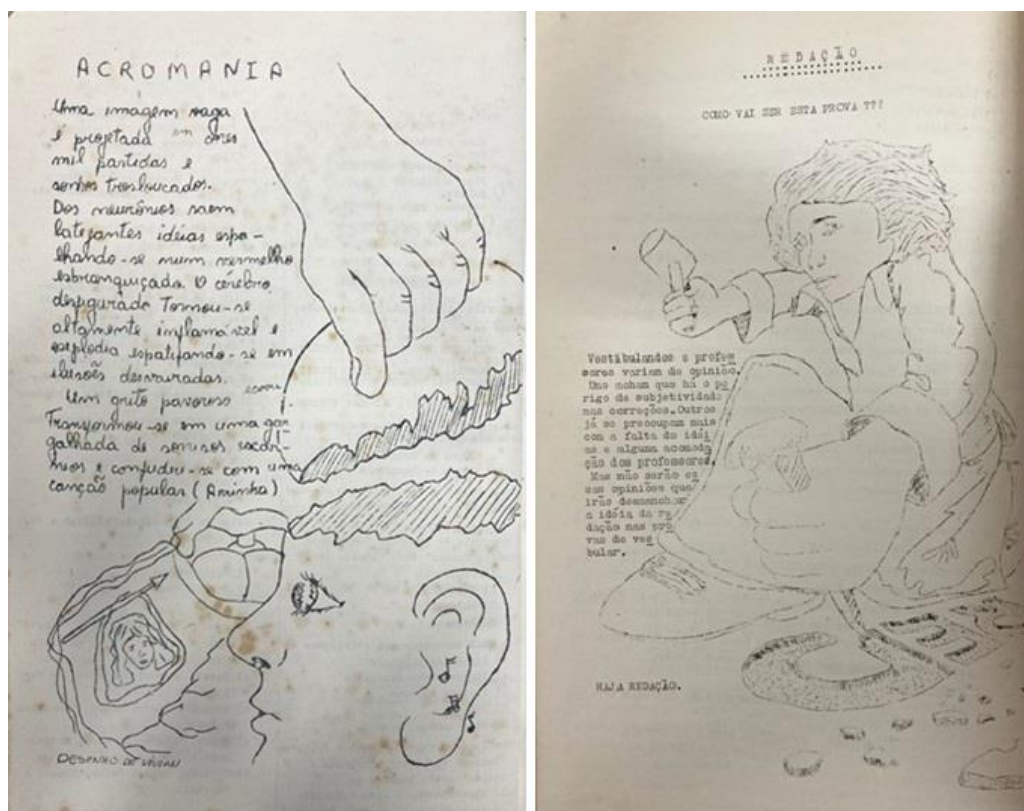
Figura 21 – Imagens do jornal *Genesis*



Fonte: Jornal *Genesis*. Acervo do Cemdap.

A escrita do texto era predominantemente resultante de trabalho de datilografia, raramente se empregava texto manuscrito (ver figuras na sequência). Os jornais utilizavam papel ofício, tamanho de 32,1 x 22 cm, eram grampeados e produzidos em preto e branco, reproduzidos em série por meio do mimeógrafo⁵⁰, e na capa, alguns exemplares informavam o valor do exemplar: dois cruzeiros (2 Cr\$). O retorno de vendas, quando possível, era endereçado a órgão de caridade.

⁵⁰ O Mimeógrafo era um equipamento muito presente na cultura escolar no decorrer da segunda metade do século XX. Trata-se de uma máquina manual utilizada para fazer cópias de papel escrito em grande quantidade e utiliza na reprodução um papel denominado “estêncil” e álcool.

Figura 22 – Imagens do jornal *Genesis*

Fonte: Jornal *Genesis*. Acervo do Cemdap.

A produção e circulação do *Genesis* ocorreu no contexto da Ditadura Civil-Militar, período de exceção, marcado pelas restrições da liberdade e prática da censura, contudo, o *Genesis* não tinha como meta a crítica social direta ou engajada. Mesmo assim, estudantes do período e que participaram, inclusive, da divulgação do jornal, destacam o cuidado e mesmo medo na distribuição do *Genesis*, reflexo provável do sentimento de opressão social que impunha silenciamentos. Uma das alunas do Colégio de Aplicação daquele período assim destacou:

É, a gente era dito como revolucionário, porque assim tinha uns que, que tinham medo, todo mundo tinha medo, né, era um período de medo [...] saber o quão grave era aquilo, por que a gente estava circulando uma coisa que era proibida, mas a gente nem, a gente ia para a rua João Pessoa ali às vezes, com esse jornal na mão, e, com alguns amigos que estavam por ali a gente distribuía, eu tenho na lembrança isso ainda de distribuir por ali, e a gente fazia isso com uma maneira tão inocente, entendeu? (PETTA, 2022).

Entre suas temáticas principais encontravam-se a literatura, as atualidades (notícias da época), as atividades que tinham por fim a aprendizagem e, em uma escala menor, outras temáticas surgiam, como a filosofia, a ciência, os esportes, o teatro, as artes. Predominaram

gêneros textuais como a ficha técnica, as notícias⁵¹, os editoriais, as poesias, os contos, as entrevistas, os quebra-cabeças, os testes de conhecimento, “os pensamentos”, as histórias em quadrinho, as fofocas, entre outros. Entretanto, estas modalidades textuais não eram recorrentes para cada um dos exemplares. Também suas colunas, nem sempre permanentes, eram por vezes assim intituladas: Coluna social⁵², Cantinho do mestre, Fofokadas, Entrevistas, Curiosidades, Genesis no exterior, Genesis no Brasil, Genesis na UFS, Genesis na poesia, Genesis no esporte, Genesis na moda.

Há dados precedentes que carecem de algumas observações: primeiro, entre as temáticas desenvolvidas, a literatura é, ao longo dos jornais, aquela a que se dá maior atenção. Ela é um dos assuntos recorrentes nos noticiários, a produção textual dos alunos ocorre muitas vezes no campo literário, e, em sua maioria, é composta por poesias ou também por crônicas; entre as personalidades entrevistadas predomina a participação de escritores sergipanos; segundo, na ficha técnica, a função de editor-chefe, ocupada em quase todas as vezes pela professora Conceição Ouro, no jornal *Genesis* ano V, de 1979, fora ocupada pelas professoras Lindalva Cardoso Dantas e Luza Mabel Magalhães de Souza; terceiro, entre as colunas antecidas pelo nome Genesis, anteriormente listadas, a coluna “Genesis no exterior” é aquela mais regular aparecendo mais vezes entre os exemplares do jornal, e com maior regularidade e frequência.

Os estudantes envolvidos nas atividades jornalísticas eram alunos do primeiro grau (ensino fundamental), a partir da quinta série (hoje 6º ano, também do ensino fundamental), com menor participação, e alunos do segundo grau (ensino médio), que publicavam com maior frequência. Quanto à execução de tarefas, os alunos deveriam, principalmente, exercitar a escrita, mas também poderiam ocupar postos na administração do jornal, como se deu na função de diagramadores, no departamento comercial ou na direção do jornal, este último, cargo obtido pelos estudantes por intermédio do processo de eleição. As funções do conselho fiscal e do editor-chefe eram exclusivas dos professores.

Assim, foram observados oito exemplares do jornal em foco, todavia os quadros em que se listam textos, nomes de autores e datas, mencionados ao longo deste trabalho acadêmico, só se referirão a quatro dos exemplares em observação. Esta medida foi adotada como uma tentativa de, mesmo indicando uma redução, não se perder a visão de bloco, buscando-se minimizar efeitos ao se retomar jornais apenas do início, do meio e do fim das publicações

⁵¹ Embora se trate de um gênero da própria natureza do jornal, aqui está sendo assim considerado o texto antecedido pelo nome notícia, noticiário ou que assumiu caráter informativo.

⁵² Registre-se, porém, que, no jornal, a prática era conservar o título inteiro, de qualquer coluna ou matéria, grafado com letras maiúsculas.

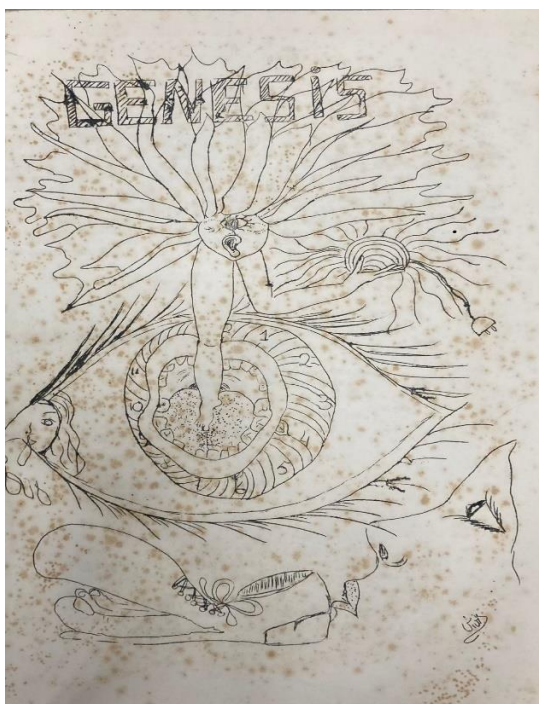
observadas. Portanto, para atender a esta finalidade, dados foram destacados para a formação de quadros esquematizadores dos seguintes jornais: jornal *Genesis* ano I, nº 1, 1975; jornal *Genesis* ano I, nº 2, 1975; jornal *Genesis* ano 4, s/n, 1978 e jornal *Genesis* ano VII, s/n, 1981.

O jornal *Genesis* pode ser classificado entre os fatos referentes à cultura material escolar, especialmente a partir da ação da professora Conceição Ouro Reis, no seu esforço de colocar em cena o protagonismo estudantil e o desenvolvimento de conteúdos literários manejados em sala de aula. É possível afirmar haver uma diversidade de cultura e no conjunto dela admitir a ocorrência da cultura escolar, como consequência do trabalho da escola, da sua forma de atuação e afirmação (FRAGO, 1995; JULIA, 2001; ESCOLANO, 2003). Portanto, os materiais escolares são um dos elementos da formação desta cultura, porque revelam saberes que contribuem para a formação de sentidos. O jornal *Genesis* insere-se nesta acepção, a de objeto ou materialidade da cultura escolar.

Faces do jornal *Genesis*

O jornal *Genesis* teve seu primeiro exemplar publicado no ano de 1975. Institucionalmente, o “Boletim de notícias”, da Assessoria de Relações públicas da UFS, fazia referência ao surgimento do jornal *Genesis*, empregando nota, datilografada, escrita em três parágrafos, enfileirada ao lado de seis outras notícias, sobre o primeiro número desse jornal. Na anotação, fica evidente a constituição de integrantes com função definida, da diretoria do jornal ao seu conselho fiscal. Como editora-chefe, por exemplo, consta a professora Maria da Conceição Ouro Reis e como integrantes do Conselho Fiscal apontam-se as professoras Terezinha Belém Carvalho Teles, Maria da Conceição Ouro Reis, Lindalva Cardoso Dantas e o professor Manoel Messias Vasconcelos; além disso havia outras funções no jornal como diagramador, datilógrafo, entre outras. Concluindo, o boletim assim se pronuncia: “Em 1975, o jornal ‘Genesis’ obteve grande aceitação junto aos alunos e professores do Colégio de Aplicação” (CEMDAP. Boletim de notícias, 1976). Na figura 23, nota-se imagem da capa do primeiro exemplar do jornal *Genesis*.

Figura 23 – Imagem da capa do primeiro exemplar do jornal *Genesis*



Fonte: Acervo do Cemdap.

Nos quadros a seguir são representadas produções de alunos, do Codap, e professores, quer do Colégio de Aplicação ou da UFS, por meio de título, autores e datas. Uma nota que poderia seguir a estes esquemas é que, para o quadro onde docentes são relacionados, a quantidade de professores que publicaram superava, numericamente, a participação de catedráticos do Colégio de Aplicação. No quadro 12, fora os textos de número 1 e 12, ensaios, listam-se títulos da produção de poesias de alunos do Colégio de Aplicação.

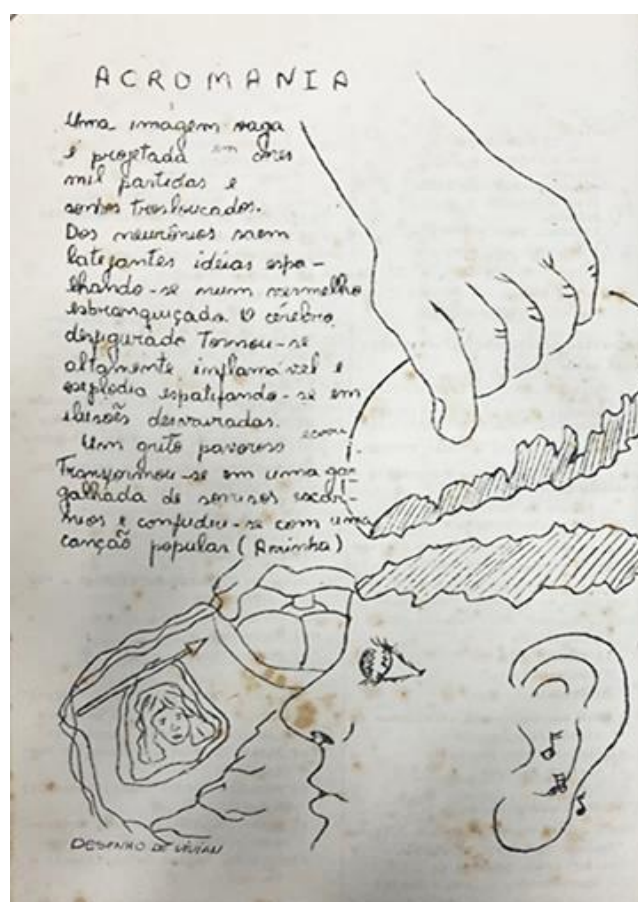
Quadro 12 – Relação de títulos de poesias e textos de diversos gêneros dos alunos do Colégio de Aplicação no jornal *Genesis* de 1975

N.º	Títulos das produções	Autor(a)	Ano do jornal <i>Genesis</i>
1	Perfil de um sábio	Mônica	Ano I, nº 1, 1975
2	És – não – és	Aninha	Ano I, nº I, 1975
3	Homem...	Vivian	Ano I, nº 1, 1975
4	Mãe	Pierre	Ano I, nº I, 1975
5	Acromania	Aninha	Ano I, nº 1, 1975
6	Liberdade	Vivian	Ano I, nº I, 1975
7	Lacrimágua	Mônica	Ano I, nº 2, 1975
8	Conformismo	Aninha	Ano I, nº 2, 1975
9	Dianonimo	Mônica	Ano I, nº 2, 1975
10	“...ZZZ...”	Edinha	Ano I, nº 2, 1975
11	Amor de tom rubro	Jane	Ano I, nº 2, 1975
12	II salão experimental	Cybele	Ano I, nº 2, 1975

Fonte: Jornal *Genesis*, 1975. Acervo do Cemdap.

Em síntese, a poesia é o gênero textual predominante na escrita dos alunos, nestes primeiros números. Fazendo-se referência a alguns dos textos, o de Aninha, em “És – não – és”, tece um poema concretista, o eu lírico dialoga sobre oposições, envolvendo o tudo e o nada; em “Homem...”, de Vivian, o eu lírico insiste no uso de imperativos, há sempre algo que outro deve realizar para chegar ao encontro de quem se ama e o curioso é que ocorrem dois títulos iguais (Homem...) para as duas “únicas” estrofes diferentes. Ela, Vivian, ilustrou com desenhos a poesia “Acromania”, de Aninha, uma das poucas poesias manuscritas do jornal, e assim inicia: “Uma imagem vaga é projetada em cores mil partidas e sonhos tresloucados”, conforme apresentado na figura a seguir.

Figura 24 – Imagens do jornal *Genesis*



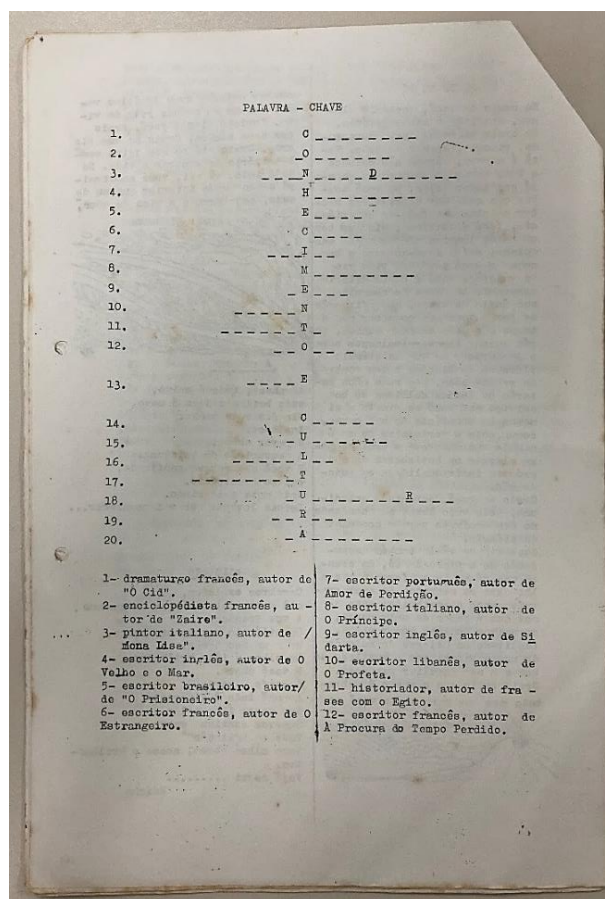
Fonte: Jornal *Genesis*. Acervo do Cemdap.

As alunas Aninha, Ana Virgínia de Araujo e Maria Mônica Ouro Reis, considerando ambos os jornais, se destacaram em quantidade de produção. Ainda para o quadro de n.º 12, observa-se que os alunos, redatores, ampliavam a circulação social de textos por eles produzidos, neste sentido permitindo uma maior dinamicidade das ideias de sua autoria, que

não ficariam restritas à sala de aula. Enquanto as alunas, nestes dois jornais, publicam textos em quase todas as ocorrências, apenas um aluno apresenta sua composição literária.

No primeiro número jornalístico, agora independente do quadro, em linhas gerais, é a literatura quem mais comunica, literatura como assunto desenvolvido e como prática da atividade de texto. Mas outras atividades estavam em voga, pedagógicas, por exemplo, a atividade de “palavra-chave” que, no *Genesis*, era uma tarefa distribuída por 20 itens, cuja palavra a ser descoberta possuía uma letra inicial e precisaria ser completada. Para isso, o aluno precisaria decifrar a solução da problemática em cada uma das situações, por exemplo, no item 1, o aluno precisaria saber quem era o “dramaturgo francês, autor de ‘O Cid’”. A solução seria divulgada no exemplar seguinte (GENESIS, ano I, nº 1, 1975). Entre diversas outras ocorrências, na literatura, escritores como Khalil Gibran e Lovecraft eram estudados. O professor sergipano, de língua portuguesa, João Costa expõe suas afirmações com o texto “Da necessidade de um teatro infantil”. Na figura 25, vê-se imagem ilustrativa de uma folha do jornal *Genesis*, destacando a atividade de caça-palavra.

Figura 25 – Imagem de página do jornal *Genesis* (1975)



Fonte: Jornal *Genesis*. Acervo do Cemdap.

No segundo exemplar, ainda do ano de 1975, a literatura continua em destaque, o reitor Luiz Bispo⁵³ é entrevistado, e entre os assuntos ele comenta sobre o Colégio de Aplicação, projetos do Campus, a Faculdade de Comunicação, Belas Artes, Psicologia e Biblioteconomia, entre outros (CEMDAP. Genesis, 1975). Neste número, um dos destaques é o aumento de publicação de professores do Colégio de Aplicação e da Universidade, entretanto apenas três professores do Codap expõem seu texto no jornal, enquanto os demais são docentes lotados na UFS, ficando à parte disso o Pe. Luciano Duarte, fundador do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, hoje Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. No quadro a seguir, expõe-se a produção dos autores nomeadas e classificadas.

Quadro 13 – Relação de títulos de textos de professores do Colégio de Aplicação, ou de Departamentos da UFS, professores convidados e personalidades da cultura sergipana que publicaram no jornal *Genesis*

Gêneros textuais: poesia (p); crônica(cr); ensaio(e)	Autor(a)	Atuação na UFS	Ano do jornal <i>Genesis</i>
A história do grão de areia (p)	Conceição Ouro	Professora do Codap - Português	Ano I, nº 1, 1975
- Miragem no Corcovado (p) - Romantismo (e)	Lígia Pina ⁵⁴	Professora do Codap - História	Ano I, nº1, 1975 Ano I, nº 2, 1975
Da necessidade de um teatro estudantil (e)	João Costa ⁵⁵	Professor do Departamento de Letras	Ano I, nº1, 1975
Processo (p)	José Araújo Filho ⁵⁶	Professor do Departamento de Letras. Também atuou como professor de português e diretor (1969-1970) do Codap	Ano I, nº1, 1975
Triste natal (cr)	Lindalva Cardoso Dantas ⁵⁷	Professora de Ciências do Codap. Diretora no período de 1965 a 1968	Ano I, nº 2, 1975
O porco e o pássaro (cr)	Carmelita Pinto Fontes (Gratia Montal ⁵⁸)	Professora de Português Francês do Codap. Departamento de Letras	Ano I, nº 2, 1975

⁵³ Professor do Departamento de Direito da UFS, aposentado em 1991. Segundo reitor da Universidade Federal de Sergipe (1972 a 1976). Formado pela Faculdade de Direito de Sergipe. (SOUZA, 2014).

⁵⁴ Lígia Madureira Pina, aracajuana, nasceu em 1925; estudou no colégio Frei Santa Cecília, Escola Nossa Senhora de Lourdes e Escola Normal. Fez o curso superior em Geografia e História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Lecionou em diversos estabelecimentos de ensino de Aracaju, dentre eles: Escola Normal, Atheneu e Colégio de Aplicação da UFS. Em 1991 encerrou as suas atividades pedagógicas, passando a se dedicar às suas obras literárias, e a partir de 1998, às atividades da Academia Sergipana de Letras. (MARTIRES, 2016).

⁵⁵ Professor de Português, aposentado da Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Letras. Ator e precursor do teatro no Estado de Sergipe, um dos fundadores da Sociedade Sergipana de Cultura Artística. Faleceu em 2011. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/educacao/morre-o-professor-joao-costa/>.

⁵⁶ Professor aposentado da UFS. Diretor do Colégio de Aplicação no período de 1969-1970.

⁵⁷ Professora e ex-diretora (1965-1968) do Colégio de Aplicação.

⁵⁸ Gratia Montal é o pseudônimo da professora Carmelita Pinto Fontes, professora e vice-diretora do Codap (UFS) na década de 1960, escritora membra da Academia Sergipana de Letras (ASL). (SANTOS, 2016; MARTIRES, 2020).

Debret e a renovação artística brasileira (e)	Maria Thetis Nunes ⁵⁹	Professora do Departamento de História	Ano I, nº 2, 1975
Domingo da Paixão (e)	Pe. Luciano Duarte ⁶⁰	Professor do Departamento de História. Fundador do Ginásio de Aplicação da FCFS	Ano I, nº 2, 1975
O direito natural existe (e)	Luiz Bispo ⁶¹	Professor do Departamento de Direito. Reitor no período de 1972 a 1976.	Ano I, nº 2, 1975

Fonte: Jornal *Genesis*, 1975. Acervo do Cemdap.

Uma rápida apreciação de algumas destas publicações revela determinadas contribuições. O poema “Processo” é de autoria do professor José Araújo Filho, uma poesia curta de cinco versos, no qual o eu lírico sugere que entre o encontro e a descoberta ocorre a danação da aprendizagem; em seu ensaio, Luiz Bispo, reitor da UFS, defende a existência do direito a partir da ideia do direito natural; Lígia Pina, professora de história do Colégio de Aplicação, por exemplo, desenvolve o texto sobre o romantismo, ocupando quase uma lauda, um estudo com fins didáticos, estudo histórico e literário. Explica a abrangência do termo, pois é “[...] o movimento que acontece nas letras, na filosofia, nas artes [...]” (GENESIS, ano I, nº 2, 1975). No texto, a origem do movimento está relacionada à Revolução Francesa e ao Período Napoleônico, ao desenvolvimento comercial burguês e à industrialização. E acrescenta: “No Brasil, o Movimento Romântico vai coincidir com a emancipação política, podendo ser denominada de cultura da Independência, como o quer Otto Maria Carpeaux [...]”. (GENESIS, ano I, nº 2, 1975).

Em outros jornais, como o jornal *Genesis* do ano I, nº 3, de 1977, o gênero entrevista é a temática mais desenvolvida e nela ganha vulto escritores sergipanos. O gênero quebra-cabeça surge acompanhado de charadas, a coluna “Cantinho do mestre” exibe um ensaio da Professora Maria Thetis Nunes, cujo título é “Da serra de Itabaiana ao Himalaia”, também há um texto do professor do Colégio de Aplicação, Manoel Messias Vasconcelos, um dos integrantes do Conselho Fiscal do jornal. O texto, chamado de “Clamor da multidão”, traz como temática a relação aluno e família, que segundo se coloca, afeta a escola. E há tantas outras matérias em que a literatura ainda se afirma como dado de relevo.

⁵⁹ Historiadora, professora do Departamento de História da UFS. (OLIVEIRA, 2015).

⁶⁰ Dom Luciano José Cabral Duarte (1925-2018) foi diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, fundador do Ginásio de Aplicação, hoje, Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, e um dos fundadores desta Universidade.

⁶¹ Professor do Departamento de Direito da UFS, aposentado em 1991. Segundo reitor da Universidade Federal de Sergipe (1972 a 1976). Formado pela Faculdade de Direito de Sergipe. (SOUZA, 2014).

Neste número jornalístico, foram entrevistados os poetas Amaral Cavalcante e Santo Souza, poetas sergipanos; o escritor sergipano José Augusto Garcez⁶², prefaciador da obra *A lagoa do fauno*, livro de poesia da professora Conceição Ouro; a professora Lígia Pina e a professora Lindalva Cardoso Dantas; as alunas do Colégio de Aplicação, Maria Mônica e Anete Hermínia, jovens poetisas.

Uma entrevista, no jornal *Genesis* ano IV, s/n, de 1978, de Aída Campos e Lea Machado de Almeida, destaca a professora Rosa Faria, pintora sergipana, que tem um museu particular sobre a História de Sergipe. De acordo com a reportagem, sem data de sua realização, desenvolvida em duas laudas, Rosa Faria é uma senhora muito simpática, que defende a evidência da História de Sergipe, contribuindo por meio de sua obra, toda produzida em louça. Alguns trechos da entrevista aqui são demonstrados:

REPÓRTER –R

PROFESSORA ROSA FARIA – R. F.

R: Como a senhora despertou para as artes plásticas?

R. F.: O nosso despertar pelas artes é desde a nossa vida de infância: eu tinha necessidade de ensinar para meus estudos e como sempre tive queda pelas artes ensinei no Colégio de Capela artes, recebendo daí a minha mensalidade e pagando os meus estudos.

R: Segue alguma escola?

R. F.: A minha escola são as minhas mensagens, muito do meu “eu”, com convicção e despertando para as artes e criando as minhas concepções. [...]

R: Qual a característica de sua pintura?

R. F.: A minha pintura varia porque eu procuro sempre descobrir novas técnicas no setor do trabalho a óleo, da cerâmica, da vitrificação de barro, da decoração da louça, no vitrô então eu estou sempre fazendo testes, para descobrir novas técnicas, novos trabalhos.

R: Por que motivo a senhora utiliza a História de Sergipe como fundamento de sua pintura?

R. F.: Eu utilizo a História de Sergipe como fundamento da minha pintura, porque na minha vida de professora eu me sentia bastante acanhada quando me faziam perguntas alusivas à nossa história e eu não sabia, queria muito e durante o Curso Normal e não consegui conhecer a minha História porque parecia que a nossa história na vida de Sergipe sempre foi impossível [...].

(GENESIS, 1978, n.p.).

⁶² José Augusto Garcez (1938-1972) nasceu em São Cristóvão. De acordo com Souza e Brito (2020), José Augusto Garcez, arqueólogo, escritor, poeta, colecionador, intelectual, era um estudioso da cultura sergipana, um preservador de materialidades que falariam à nossa gente. Garcez criou o Museu Sergipano de Arte e Tradição, em 1946, nele preservando sua coleção particular e objetivava salvaguardar materiais que acentuassem questões culturais, políticas ou históricas da região. Já em 1948, além da Biblioteca Popular Tobias Barreto, criou também um instituto de pesquisa chamado Serviço de Pesquisa e Documentação Científica. Em 1953, concretizou e difundiu o Movimento Cultural de Sergipe, que tinha por finalidade divulgar escritores sergipanos, editando obras de intelectuais de nossa gente, entre eles, poetas e romancistas. Ele era também reconhecido como “mecenas das letras” em Sergipe. Para mais dados sobre Garcez, consultar Santos (2018).

Outras colunas e matérias iam surgindo no jornal, tópicos tais quais “Genesis no exterior” e uma coluna social, por exemplo. Uma ideia de como se comportava a coluna “Genesis no exterior” pode ser exemplificada com base na disposição de um número do jornal de 1976 ou ainda outro de 1979. Essa coluna possuía como finalidade retratar acontecimentos ou fatos de outros países, quer tivessem relação ou não com o Brasil. Por exemplo, quando destacava a França procurava fixar-se na vida e ideias de Jean Paul Sartre, ou se voltada a Nova Iorque, comentava resultado de palestra de Edilberto Coutinho ao proferir conferência sobre Rondon e a política indigenista brasileira (GENESIS, ano 2, nº 4, 1976). Ou ainda, quando destacava a matéria “A economia americana”, falando em investimentos estadunidenses em modelos elétricos do futuro, voltados ao mercado de automóveis (GENESIS, ano V, 1979). Nesta mesma edição do jornal, destaca-se a seguinte nota em matéria não assinada, podendo ser atribuída aos alunos, inclusive do 1.º grau (ensino fundamental):

GENESIS NA AMIZADE

“Foram eleitos os melhores colegas de classe do 1º grau:

5ª série Masculino:

Augusto

Feminino:

Acília

6ª série Masculino:

Luiz Garcia

Feminino:

Isabel

7ª série Masculino:

Heraldo

Feminino:

Soraya

8ª série Masculino:

Aristarco e Gilvan

(Genesis, 1979, n.p.)

Feminino:

Conceição e Martha Augusta”

Uma das tônicas do jornal *Genesis* permanece em foco, os dados que estabelecem relação com o mundo literário resistem, como se pode citar em noticiários da coluna Genesis no Brasil (GENESIS, ano 3, nº1, 1977). O espaço desta coluna, em quase duas laudas, foi ocupado com notícias nacionais, com apenas informes literários como, por exemplo: “Estão para sair na França e na Argentina, traduções do romance ‘A muralha’, de Dinah Silveira de Queiroz” ou “O romance ‘A PEDRA DO REINO’ de Ariano Suassuna está sendo traduzido para o alemão por iniciativa da editora Ernst Klett de Stuttgart, com publicação ainda este ano”. E mais, outra notícia do campo literário enfoca a renovação da presidência de Austregésilo de Athayde pela 18ª vez na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Já no Quadro 14, enfocando um dos números dos jornais de 1978, a variedade de gêneros literários pode indicar experimentações textuais diversas, com o estilo literário calcado no enriquecimento de formas. Este é um dos números marcantes quanto a esta tendência. Neste quadro fica em evidência a produção textual de Aída Campos, aluna do CODAP, a popularidade da poesia como modalidade de prática dos alunos. Não foram incluídas produções de professores, neste quadro, embora elas estejam presentes em todos os jornais observados. Note-se a variação de gêneros textuais, que é uma das características das produções desse momento.

Quadro 14 – Relação de títulos de poesias e de textos de diversos gêneros de alunas do Colégio de Aplicação no jornal *Genesis* de 1978

Gênero textual	Autor(a)	Ano do jornal <i>Genesis</i>
Silêncio (poesia)	Aída Campos	Ano IV, s/n,1978
Uma recuperação (ensaio)	Naná Garcez	Ano IV, s/n,1978
Surge uma luz (poesia)	Tereza Cristina	Ano IV, s/n,1978
Atenção: beco sem saída (dissertação)	Tereza Cristina	Ano IV, s/n,1978
Razão de um ser (poesia)	Aída Campos	Ano IV, s/n,1978
Fragmento (poesia)	Cristina Lima	Ano IV, s/n,1978
Força (poesia)	Cristina Lima	Ano IV, s/n, 1978
Ele (conto)	Maria Mônica	Ano IV, s/n, 1978
Pensando em Aída (prosa poética)	Augusta Leite	Ano IV, s/n, 1978
Escuridão (poesia)	Aída Campos e Lea Maciel	Ano IV, s/n, 1978
Outras razões (crônica)	Aída Campos	Ano IV, s/n, 1978
Matamorforte (poesia)	Maria Mônica	Ano IV, s/n, 1978
Abortos (poesia)	Maria Mônica	Ano IV, s/n, 1978
Reportagem (reportagem – entrevista)	Aída Campos	Ano IV, s/n, 1978

Fonte: Jornal *Genesis*, 1981. Acervo do Cemdap.

Deste quadro, serão retomadas, portanto, algumas produções nele mencionadas, dando-se destaque a Aída Campos, já que ela produziu um volume maior de composições. Na poesia, cujo título é “Silêncio”, de Aída, o eu lírico lamenta o silêncio imposto pela ausência da pessoa amada, pois a solidão provoca “Um escuro onde já foi claridade”, e agora resta “uma vida em SILÊNCIO...” (GENESIS, ano IV, s/n, 1978). Em “Uma recuperação”, um texto de dissertação escolar⁶³, redação de Naná Garcez, procura-se levar o leitor à reflexão a partir de uma problemática, com tom filosófico. É um texto criado para provocar o leitor à reflexão, pois “As pessoas podem dialogar, entender, mas esquecem-se disso, estranhando às vezes, [...]” (GENESIS, ano IV, s/n, 1978). Já em “Outras razões”, texto narrativo-reflexivo, que alcança

⁶³ Este é um texto típico daqueles que se pede em vestibulares privilegiando-se a modalidade tipológica da dissertação e ao qual chamaremos de dissertação escolar, texto tradicionalmente mais frequente no ensino médio, anteriormente 2.º grau, muito mais do que no ensino fundamental. É um texto que requer o modelo ou estrutura disposto em determinada sequência: introdução, desenvolvimento e conclusão.

quase meia lauda, o narrador busca sondar percepções em torno de si mesmo. É um texto também de Aída Campos, em que um narrador emite impressões, forma um monólogo, refletindo sobre si mesmo, em busca de razões. Refere-se a diversos sentimentos e sensações, tais quais o amor, a felicidade e a ilusão. O narrador parte em sua busca, procurando algo que lhe falta: “Coisas que são realmente importantes que passam por todas as etapas da nossa vida, e eu estou nisso tudo, procurando mais que tudo uma verdadeira razão dentro de muitas outras razões” (GENESIS, ano IV, s/n, 1978). É um texto curto, aqui descrito na íntegra:

Outras razões

Sentimento, coisa de dentro, bem do fundo, do fundo do ‘eu’, e onde estou eu?
 Amor, dentro de mim, rodando, procurando a verdadeira realidade do meu ser.
 Felicidade além de tudo, procurando de um nada a razão do pouco de tudo.
 Ilusão, coisa passageira, marcas ficam, são apagadas como?
 Eu seguindo o meu caminho, cativando “sóis e mares”, procurando o meu verdadeiro ser, sem ser.
 Coisas que são realmente importantes que passa por todas as etapas da nossa vida, e eu estou nisso tudo, procurando mais que tudo uma verdadeira razão dentro de muitas outras razões. (GENESIS, 1978, n.p.).

Há um “núcleo comum” aos jornais, isso inclui temáticas, matérias publicadas, colunas já tradicionalmente recorrentes entre eles, todavia, ocorre vez ou outra um detalhe mais acentuado em um jornal do que em outro. No jornal do ano V de 1979, uma especialidade que o desiguala dos outros está centrada em dois aspectos: o emprego do humor e a participação majoritária de alunos do 1.º grau (ensino fundamental). A seção “Fofokadas” e a seção “Horóscopo” reforçam a primeira premissa e a quantidade de alunos do primeiro grau que chegou a publicar textos reforça a segunda.

Esta coluna, “Fofokadas”, ocupa três laudas inteiras, mas também inclui uma ilustração de Ceíça (aluna identificada apenas por esta designação), um desenho abstrato, e um título que encabeça tal seção, ou seja, uma imagem produzida à mão para criar efeitos sobre o nome da coluna. Entre as fofocas podem se notar estas duas declarações jocosas: “Os professores quebram o birô e depois dizem que os alunos acabam com tudo. Vê se pode? Os alunos sempre pagam o pato” e “Um grande cara-de-pau não se manca com os fora dados por uma garota do 1º ano. Qual é heim, seu MOCÓ” (GENESIS, ano V, s/n, 1979). Já na seção Horóscopo, em tom de gozação, dá-se veiculação a coisas do tipo: “TOURO – Estude menos, descanse mais; paquere com as fofuras do CA. Faça seus planos incluindo uma Recuperação” (GENESIS, ano V, s/n, 1979).

Dois textos de caráter informativo, com função didática, foram escritos pelo aluno da 6.^a série Marcos Henrique. O primeiro, intitulado O MUNICÍPIO SERGIPANO, descreve São Cristóvão, comenta sobre suas igrejas e o Festival de Artes de São Cristóvão (Fasc). O segundo, OS VULTOS SERGIPANOS, retrata personalidades de Sergipe como Tobias Barreto e faz menção a Francisco Camerino, Fausto Cardoso, Jackson de Figueiredo, João Ribeiro, Sílvio Romero, Pedro Calazans, Hermes Fontes, Garcia Rosa e Horácio Hora. Os textos são seguidos de uma ilustração em que se destacam uma igreja e a figura de uma pessoa, provavelmente uma mulher, que de frente para o edifício religioso o contempla. Talvez o desenhista, anônimo, quisesse retratar o ambiente religioso da Cidade de São Cristóvão. Eis o texto do aluno que retrata a cidade sergipana São Cristóvão:

O MUNICÍPIO SERGIPANO

São Cristóvão, a cidade relíquia histórica brasileira, tão simples, tão acolhedora, é a 4.^a. cidade mais velha do Brasil e foi a primeira capital de Sergipe até 16 de março de 1855.

Fundada por Cristóvão de Barros durante a guerra dos holandeses em Sergipe. São Cristóvão foi outrora uma das mais ricas cidades abundantes em cana-de-açúcar, que atraiu os holandeses ao nosso estado. É sobretudo histórica, e um pouco desvalorizada no seu desenvolvimento.

É porém, uma cidade turística: O Festival de Arte de São Cristóvão atrai turistas de todo o Brasil.

Um dos pontos atrativos dos turistas são os Museus Históricos, a praça da Matriz e as bonitas igrejas (Genesis, 1979, n.p.).

Por último, e de forma sintética, acrescente-se que no jornal de maio de 1981, ocorre, como fato característico, uma maior quantidade de publicação dos alunos em relação aos exemplares anteriores. Estudantes da 8.^a série do primeiro grau (ensino fundamental) e da 2.^a série do segundo grau (ensino médio) nesta ação foram identificados como autores de publicação. Das produções estudantis deste número jornalístico se pode quantificar em torno destas composições: uma história em quadrinhos, uma peça teatral, cinco crônicas e 13 poesias. Com movimentos assim, o jornal estava no centro da produção do aluno e a escrita era uma finalidade em desenvolvimento. Outro exemplo de produções de textos de alunos do 1.^o grau (ensino fundamental) nota-se na escrita de Wilma Mota Quintela, aluna da 8.^a série do ano de 1981. Em “Momentos”, por exemplo, há um misto de poesia e crônica em que na composição a redatora lamenta a perda da inspiração para construir poesia:

MOMENTOS

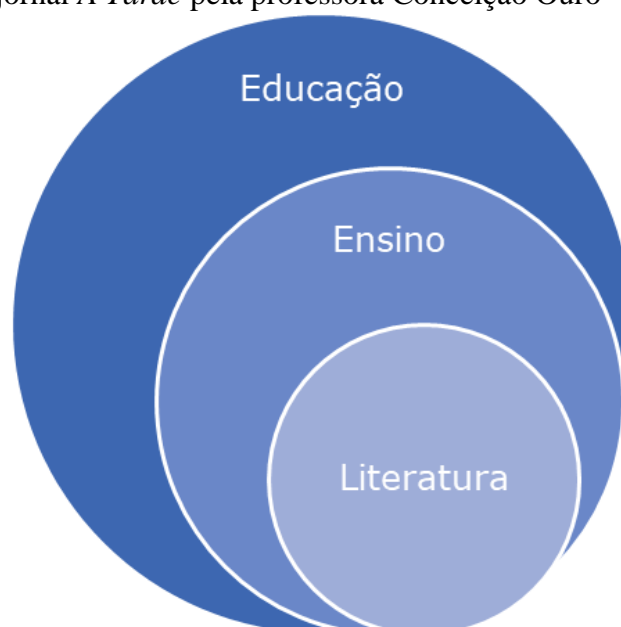
Estou aqui neste quarto isolado
 Inerte, incapaz até mesmo de fazer uma poesia que na verdade
 foi para isso que
 Eu me isolei.
 Perdi a inspiração para poesia.
 Pra que? Eu iria começar a escrever besteiras, iria falar de
 ilusão, de amor coisa
 Que eu não consigo sentir agora.
 Neste momento estou triste e carente.
 Gosto da natureza, mas não sei o que falar sobre ela.
 Gosto das crianças, mas me revolto ao pensar que os adultos
 vivem num mundo imundo de mentiras e falsidade.
 Estou triste e eu por ser falsa como eles não deixo que esta
 transpareça rindo-me para todo mundo ou então
 descarrego a minha raiva sobre as pessoas.
 Neste momento entra uma criança no quarto atrapalhando, perturbando e
 embaralhando meus pensamentos.
 Ela ri, brinca e eu começo a brincar com ela.
 Fico feliz esquecendo-me do mundo imundo.
 A criança me dá esperança,
 Pois sei que seu sorriso ou choro é aberto, sincero e “inocente”.
 (GENESIS, 1981, n.p.).

Observado o jornal *Genesis*, acata-se que ele foi um dos instrumentos do projeto de ensino da professora Conceição Ouro, uma demonstração, por certo, de modos de condução do ensino. Percebe-se que, com o trabalho jornalístico, a professora dá significativas contribuições, tipificando modos de operação no ensino, com práticas escolares cuja centro é a sala de aula, procurando promover ação didática, integração de literatura e de escrita, desta feita por meio das diretrizes realizadas no fascículo estudantil. Assim, a prática da escrita ia somando no jornal *Genesis* resultados a favor do conhecimento em torno de saberes construídos e partilhados via instituição escolar, com a diretriz impulsionada por gestos de ensino, especialmente promovidos pela iniciativa da professora Conceição Ouro. O jornal *Genesis* foi um instrumento da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esquema abaixo, figura 26, reproduz dizeres do título desta dissertação, e tais palavras foram escolhidas pela professora Conceição Ouro para indicar a natureza de seus propósitos com a coluna do jornal *A Tarde*, em que expusera princípios relacionados à educação. Bem que tais palavras traduzem uma sequência de ideias e posições de termos que representariam, grosso modo, certas possibilidades que envolvem a questão escolar. A educação pode representar um princípio dominante no qual diversos fatores se agrupam. Entre estes fatores se encontram o ensino e nele um lugar para a literatura. Inserido nesta realidade estaria o trabalho da professora, a participação do aluno, a construção de escrita e sentidos. De certo modo, isso sintetiza passos na educação um dia esboçados em título de coluna de jornal e na trajetória da professora.

Figura 26 – Imagem diagramática para representar os termos “Educação – Ensino – Literatura”, ideais propagados no jornal *A Tarde* pela professora Conceição Ouro



Fonte: Elaborado pelo autor.

O estudo sobre a professora insere-se no conjunto da história de trajetória de professores que retrata legados, sobretudo no mundo da educação. A professora Maria da Conceição Ouro Reis (1929-2021), com maior presença de atuação no século passado, viveu por quase um século. Ela possui uma trajetória caracterizada pelo ensino e estabeleceu conversações por meio da literatura. Envolveu a produção de livros, realizou experiências de escrita, que incluem a sala de aula. É uma das professoras que formou quadros na educação sergipana, algumas de suas alunas tornaram-se suas colegas no exercício do magistério, e, ela, Conceição, contribuiu

de forma singular com o ensino de Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação da UFS, entre os anos de 1973 e 1991.

Nesta pesquisa, os relatos orais captados por meio de entrevistas, os documentos do acervo do Cemdap e da ALV significaram bastante, pois dados da professora Conceição Ouro foram retomados, rotas de estudo foram estabelecidas, tomando essa documentação como fonte. Daí a importância da preservação dessa documentação, sobretudo o seu valor para a compreensão de agentes da ação educativa que estiveram ou estão enfocados nesses espaços, além de outros estudos que possam ser propostos.

A professora Conceição Ouro, exercendo atividades em um colégio de aplicação, colocou em prática uma das funções desse tipo de escola, ao inserir no ambiente escolar experiências práticas, sem abrir mão da escrita, primeiro contando com sua própria produção, depois orientando o alunado a realizar tarefas de escrita, levando-os a gestos autorais. Nestas conclusões, primeiro se destacarão elementos de âmbito geral, relacionados à trajetória de vida da professora Conceição Ouro, depois serão apontados fatos relativos ao seu ensino, no âmbito do Colégio de Aplicação. A princípio, algumas colocações podem ser notadas a partir do relato desta pesquisa.

i) A professora Conceição Ouro identificou-se com as letras ainda cedo e providenciou ações que colocaram sua relação com a língua em evidência. Ainda aluna, no colégio Atheneu Sergipense, apresentou sua primeira obra, o romance *Evelina*, concluído em 1947.

ii) Seu magistério se estendeu por uma considerável escala temporal, durando 38 anos em escolas regulares, priorizando a língua portuguesa. Perdurou das suas primeiras aulas em 1953, na turma em que se formara, até 1991, no Colégio de Aplicação, contudo ela fora professora de diversos estabelecimentos, incluindo escolas públicas e privadas. Fora professora poliglota, ensinando vários idiomas românicos, mas deu preferência ao trabalho com a língua portuguesa em sua atitude ante o ensino.

iii) Para o ensino, planejou e executou projetos, ou empreendimentos – como o jornal *Genesis* – que interferiram no andamento de sala de aula, auxiliando o aluno à publicação de textos. Seus projetos incentivaram a leitura, a formação da cultura, especialmente literária, prepararam e promoveram a escrita, e entre eles se destacam os seguintes títulos: *Redigir bem ou a arte de comunicar-se*; *Projeto laboratório de criação literária*; *Laboratório de criação literária – poesia*; e *Monas – raízes profundas da criatividade*.

iv) A sua literatura, extensa, ainda a ser esmiuçada pela crítica, manteve diálogo e ainda conversa com diferentes instâncias: a sala de aula, a imprensa, por meio dos jornais *Letras Sergipanas* e *A Tarde*, da revista *Unica*, entre outros, que nesta pesquisa foram mencionados.

v) A criação da Academia Literária de Vida, ao lado da professora Lígia Pina, e de outras professoras/escritoras, altera o quadro cultural sergipano, e a professora Conceição Ouro faz parte da ordem da mudança cultural, no âmbito literário. E, neste sentido, ela é, também, uma das organizadoras da cultura na sociedade sergipana.

Com a chegada da professora Conceição Ouro ao Colégio de Aplicação da UFS, em 1973, uma das primeiras providências fora a implantação da disciplina Literatura, como um ramo específico de estudos em Língua Portuguesa. Esta ação estaria também concorrendo para o apoio de outros fatos: ela era uma professora/escritora, entendia do ofício de ensinar línguas, produzir textos, e reconhecia a literatura como um dos meios de incentivo à escrita. Desenvolvia planos para o ensino de língua portuguesa com provimentos literários.

No jornal *A Tarde*, entre 1981 e 1990, divulgou seus trabalhos literários, discutiu literatura e filosofia, propagou o nome do Colégio de Aplicação, orientou alunos e leitores, a exemplo do que ocorreu com a matéria “Definição do problema”, na qual a professora apresentou sugestões para a produção da escrita.

Como intelectual criadora, a professora expressiu um saber, ancorado em estudos clássicos e linguísticos, e criou sua própria ficção, procurou traduzir ideais a partir de seu tempo colocando sua literatura como suporte para diálogos com a sociedade, marcando uma relação de intimidade ao direcionar aos leitores a sua mensagem. O valor da obra literária da professora Conceição Ouro ainda está a ser apreciado pela crítica. Uma obra literária não assegura sua qualidade apenas pela circulação e vendagem de seus volumes, pelo contrário, este valor fica atrelado ao crivo de integrantes do campo literário (BOURDIEU, 2014) que o constitui. Assim bem pode, a obra da professora, independentemente de interesses de mercado, em um futuro próximo, ocupar um valor expressivo nos setores de estudo da literatura brasileira.

De seu trabalho no Colégio de Aplicação da UFS surgiram o jornal *Genesis* e diversos projetos. No jornal *Genesis* os alunos assumiram o controle, desde a composição de papéis que ocupavam, como cargos em diretoria, diagramação, datilografia, distribuição, entre outros, até a confecção de diversas amostragens, incluindo a arte gráfica do desenho e ilustração, mas principalmente da composição escrita e de cunho literário, mas não só isso, o *Genesis* revelou a escrita a partir da produção de diferentes gêneros, pronunciados pelos estudantes: notícias, caça-palavra, anedotas, pensamentos, histórias em quadrinhos, contos, poesias, crônicas e textos reflexivos, por exemplo. O jornal demonstrara ser um lugar de libertação para o exercício da palavra, e uma forma direta de incentivar a permanência de um sentimento, originado pelo cultivo de práticas autorais, sendo ao mesmo tempo um gesto de escrita e uma realização de

exercício de aprendizagem, com função pessoal, coletiva e social. O jornal *Genesis* foi um instrumento da educação.

Outra forma de se perceber a contribuição da professora por meio de processos de escrita na prática dos alunos está na sua atividade motivada por projetos. Eles são momentos de formação de sentido na educação, instalados na escola. São experiências em língua portuguesa, experimentos de produção de texto, eles são uma medida, em sala de aula, que vai incentivar o exercício da palavra e romper silêncios, levando o aluno a gestos autorais. Não somente o jornal *Genesis*, mas também os projetos utilizados pela professora favorecem a afirmação de que as atividades didáticas da professora Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação foram marcadas pelo uso da literatura como recurso para incentivar a criação e práticas de escrita dos estudantes. Esta é uma hipótese que sob a ótica deste trabalho recebe confirmação.

Os seus projetos são casos particulares de suas propostas de ensino, que enfocam a língua portuguesa, são instâncias de práticas linguísticas, momento em que o aluno a partir de si e em contato com as prescrições escolares intenta uma conversa com a sociedade, com o mundo, de modo geral. No caso específico, isso se deu com o trabalho da professora Conceição Ouro no Colégio de Aplicação por meio de diversos projetos. Em *Redigir bem ou arte de comunicar-se*, refletir sobre a língua e o uso de determinadas convenções estão em voga, assim como ortografia, concordância, recursos de estilo. A professora assume que a boa linguagem nasce do uso social e não de um aparato de regras, embora não descarte sua necessidade. Com este trabalho, o aluno recebeu lições para comunicar melhor o seu texto, segundo apontamentos vigentes para o ensino do português. Este projeto partilha recursos de preparação e aperfeiçoamento a textos, oferecendo subsídios para o aluno que também comporá textos em diferentes modalidades e também literários.

Com o *Projeto laboratório de criação literária*, a professora além de propor um trabalho teórico, também elaborou atividades práticas para os alunos do Colégio de Aplicação. Pelo lado teórico, o aluno foi incentivado à leitura de autores orientais, franceses, ingleses e sul-americanos e, pelo prático, ele desenvolveu atividades como, por exemplo, analisar contos de Hermann Hesse ou escolher autores para tratar da relação entre o fantástico e o real. Estas atitudes do ensino no seu projeto visavam, primeiro, à solidez da formação literária e, depois, ao emprego de textos literários para a intermediação de construções decorrentes da escrita. Já o projeto *Monas – raízes profundas da criatividade*, visto por meio de esboço, propõe a criação do texto como um ato de libertação. Portanto, ambos os projetos seriam práticas de educação na escola que fortaleceriam ações de escrita.

Entretanto, é mediante o projeto *Laboratório de criação literária – poesia* que ficam evidentes dois fatos, considerando trabalhos da professora Conceição Ouro: havia projeto de preparação para a escrita, como esses anteriormente citados, e projetos que tinham por finalidade exclusivamente a escrita, o caso deste último. Neste projeto, a voz do estudante impera, as composições estudantis do aluno do Colégio de Aplicação entram em cena, suas razões são ouvidas, e pela construção de uma das teias literárias, a da poesia. A partir dos projetos e do jornal *Genesis* afirma-se que o aluno fora convidado e inserido no seio da literatura, e instigado à intimidade da escrita.

Assim, tanto os projetos conduzidos pela professora Conceição Ouro quanto o jornal *Genesis* foram instâncias de práticas linguísticas e para o aluno representaram experiências com a linguagem, foram provisões linguísticas em língua portuguesa. Os processos de redigir na prática de ensino da professora Conceição Ouro levaram os alunos do Colégio de Aplicação a formar uma autonomia pela escrita, construída por seus gestos autorais. Partindo de iniciativas como a da professora Conceição Ouro, o educando produziu e viu publicada a sua composição, assumindo função de poeta e, com o jornal *Genesis*, ele foi redator, diagramador, repórter, cronista, contista, e também poeta.

As suas obras *A lagoa do fauno*, *Evelina* e *À sombra das acácias* mantiveram relação com o ensino, havendo uma ponte entre o didático e a ficção em algum momento: textos foram utilizados para estudos escolares como *Evelina*, por exemplo; houve pré-lançamento do livro *A lagoa do fauno*, no Colégio de Aplicação. O que não se pode esquecer é que o trabalho de literatura da professora Conceição Ouro influenciou decisões escolares e o rumo da educação que ela comunicou à sala de aula: a criação de projetos de literatura aplicados à escola interferiu na sala de aula, estando a literatura como fio condutor de ações, por leitura, debates de obras e autores, produção de texto em determinados gêneros literários como poesias, contos e crônicas e construções de escrita, dos alunos no jornal *Genesis*, que supera o âmbito literário, mas dele não se desfaz, e do livro poético dos estudantes no *Projeto de criação literária – poesia*.

Assim, Conceição Ouro, literatura, alunos do Colégio de Aplicação, empreendimentos de realização literária, sala de aula e publicação estudantil estiveram ligados ao mesmo ponto: produzir ensino ou aprendizagem de língua foi também produzir a escrita de jornal ou de livro poético, pelo alunado. Portanto, tudo leva a concluir que as atividades didáticas da professora Conceição Ouro Reis no Colégio de Aplicação foram marcadas pelo uso da literatura como recurso para incentivar a criação e práticas de escrita dos estudantes, confirmando-se a hipótese de pesquisa de que o trabalho da professora influenciou a prática da escrita dos alunos, levando-os à produção de textos, como atestam os registros das produções dos alunos por meio de

projetos como o *Laboratório de criação literária – poesia*, em que em seus gestos autorais podem ser observados a partir de publicações de 19 autores/estudantes, com suas composições poéticas lá registradas ou nos fascículos do jornal *Genesis*, com composições diversas, de diversos gêneros, incluindo artes gráficas, ficha técnica, editoriais, poesias, contos, entrevistas, quebra-cabeças, testes de conhecimento, “os pensamentos”, as histórias em quadrinhos, as fofocas, entre outros.

Assim, Maria da Conceição Ouro Reis é um dos nomes que figuram na história docente do Colégio de Aplicação, na área de língua portuguesa, área na qual ela despertou paixão e fez escolhas entre opções culturais e intelectuais, e com sua iniciativa fortaleceu os espaços da memória pedagógica do Codap/UFS, visto que nele fixou rumos, assumiu sua voz, estabelecendo práticas, desenvolvendo atividades no espaço codapiano, que integraram ensino, literatura e educação.

Conceição Ouro, mulher da educação pela educação, se na docência o objetivo era o trabalho para a língua, na literatura encontrara a forma preferida para falar à sociedade e da sociedade, pela palavra compreendia que outros poderiam juntar-se aos seus experimentos, contando com o seu alunado, formando a educação.

FONTES**1 – DOCUMENTOS DO ACERVO DO CENTRO DE PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO – CEMDAP**

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju-SE, segunda-feira, 1 de junho de 1981.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 11 de maio de 1981.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 22 de junho de 1981.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 29 de junho de 1981, ed. nº 42.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 07 de setembro de 1981, ed. nº 52.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, A tarde, Aracaju, segunda-feira, 07 de setembro de 1981, edição nº 52.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 27 de março de 1989, ed. 414.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 03 de abril, de 1989.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 10 de abril de 1989.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, segunda-feira, 24 de abril de 1989. Cemdap.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 23 de outubro de 1989, edição 445. Cemdap.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 13 de novembro de 1989, p. 3. Cemdap.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 21 de agosto de 1989. Cemdap.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 21 de agosto de 1989. Cemdap.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **A Tarde**, Aracaju, segunda-feira, 23 de outubro de 1990. Cemdap.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Boletim de notícias**, Assessoria de Relações públicas da UFS: “Ano VI - Nº 72/76 – Aracaju, 02 de junho de 1976. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Caderno de Memórias** 25 anos. Jubileu de prata da Universidade Federal de Sergipe (1967-1992). Colégio de Aplicação da UFS, sem data.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano I, nº 1, 1975 (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano I, nº 2, 1975. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano I, nº 3, 1975. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano II, nº 4, 1975. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano V, 1979, s/ número, s/ mês). (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano III, nº 1, 1977. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano II, nº 4, 1977. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano IV, nº 4, 1978. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano IV, s/n, junho, 1978. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano V, s/n, maio, 1979. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano VII, s/n, 1981. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Genesis**, ano V, s/n, maio, 1981, ed. especial. (Pacotilha 125).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Livro de Atas de Reuniões** de professores, 1992. (Pacotilha 11).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Livro de Atas de Reuniões**, 1989. (Pacotilha 11).

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 25 de fevereiro de 1996.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. **Jornal Letras Sergipanas**, ano VI, fevereiro de 1990, n°. 33.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. REIS, Maria da Conceição Ouro. **Laboratório de criação literária – poesia**, 1980.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. REIS, Maria da Conceição Ouro. **Projeto laboratório de criação literária**. Aracaju: Segrase, 1980.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. REIS, Maria da Conceição Ouro. **Projeto Monas – Raízes profundas da criatividade**, 1990.

CEMDAP. Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação. REIS, Maria da Conceição Ouro. **Redigir bem ou arte de comunicar-se**, 1988.

2 – ENTREVISTAS DO “BANCO DE HISTÓRIAS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFS

FREITAS, Rozenilza Melo. 2018. **Banco de histórias do Colégio de Aplicação da UFS: Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes e professores**. Entrevistadores: Rísia Rodrigues e Rafaela Cravo. 27.09.2018. São Cristóvão/SE.

BRANDÃO, Paulo Roberto Dantas. 2018. **Banco de histórias do Colégio de Aplicação da UFS: Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes e professores**. Entrevistadores: Laísa Dias e Genivaldo Martires. 10.07.2018. São Cristóvão/SE.

NUNES, Martha Suzana Cabral. 2018. **Banco de histórias do Colégio de Aplicação da UFS: Identidade e pertencimento nas memórias de estudantes e professores**. Entrevistadores: Rísia Rodrigues e Rafaela Cravo. 15.08.2018. São Cristóvão/SE.

3 – LIVROS DE AUTORIA DA PROFESSORA CONCEIÇÃO OURO REIS

REIS, Maria da Conceição Ouro. **A lagoa do fauno: poemas**. Salvador, BA: Beneditina, 1975.

REIS, Maria da Conceição Ouro. **À sombra das acácias**. Salvador: EGBA, 2016.

REIS, Maria da Conceição Ouro. **Evelina**. Salvador: EGBA, 2014a.

REIS, Maria da Conceição Ouro. **Os executores**. Salvador: EGBA, 2014b.

4 – ENTREVISTAS REALIZADAS

LAPORTE, Gustavo. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 22/05/2022a.

LAPORTE, Sílvia. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 22/05/2022b.

NATIVIDADE, Sandra Maria. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 31/03/2022b.

OLIVEIRA, Luzia Cristina Barreto. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 23/10/1952.

PETTA, Ana Beatriz Cardoso Braz. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 25/05/2022.

ROCHA, Shirley Maria Santana. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 05/04/2022.

SANTANA, Cléa Maria Brandão de. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 13/04/2022.

VASCONCELOS, Manoel Messias de. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 29/03/2022.

VERAS, Maria Mônica Ouro Reis. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 08/04/2022.

TELES, Therezinha Belém Carvalho. Entrevistador: Alfredo Bezerra dos Santos. Aracaju/SE, 25/03/2022.

5 – OUTROS DOCUMENTOS

Academia Literária de Vida. Currículo de Maria da Conceição Ouro Reis, ALV. Aracaju: 2000.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 19 de ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico 95: Infecção humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCov). Brasília, DF: Ministério da Saúde – Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública (COE-nCoV), 2020.

CALDAS, Maria Hermínia. **Vultos da História da Educação em Sergipe**. Aracaju: Infographics, 2015.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da: [Entrevista concedida a Isabela Cristina Salgado] **Arquivoz**. 2021. Disponível em: www.archivozmagazine.org/pt/entrevistacom-joaquim-tavares-da-conceicao/. Acesso em: 14 jul. 2022.

Jornal da Academia Literária de Vida, ano 1, n. 0, set., 1997.

Jornal da Academia Literária de Vida, ano 1, n. 0, set., 1999.

Letras Sergipanas, n. 16, nov/dez de 1986.

Letras Sergipanas, n. 30, mar/abr de 1989.

Letras Sergipanas, n. 31, mai/jun de 1989.

ROCHA, Shirley. Revista da **Academia Literária de Vida**. Aracaju: 2020.

ROCHA, Shirley. Revista da **Academia Literária de Vida**. Aracaju: 2015.

ROCHA, Shirley. Revista da **Academia Literária de Vida**. Aracaju: 2012.

ROCHA, Shirley. Revista da **Academia Literária de Vida**. Aracaju: 2002.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sayonara do Espírito Santo. **Cartografia estudantil no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe** (1969-1981). 2021. 202 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.
- AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis *Ecoss gonzagueanos e Estudante*: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). **Revista História da Educação** Porto Alegre, v. 17, n. 40, maio/ago. 2013, p. 121-142.
- AMORIM, Simone Silveira. **Configuração do Trabalho Docente**: a Instrução Primária em Sergipe no Século XIX (1826-1889). Fortaleza: Edições UFC, 2013.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricas**: revisitando alguns aspectos primordiais para a Pesquisa Histórica. *Mouseion*, n. 12, maio-ago./2012, p. 129-159.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Escritas estudantis em periódicos escolares. **História da Educação** (Online). Porto Alegre, n. 40, maio/ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592013000200001. Acesso em: 26 mar. 2022.
- BOLIVAR, Antonio (org.) **Profissão professor**: o itinerário profissional e a construção da escola. São Paulo: EDUSC, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 8 ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim; revisão técnica Paula Montero. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, Edições, Sociedade Unipessoal, Lda., 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Org. Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SOUZA, Jean Costa. 'Ideias em movimento': José Augusto Garcez e a reinvenção do folclore no Museu Sergipano de Arte e Tradição (1948). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 14, n. 3, p. 1003-1024, 2019. Disponível em: http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222019000301003. Acesso em: 28 set. 2022.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Remate de Males: **Revista do Departamento de Teoria Literária**, Campinas, v. 19, n. esp., 1993, p. 81-89, 1993.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 169-191.

CARDOSO FILHO, Antonio. **Teoria da Literatura I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2011.

CARVALHO, Marta M. C. Pedagogia da Escola Nova e usos do impresso: itinerário de uma investigação. **Revista do Centro de Educação**, Santa Maria: UFSM, 2005, p. 87-104.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares. **Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**. Aracaju: Edise, 2017.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. A preservação do acervo documental do Colégio de Aplicação da UFS e a produção de pesquisas em História da Educação. *In: FERRONATO, Cristiano; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. (org.). Compreensões Historiográficas da Educação Brasileira*. Aracaju, SE: Criação Editora, 2022.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **Internar para educar: colégios-internatos no Brasil (1840-1950)**, (2012). 322 f. (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/13349>. Acesso em: 29 jun. 2022.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; MONTEIRO, Rísia Rodrigues; MELO, Rafaela Cravo de. Produção de documentação oral e preservação da memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. **Rev. Iberoam. Patrim. Histórico Educativo**, Campinas (SP), v. 4, n. 2, p. 379-395, jul./dez. 2018.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da.; NOGUEIRA, Maria Magna Menezes Correia. Preservação e organização documental: O Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação – Cemdap (Dossiê “Os arquivos e a construção do conhecimento histórico”). **Revistado Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v. 1, n. 48. p. 63-73, ago. 2018.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; SANTOS, Laísa Dias. A temática dos intelectuais na escrita da história da educação em Sergipe (2004-2018). **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 15, n. 35, p. 407-425, out./dez. 2019.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. Portal UFS – Histórico do Colégio de Aplicação da UFS. CODAP. UFS, [s.d.]. Disponível em: <https://codap.ufs.br/pagina/21385-historico-do-colegio-de-aplicacao-da-ufs>. Acesso em: 29 jun. 2022.

CORREIA, Elder Silva; ZOBOLI, Fábio. A filosofia da educação de John Dewey: entre o pragmatismo e a democracia. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 3, p. 1484-1497, 2020. DOI: 10.22633/rpge.v24i3.14093. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/14093>. Acesso em: 6 ago. 2022.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2003.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: Uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ESCOLANO, Antonio Benito. Memoria de la educacion y cultura de la escuela. **Revista REXE**, v. 2, n. 3, 2003.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed., Natal: EDUFRRN, 2014.

FERREIRA JR., Amarílio. **História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 8 ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

FINGER, Matthias. As implicações socioepistemológicas do método biográfico. *In*: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed., Natal: EDUFRRN, 2014.

FRAGO, Antônio Viñao. História de la educacion y história cultural posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, set./out./nov./dez., nº 0, 1995.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Formação de professores: demandas do passado e desafios do presente. **Pensar a Educação em Revista**, Curitiba/Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 5-19, out.-dez., 2015.

GALTER, M. I.; FAVORETO, A. John Dewey: um clássico da educação para a democracia. **Linhas Críticas**, v. 26, jan.-dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc.v26.2020.28281>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/28281>. Acesso em: 2 jul. 2022.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica**. 5. ed. São Paulo: Alínea, 2012.

GUIMARÃES, Mariza Alves. **Um olhar sobre a história da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1959-1996)**. 2016. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

HEYNEMANN, Claudia Beatriz. A história e os arquivos: anotações à margem dos documentos. **Ponto de Acesso**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 60–71, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3313>. Acesso em: 16 jun 2022.

JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena. **História Oral: desafios para o século XXI**. 20. ed., Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2000.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 1, 2001, p. 9-44.

LEAL, Rita de Cássia Dias. **O primeiro jardim de infância de Sergipe**: contribuição ao estudo da educação infantil (1932-1942). São Cristóvão (SE), 2004. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2004.

LIMA, Ana Paula dos Santos. A primeira instituição municipal de educação infantil em Aracaju: José Garcez Vieira (1944-1970). **Revista HISTEDBR online**, Campinas, n. 22, p. 150-163, jun. 2006 – ISSN 1676-2584.

LOPES, Marluce de Souza. **Interfaces de uma antropóloga**: As práticas de leitura e escrita de Beatriz Góis Dantas (1941-2013). Orientador: Joaquim Tavares da Conceição. 2020. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2020.

LOPES, Eliane Martha Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Práticas e estilo de pesquisa na história oral contemporânea. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da História Oral**. 8 ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos**: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991). 2016. 180 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/4754>. Acesso em: 22 jun. 2022.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos; SANTANA, Rosimeire Siqueira de; SOUZA, Josefa Eliana de. Carmelita Pinto Fontes e o Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1961-1967). **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú-MA, v. 1, n. 3, p. 331-344, Ed. Especial, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18766/2446-6549/interespaco.v1n3p331-344>. Acesso em: 10 set. 2021.

MARTIRES, J. G. **Do capelo ao fardão**: A inserção de professoras na Academia Sergipana de Letras no século XX. Orientador: Joaquim Tavares da Conceição. 2020. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2020.

MARTIRES, J. G. **“Flagrando a Vida”**: Trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014). Orientador: Joaquim Tavares da Conceição. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

MARTIRES, José Genivaldo; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. “A Escrita Feminina no Jornal Letras Sergipanas da Academia Sergipana de Letras (1984-1989)”. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 13, n. 32, p. 1-17, 2020. DOI:

<https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.12935>. Disponível em:
<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/12935> Acesso em: 13 jul. 2022.

MEDA, Juri. A “história material da escola” como fator de desenvolvimento da pesquisa histórico-educativa na Itália. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 07 - 28, 2015. DOI: 10.5965/1984723816302015007. Disponível em:
<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816302015007>. Acesso em: 16 nov. 2022.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios à história oral latino-americana: o caso do Brasil. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tânia Maria; ALBERTI, Verena. **História Oral: desafios para o século XXI**. 20 ed., Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed., São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. Gêneros narrativos em história oral. *In*: **Memórias e narrativas**. História oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020. p. 59-91.

MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva. **Os saberes e fazeres de Aglaé D'Ávila Fontes: uma educadora e mediadora cultural sergipana (1955-2005)**. 2021. 316 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/15461>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Imprensa estudantil: jornais da década de 1930. **Revista Universidade e Sociedade**, ano XI, n. 26, p. 78-82, fevereiro de 2002.

NEUFELD, Paulo Murillo. Personagem da História da Saúde III: Paracelso. **Rev. Bras. An. Clin.** v. 50, n. 3, 2018. DOI: 10.21877/2448-3877.201800805. Disponível em:
<http://www.rbac.org.br/artigos/volume-50-no-3-editorial/>. Acesso em: 2 jul. 2022.

NÓVOA, António (org.). **Vida de professores**. 2 ed., Porto: Porto Editora, 2013.

NÓVOA, António; FINGER, Matthias. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed., Natal: Edufrn, 2014.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1959-1968)**. 2008. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) – São Cristóvão: PPGED/Universidade Federal de Sergipe. 2008.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da educação e fontes. *In*: **Cadernos ANPED**. Belo Horizonte, n. 5, p. 7-64, 1993.

OLIVEIRA, Francisco de. Intelectuais, conhecimento e espaço público. **Revista Brasileira de Educação**, Anped, Rio de Janeiro, n. 18, set./dez. 2001.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)**. 2015. 319 f. Tese (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015. Disponível em:
<https://ri.ufs.br/handle/riufs/4589>. Acesso em: 2 jul. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 27, p. 369-386, 2011.

PAULILO, André Luiz. A cultura material da escola: apontamentos a partir da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/pQmNGpn7Qq6shHzBrQ4hWQQ/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337-356, set./dez. 2015.

PERES, Tirsa Regazzini. Educação Brasileira no Império. *In*: PALMA FILHO, J. C. **Cadernos de Formação: Formação de Professores – Educação, Cultura e Desenvolvimento**. Volume 1. 3. ed. São Paulo: Prograd/Unesp/Santa Clara Editora, 2005, p. 29-47.

PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. *In*: Saberes pedagógicos e atividades docentes. Campos, Edson Nascimento [et al.]. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

PINA, Maria Lígia Madureira. **A mulher na história**. Aracaju: Fundese, 1994

RODRIGUES, Cibele de Souza. **O Porvir, jornal literário e recreativo: propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874)**. Orientadora: Eva Siqueira Alves. 105 f.:il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2016.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do; MELO, Clarice Nascimento de. A educação jesuítica no Brasil colônia. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 61, p. 379-389, mar. 2015. ISSN: 1676-2584. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640534/8093>. Acesso em: 29 jun. 2021.

SALES, Gizelma Guimarães. Aspectos da análise da configuração textual de metodologia da linguagem (1949), de J. Budin. **Revista de Iniciação Científica (RIC)**. v. 10, n. 2, 2010. DOI: <https://doi.org/10.36311/1415-8612.2010.v10n2.364>

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

SANTOS, Ricardo Costa dos. **Ecos de um Brasil Francófono: a Língua Francesa no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1960 – 2013)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. 2020.

SANTOS, Silvaney Silva. **José Augusto Garcez, uma trajetória no campo intelectual sergipano (1938-1972)**. 2018. 103 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SILVA, Nemézio Augusto Álvares. **Educação integral e o Colégio de Aplicação da UFS: possibilidades e limites**. Orientador: Paulo Sérgio Marchelli. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. 231 f.:il.

SIRINELLI, Jean François. “Os Intelectuais”. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed., Rio de Janeiro, Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOUSA, Miriam Santos de. **História da Educação Brasileira**. São Luís: UFMA/NEaD, 2012.

SOUZA, Eliana. **História e Memória**. Universidade Federal de Sergipe (1968-2012). São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

SOUZA, Renilfran Cardoso de. **“Mestra na essência da palavra”**: trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941-1966). Orientador: Joaquim Tavares da Conceição. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, UFS, São Cristóvão/SE, 2017.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **História da literatura trajetória fundamentos problemas**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

SPELLER, John R. W. **Bourdieu e a literatura**. Teresina: EDUFPI, 2017.

STEPHANOU, M. Introdução – Jogos da memória nas esquinas dos tempos: territórios e práticas da pesquisa (auto)biográfica na pós-graduação em Educação no Brasil. *In*: SOUZA, E. C; PASSEGGI, M. C. (org.) **Pesquisa (auto)biográfica: cotidiano, imaginário e memória**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008c. p. 18-53.

TREBITSCH, Michel. **A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História Contemporânea**. História oral e multidisciplinaridade. Organização: Marieta de Moraes Ferreira. Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994.

URBIETA, Jéssica Lima; ASSIS Jacira Helena do Valle Pereira. 2021. “Práticas Escolares no Ginásio Dom Bosco (1937-1945): Em estudo o periódico Escolar O Ginásio”. **Educação**, v. 46, n. 1: e70, p. 1-28. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644443247>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/43247/pdf>. Acesso em: 22 jun. 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970), **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, 2003, p. 37-79.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *Intelligentsia* e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 16, p. 63-85, jan./abr. 2008.

WELLEK, René; WARREN, Austin. História literária. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é Literatura?. *In*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 19-30.